



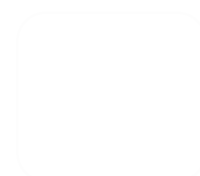
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE

Ítalo Franco Ribeiro

**Mobilidade do Capital e Estratégias Territoriais: perfil produtivo e a
dinâmica espacial da atividade industrial em Taubaté-SP**

Presidente Prudente

2015





Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Campus de Presidente Prudente – Faculdade de Ciências e Tecnologia
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Mobilidade do Capital e Estratégias Territoriais: Perfil Produtivo e a dinâmica espacial da atividade industrial em Taubaté-SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – FCT/UNESP – campus de Presidente Prudente – SP, sob orientação do Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Agência de fomento: FAPESP

Presidente Prudente

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

R369m Ribeiro, Ítalo Franco.
Mobilidade do capital e estratégias territoriais : perfil produtivo e a
dinâmica espacial da atividade industrial em Taubaté-SP / Ítalo Franco
Ribeiro. - Presidente Prudente : [s.n.], 2015
178 f.

Orientador: Eliseu Savério Sposito
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de
Ciências e Tecnologia
Inclui bibliografia

1. Indústria de transformação. 2. Divisão territorial do trabalho. 3.
Emprego. I. Sposito, Eliseu Savério. II. Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título

BANCA EXAMINADORA



PROF. DR. ELISEU SAVÉRIO SPOSITO
ORIENTADOR



PROF. DR. EVERALDO SANTOS MELAZZO
(FCT/UNESP)



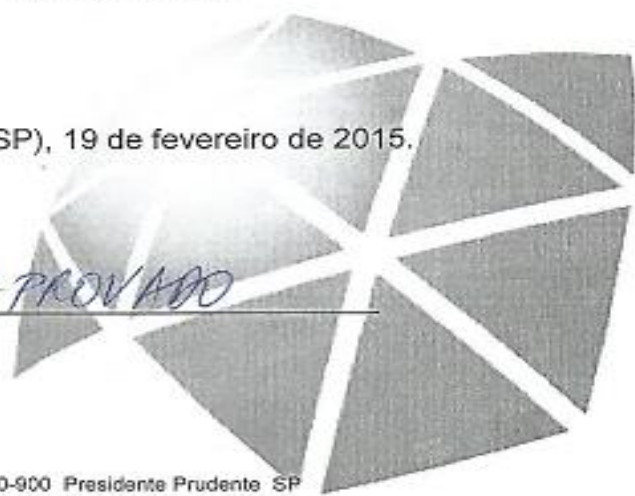
PROF. DR. LEANDRO BRUNO SANTOS
(UNESP/OURINHOS)



ÍTALO FRANCO RIBEIRO

Presidente Prudente (SP), 19 de fevereiro de 2015.

RESULTADO: APROVADO



Dedico esse trabalho à minha família,
especialmente à Juliana (minha
Julinda), que renovou a minha vida!

Agradecimentos

Agradeço a minha família pelo carinho, amor, atenção e a alegria constantes nessa minha trajetória, fortaleza que sempre pude contar. Ao meu pai, Luiz, e minha mãe, Toninha, como é conhecida a dona Maria Antônia, pela intensa presença mesmo de longe. Também, a minha irmã Giuliana e meu irmão Douglas, que sempre carrego em meu coração; Julia e Bruno, minha sobrinha e meu sobrinho amados, e este último, terrível; Nádia e Letícia, parte de nossa grande família. Amo vocês!

Agradeço a minha esposa, Juliana, a quem devo toda a alegria que hoje posso voltar a expressar. Por me devolver a emoção, os meus sorrisos, os meus sonhos. Sua presença, seus sorrisos e loucuras foram o combustível para que eu pudesse ter alcançado esse objetivo. Esse esforço é o seu esforço. Estou fechado com você. Obrigado Paixão!

Agradeço a minha sogra Júlia, meu sogro Ilson, minha cunhadinha Giovana e ao querido Ryan, por uma nova família que ganhei de presente.

Aos “cumpadres” e “cumadres”, Catão, Raquel, Marlon e Halita, Paçoca e Andrezão; Ainda, Edna e Wagner, grande amiga e amigo que a vida me presenteou. A vocês agradeço pela parceria e amizade de todas as horas, principalmente nas mais difíceis. Obrigado por estarem sempre por perto, pela força, carinho, atenção e, sobretudo, por serem, para mim e para a Jú, parte de nossa família; Ao amigo Mirim, meu grande amigo desde menino, parceiro, um irmão; Também, às amigas Aline e Hellen, pela força e contribuição para a conclusão desse trabalho.

Agradeço ao Sindicato dos Metalúrgicos e Sindicatos dos Químicos de Taubaté pela disponibilidade de entrevistas, informações e banco de dados, especificamente a Fábio Godoy, Igor Pinheiro e Emerson Donizete Timóteo; ao professor Trajano, da UNITAU, pela disponibilidade e atenção e também ao geógrafo Vinícius Nunes da Silva. Sobretudo, agradeço aos trabalhadores e trabalhadoras de Taubaté, que não somente contribuíram significativamente para essa pesquisa, mas em minha formação como geógrafo e pessoa.

Ao Eliseu, orientador desse trabalho, obrigado pela oportunidade de aprender contigo os caminhos e descaminhos de uma pesquisa.

Ao professor Everaldo, pela enorme atenção e por ter contribuído significativamente com o processo de construção desse trabalho, no exame de qualificação e em outros momentos, sempre disposto a ajudar. Obrigado!

Agradeço também ao Leandro Bruno, prontamente aceitou o nosso convite para fazer parte da banca. Suas sugestões, críticas e provocações demonstraram uma plena e cuidadosa avaliação de nosso trabalho.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa de estudos que me propiciou a oportunidade e o privilégio de estudar.

Resumo

Considerando os diferentes estágios do processo de acumulação capitalista, esta pesquisa tem como foco identificar os principais fatores que paulatinamente constituíram o atual perfil industrial da cidade de Taubaté-SP e redefiniram seus papéis na divisão do trabalho industrial brasileiro. A partir de um conjunto de dados e informações referentes aos diferentes subsetores da indústria de transformação realizamos um esforço para compreender quais foram os processos e dinâmicas que produziram um significativo nível de concentração e especialização em segmentos específicos do setor industrial, os quais, ao promoverem intensas interações espaciais em múltiplas escalas para a realização da produção, conferiram a esse espaço industrial contornos específicos que os diferencia de outros nas escalas regional, estadual e mesmo nacional. Ao atentarmos para as dinâmicas históricas que produzem continuamente seletivos espaços para a expansão da reprodução do capital industrial, observamos um conjunto de determinantes socioespaciais que se consolidaram ao longo do século XX e reposicionaram as características da situação geográfica para a atuação de parcelas do capital industrial com importância significativa para a economia brasileira. Paralelamente, também buscamos pôr em relevo o perfil dessa indústria localizada na cidade por meio da dinâmica dos empregos formais em cada ramo de atividade. Esse procedimento teve como objetivo demonstrar as mudanças na indústria localizada em Taubaté procurando compreender os processos que são comuns, tanto entre os capitais localizados nesse espaço e em outros, como as particularidades que podem ser evidenciadas dessa comparação, de modo a ressaltar os mecanismos mais gerais que permeiam a atuação desse setor e quais seus desdobramentos para os diferentes espaços que estão inseridos em sua lógica de reprodução.

Palavras chave: Indústria de transformação, Perfil produtivo, Divisão territorial do trabalho, Emprego e Situação geográfica.

Resumen

Al considerar los diferentes estadios del proceso de acumulación capitalista, esta investigación tiene como eje identificar los principales factores que paulatinamente constituyeron el actual perfil industrial de la ciudad de Taubaté-SP y redefinieron sus papeles en la división del trabajo industrial brasileiro. A partir de un conjunto de datos e informaciones referidas a los diferentes subsectores de la industria de transformación, realizamos un esfuerzo para comprender cuáles fueron los procesos y dinámicas que produjeron en ese espacio un significativo nivel de concentración y especialización en segmentos específicos del sector industrial, los cuales al promover intensas interacciones espaciales en múltiples escalas para la realización de la producción, confieren a ese espacio industrial perfiles específicos que lo diferencia de otros en la escalas regional, estadual, e inclusive nacional. Al notar con atención las dinámicas históricas que producen continuamente selectivos espacios para la expansión de la reproducción del capital industrial, observamos un conjunto de determinantes socioespaciales que se consolidaron a lo largo del siglo XX y reposicionaron las características de la situación geográfica para la actuación de segmentos del capital industrial con importancia significativa para la economía brasileira. Paralelamente, también buscamos resaltar el perfil de esa industria localizada en la ciudad por medio de la dinámica de los empleos formales en cada ramo de actividad. Tal procedimiento tuvo como objetivo demostrar los cambios en la industria localizada en Taubaté con el fin de comprender los procesos que son comunes tanto entre los capitales localizados en ese espacio y en otros, así como las particularidades que pueden ser evidenciadas de esa comparación, de modo que se resalten los mecanismos más generales que permean la actuación de ese sector y cuáles son sus implicaciones para los diferentes espacios que están insertos en su lógica de reproducción.

Palabras-clave: Industria de transformación, perfil productivo, division territorial del trabajo, Empleo y Situación geográfica.

Abstract

Considering the different stages of the process of capitalist accumulation, this research focuses on identifying the main factors that gradually formed the current industrial profile of the city of Taubaté-SP and redefined their roles in the division of Brazilian industrial work. From a set of data and information relating to different sub-sectors of the manufacturing industry, we made an effort to understand what were the processes and dynamics that produced in this space a significant level of concentration and specialization in specific segments of the industrial sector, which by promoting intense spatial interactions at multiple scales to carry out the production, give this industrial space distinctive features that sets them apart from others in regional, state and even national scales. To pay attention to the historical dynamics that produce continuously selective spaces for the expansion of reproduction of industrial capital, we observe a set of socio-spatial determinants that have been consolidated throughout the twentieth century and repositioned the characteristics of the geographical situation to the performance of the industrial capital installments with significant importance for the Brazilian economy. At the same time, we also seek to highlight the profile of the industry located in the city through the dynamics of formal jobs in each branch of industrial activity. This procedure aimed to demonstrate the changes in the industry located in Taubaté seeking to understand, both the processes that are common among capitals located in this space and in others, as the particularities that can be evidenced this comparison in order to highlight the more general mechanisms that permeate the performance of this sector and what their impacts on the different spaces that are entered into its reproduction logic.

Keywords: Transformation industry; Profile productive; Territorial division of labor; Employment; Geographical situation.

Lista de Siglas

ACIT - Associação Comercial e Industrial de Taubaté

ALICEWEB/MDIC-SECEX - Ministério de desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior-
Secretaria de Comércio Exterior

ANFAVEA - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores

ANTT - Agência Nacional de Transportes Terrestres

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

CNC - Controle Numérico Computadorizado

CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

CODIVAP - Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba

EMBRAER - Empresa Brasileira de Aeronáutica SA

ETEC - Escolas Técnicas Estaduais

FATEC - Faculdade de Tecnologia

FITEJUTA - Fiação e Tecelagem de Juta Amazônia

FOB - Termo referente ao comercio internacional (INCOTERM) cuja sigla na língua inglesa
significa *free on board*

IAC- Instituto Agrônômico de Campinas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPEADATA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPI - Imposto sobre Produtos Industrializados

JUCESP - Junta Comercial do Estado de São Paulo

MEDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

MEDIC/SECEX - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/Secretaria
de Comércio Exterior

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

PIB - Produto Interno Bruto

RA - Região Administrativa

RAIS - Relação anual de Informações Sociais

RASJC - Região Administrativa de São José dos Campos

RMSP - Região Metropolitana de São Paulo

SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

SECEX - Secretaria de Comércio Exterior

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas

SECEX - Ministério de desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior-Secretaria de Comércio Exterior

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SINCO - Um estabelecimento comercial de varejo e atacado que atuam em escala regional, nacional e internacional.

SINDIMETAU - Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté

TENCO - Grupo que atua na concepção e desenvolvimento, implantação e gestão de shoppings centers em várias cidades brasileiras

UNITAU - Universidade de Taubaté

VAF - Valor Adicionado Fiscal

VPP - Vale do Paraíba Paulista

VTI - Valor de Transformação Industrial

Sumário

| | |
|---|-----|
| Resumo..... | 4 |
| Resumen..... | 10 |
| Abstract..... | 11 |
| Introdução..... | 18 |
| PRIMEIRO CAPÍTULO..... | 25 |
| <i>Dinâmica espacial do capital e a atividade industrial na cidade de Taubaté-SP</i> | 25 |
| 1.1 Perfil econômico produtivo de Taubaté-SP: os setores econômicos, ramos industriais, concentração e especialização industrial..... | 28 |
| 1.2 A atividade industrial no espaço da cidade: as zonas industriais em Taubaté..... | 38 |
| 1.3 Características dos principais ramos de atividade industrial da cidade: especialização, localização e concentração do ramo de material de transporte..... | 45 |
| 1.4 Dinâmica especial da indústria: os fluxos de importação e exportação..... | 57 |
| SEGUNDO CAPÍTULO..... | 77 |
| <i>A industrialização do estado de São Paulo e as especificidades da atividade industrial no Vale do Paraíba paulista: origem, agentes, escalas e processos</i> | 77 |
| 2.1 Atividade industrial e a industrialização: considerações sobre o fenômeno e o processo..... | 79 |
| 2.2 Notas sobre o histórico das atividades industriais no Vale do Paraíba paulista e Taubaté: origem e agentes..... | 85 |
| 2.3 O processo de industrialização do Vale do Paraíba paulista e a estruturação do setor industrial em Taubaté: agentes, escalas e processos..... | 98 |
| TERCEIRO CAPÍTULO..... | 127 |
| <i>Mudanças na indústria de Taubaté: a globalização, a reestruturação produtiva e o emprego</i> | 127 |
| 3.1 Globalização do capital e reestruturação produtiva: reorganização da atividade produtiva e transformações do emprego fabril..... | 129 |
| 3.2 Evolução dos empregos formais na indústria de transformação no Brasil..... | 139 |
| 3.3 Características do emprego formal na indústria de transformação: evolução, perfil, diferenças salariais e contrastes regionais..... | 145 |
| Considerações finais..... | 164 |
| Bibliografia..... | 171 |

Lista de mapas

| | |
|--|-----|
| Mapa 1. Situação Geográfica do Município de Taubaté-SP | 30 |
| Mapa 2. Localização de áreas industriais em Taubaté | 41 |
| Mapa 3. Localização do distrito industrial Una I e II..... | 42 |
| Mapa 4. Localização do distrito industrial Piracangaguá I e II..... | 43 |
| Mapa 5. Coeficiente de concentração, Especialização e Localização do subsetor de atividade de material de transporte no Estado de São Paulo..... | 53 |
| Mapa 6. Coeficiente de Concentração, Especialização e Localização do subsetor de atividade de material de transporte na Região Administrativa de São José dos Campos | 54 |
| Mapa 7. Importações realizadas pelas empresas do setor industrial de Taubaté, 2012..... | 73 |
| Mapa 8. Exportações realizadas pelas empresas do setor industrial de Taubaté, 2012..... | 74 |
| Mapa 9. Evolução da área urbana entre o século XVII e XX. | 95 |
| Mapa 10. Localização das principais indústrias de Taubaté entre o século XIX e os anos 1970. | 104 |

Lista de tabelas

| | |
|--|-----|
| Tabela 1. População e Produto Interno Bruto dos municípios do eixo do VPP, na RA de São José dos Campos, absoluto e percentual, 2010..... | 33 |
| Tabela 2. Estabelecimentos e vínculos empregatícios em Taubaté e na RA de São José dos Campos, 2012..... | 35 |
| Tabela 3. Valor Adicionado Fiscal no município de Taubaté e na RA de São José dos Campos, absoluto e porcentual, 2011 | 38 |
| Tabela 4. Perfil dos subsetores de atividade de indústria de transformação em Taubaté, 2012 | 46 |
| Tabela 5. Distribuição dos empregos formais da indústria de transformação, segundo tamanho dos estabelecimentos no município de Taubaté, 2012 | 47 |
| Tabela 6. Evolução percentual dos estabelecimentos da indústria de transformação nas Regiões Administrativas de São Paulo e na RMSP, 1985 – 2012. 1985 = 100%; Demais anos, porcentual acumulado em relação ao ano de 1985 | 113 |
| Tabela 7. Participação (%) das RA's e da RMSP no total dos subsetores da indústria transformação em atividade no Estado de São Paulo, 2012..... | |
| Tabela 8. Evolução dos estabelecimentos industriais na RA de São José dos Campos..... | |

| | |
|--|-----|
| Tabela 9. Evolução do emprego formal na indústria de transformação, segundo subsetores de atividade. Brasil 1989 – 1999. Brasil 1989 valor absoluto = 100; Demais anos, percentual. | 140 |
| Tabela 10. Evolução do emprego formal na indústria de transformação, segundo subsetores de atividade. Região Metropolitana de São Paulo e Interior e Litoral Paulista 1989 – 1999. 1989 valor absoluto = 100; Demais anos, percentual..... | 143 |
| Tabela 11. Evolução dos estabelecimentos e dos vínculos da indústria de transformação na RMSP, RA de São José dos Campos e Taubaté, em valores absolutos e relativos, 1985 – 2012. 1985 = 100; Demais anos, percentual acumulado em relação ao ano de 1985 | 146 |
| Tabela 12. Número de empregos em relação à quantidade de estabelecimentos da indústria de transformação | 149 |
| Tabela 13. Evolução percentual dos estabelecimentos da indústria de transformação na RMSP, RA de São José dos Campos e Taubaté, segundo tamanho do estabelecimento entre 1985 – 2012. Ano de 1985 = 100%..... | 150 |
| Tabela 14. Distribuição dos empregos da indústria de transformação no município de Taubaté, segundo tamanho dos estabelecimentos e subsetores - IBGE, 2012 | 153 |
| Tabela 15. Grau de Instrução dos trabalhadores e trabalhadoras da indústria de transformação na Região Metropolitana de São Paulo e no município de Taubaté..... | 156 |
| Tabela 16. Evolução da remuneração média dos vínculos empregatícios da indústria de transformação na Região Metropolitana de São Paulo, Região Administrativa de São José dos Campos e Taubaté | 159 |

Lista de quadros

| | |
|--|----|
| Quadro 1. Principais produtos exportados - Taubaté, 2012 | 60 |
| Quadro 2. Principais produtos Importados, Taubaté, 2012 | 63 |
| Quadro 3. Principais empresas exportadoras e origem do capital | 66 |
| Quadro 4. Principais empresas importadoras e origem do capital | 67 |

Lista de gráficos

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1. Participação percentual das regiões do estado no valor adicionado da i Total do VA do estado em 1985: 164.904.278,62 = 100% | 117 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| Gráfico 2. Distribuição dos empregos formais na indústria de transformação, segundo tamanho dos estabelecimentos, em termos percentuais, na Região Metropolitana de São Paulo e RASJC e Taubaté, 1985 – 2012..... | 152 |
| Gráfico 3. Participação do subsetor de material de transportes e mecânica no conjunto dos empregos formais da indústria de Transformação no município de Taubaté..... | 154 |
| Gráfico 4. Evolução da remuneração média dos vínculos empregatícios da indústria de transformação na Região Metropolitana de São Paulo, Região Administrativa de São José dos Campos e Taubaté | 161 |

Painel fotográfico

| | |
|----------------------------|----|
| Painel fotográfico 1 | 44 |
|----------------------------|----|



Introdução

A presente dissertação é tributária de um esforço maior de pesquisas no qual aglutinou inúmeros pesquisadores de diferentes instituições para compreender e propor novas interpretações acerca da atual dinâmica econômica e industrial do Estado de São Paulo.

À luz do projeto temático da FAPESP “**O novo mapa da indústria no início do século XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no Estado de São Paulo**” buscamos dialogar com um conjunto de questões que foram abordadas por esse coletivo no sentido de contribuir um pouco mais com as discussões em torno das mudanças recentes na atividade industrial paulista e seus desdobramentos no plano espacial.

Nesse sentido, diante da recente dinâmica econômica no âmbito do estado de São Paulo, que envolve desde as redefinições das funções da metrópole paulista no conjunto da economia do país até o reposicionamento de diferentes aglomerações urbanas do interior do estado na divisão do trabalho em escalas regional, nacional e até mesmo internacional, intentamos compreender, a partir da atividade industrial localizada no município de Taubaté, as mudanças na divisão territorial do trabalho e a paulatina configuração de um arranjo produtivo que expressa particularidades desse movimento mais geral, embora dentro de um contexto regional específico.

De posse dos principais resultados oriundos das pesquisas desse coletivo de pesquisadores e com base em ampla literatura acerca da Geografia Econômica e sua interface com outras disciplinas, tomamos como referência para nossas análises a dinâmica industrial centrada em Taubaté-SP, cidade localizada no eixo que liga as capitais do Rio de Janeiro e São Paulo, a qual apresenta intensa atividade do setor industrial e concentra segmentos de grande relevância para o conjunto da economia e da indústria nacional.

Nessa dissertação procuramos fazer emergir uma série de elementos que contribuíram para identificarmos o tipo de indústria localizado nessa cidade e o seu perfil econômico produtivo. Esse procedimento demonstrou que o peso das atividades de parte dos setores da indústria de transformação não se restringe à escala local, mas transborda para grande parte da região em que estão inseridas, o Vale do Paraíba paulista. Paralelamente, por se tratar de um eixo com grande presença de empresas multinacionais, buscamos entender quais são os fatores que historicamente constituíram, nessa área, as condições necessárias capazes de influir no conjunto de estratégias e decisões locais de grandes agentes econômicos e atrair para si essas frações do capital industrial, os quais realçam os principais atributos da situação geográfica de Taubaté e produzem um perfil econômico produtivo específico que a diferencia de outras cidades.

Por essa via, a compreensão de tais relações nos permitiu apreender, no âmbito das recentes mudanças na dinâmica econômica do estado de São Paulo, as especificidades

econômicas e as mudanças no setor produtivo de Taubaté através da identificação dos ramos industriais, dos graus de especialização e concentração da produção, da origem dos capitais, da estrutura do emprego fabril e, inclusive, das interações espaciais estabelecidas entre as empresas do setor industrial em diferentes escalas geográficas. Portanto, um conjunto de elementos que produzem articulações de diferentes naturezas e se constituem em produto ao mesmo tempo que (re)qualificam os papéis desempenhados por esta cidade no âmbito da divisão do trabalho em diferentes escalas.

Estrutura da Dissertação

A estrutura desse trabalho tem uma peculiaridade que aos olhos menos atentos poderia se apresentar de maneira incoerente, pois o leitor não encontrará aqui o encadeamento dos argumentos de maneira linear, como é mais comumente encontrado nos trabalhos acadêmicos, uma estrutura já consolidada em que a exposição é iniciada a partir do contexto histórico de constituição dos elementos, dos processos e dinâmicas de cada tema pesquisado. Essa não foi a proposta que privilegiamos para o desenvolvimento dos assuntos abordados ao longo dessa dissertação, pois iniciaremos o curso da nossa narrativa a partir das considerações acerca do atual contexto produtivo e econômico da cidade de Taubaté, o qual nos deu um conteúdo empírico para orientar o eixo de nossas análises sobre o tema pesquisado.

O primeiro capítulo é dedicado a demonstrar o caráter específico da dinâmica industrial local por meio da identificação dos ramos de atividades industriais, da origem e o ano de instalação desses capitais, averiguar a densidade da atividade industrial de maneira a demonstrar especializações produtivas, assim como graus de concentração dessas atividades na cidade e as interações espaciais efetivadas pela indústria local a partir do movimento dos produtos no comércio internacional.

Desse conjunto de informações pudemos traçar um perfil produtivo local e situá-lo no amplo processo de reprodução do capital industrial, cujo circuito de produção revela um gradiente de valorização dos espaços segundo as vantagens que esses capitais possam extrair a partir do uso dos territórios.

Assim, ressaltamos os atributos da situação geográfica como uma importante condicionante para a concentração e especialização da produção em segmentos específicos do setor industrial, diferenciando suas características produtivas de outras cidades e revelando os atuais papéis desempenhados por Taubaté na divisão do trabalho industrial.

As características do perfil produtivo, da intensidade e extensão das interações espaciais realizadas pelas empresas localizadas em Taubaté, bem como os atributos dessa situação geográfica, pouco se explicam somente pela sua configuração local atual, pois esse arranjo espacial contemporâneo é tributário de condições originadas em outros tempos e escalas.

Nesse sentido, no segundo capítulo mudaremos o plano analítico com o objetivo de perfazer uma abordagem em outras escalas que nos permitam por em relevo os processos que constituíram paulatinamente esse importante espaço industrial paulista. Ao atentarmos para aos processos históricos de produção desse espaço, observamos distintas lógicas de des(valorização) em diferentes períodos econômicos do país, cujas principais determinações demarcam dinâmicas de ordem macroeconômica, nacionais, estaduais e regionais, inscrevendo mudanças políticas e sociais, novos conteúdos econômicos, além de um conjunto de condições materiais que possibilitaram tanto a diversificação das atividades industriais, quanto o próprio processo de industrialização.

Desse debate conseguimos vislumbrar a dimensão territorial dos processos de ampliação do circuito de produção industrial no estado de São Paulo, destacando a lógica desigual de produção dessa estrutura espacial e o seletivo adensamento das relações econômicas impulsionadas pelo conjunto de articulações oriundas das atividades da indústria, cujos novos padrões locacionais reposicionaram e redefiniram os papéis das diferentes aglomerações urbanas na divisão regional do trabalho e orientaram o privilegiamento de algumas localidades para a continuidade do processo de reprodução industrial em sua nova fase, marcada por reestruturações e pelas mudanças no padrão concorrencial intercapitalista em escala global.

No terceiro capítulo centramos nossas atenções novamente à escala da cidade. Conquanto nos capítulos anteriores nossas análises tenham permitido um acúmulo de ideias acerca das atividades dos diferentes ramos da indústria, dos processos que viabilizaram a desconcentração espacial do setor e a conseqüente redefinição da divisão territorial do trabalho, nesse capítulo o enfoque recai sobre um elemento fundamental para o funcionamento das atividades do setor industrial, o emprego.

Referendados no amplo conjunto de transformações no padrão de acumulação capitalista que engendraram novos modelos mais flexíveis de organização das atividades de administração e produção, ressaltamos os desdobramentos desses processos para as mudanças no setor industrial, principalmente àquelas voltadas à reformulação da estrutura do emprego.

Com base nos dados do emprego no setor industrial e a partir de comparações das características da composição dos vínculos empregatícios formais na indústria de

transformação da cidade, com sua região imediata e a aglomeração metropolitana de São Paulo, extraímos informações que nos permitem afirmar a ocorrência de mudanças no setor industrial que são de ordem mais geral, com rebatimento nessas três áreas, como também, mudanças que correspondem a contextos mais particulares, decorrentes da estrutura espacial na qual se localizam determinados ramos de atividade da indústria.

Por fim, realizamos um esforço de síntese do trabalho por meio de alguns apontamentos que definem nossos resultados de pesquisa ao mesmo tempo em que oferecem elementos que possam alimentar o aprofundamento desse debate, tanto no sentido de ampliar as questões aqui levantadas como refletir acerca das lacunas e das ideias que não foram plenamente debatidas.

Notas Metodológicas

Nas linhas que se seguem serão descritos os procedimentos metodológicos efetivados para a consecução da presente pesquisa, os quais contaram com a definição, levantamento e sistematização de dados secundários, informações obtidas por meio de entrevistas, publicações institucionais e de entidades e trabalhos de campo.

Como fonte de dados para a consecução desse trabalho, acessamos diversas bases de dados, em sua maioria constituída de dados oficiais disponibilizados por diferentes instâncias do Estado e, em menor medida, a partir de bases e publicações de diferentes instituições e entidades de classe.

As principais fontes de dados oficiais utilizadas nessa pesquisa foram as bases disponibilizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); Fundação SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados); ALICEWEB/MDIC-SECEX (Ministério de desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior-Secretaria de Comércio Exterior); IPEADATA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada); MTE/RAIS (Relação Anual de Informações Sociais – Ministério do Trabalho e Emprego); JUCESP (Junta Comercial do Estado de São Paulo).

Mais especificamente, a análises que efetivamos nessa pesquisa foi largamente apoiada na sistematização de um conjunto de informações extraídas a partir dos dados da RAIS. A seleção dos indicadores, das variáveis e a série histórica que utilizamos para definir a atual situação e as mudanças nas atividades industriais foi realizada obedecendo a metodologia de sistematização desses dados realizada pelo próprio MTE.

Privilegiamos uma série histórica entre os anos de 1985 e 2012 para demonstrar as dinâmicas do setor industrial a partir da inserção da economia brasileira em um novo cenário econômico mundial que se estruturara a partir dos anos 1970. Para esse efeito, as variáveis que nos permitiram uma melhor sistematização foram àquelas que desagregam o setor da indústria de transformação em 12 ramos de atividades, definidas pelos subsetores de atividade industrial elaborada pelo IBGE.

Essa postura se justifica pela manutenção da metodologia de coleta dos dados por esse órgão oficial, não requerendo, portanto, adaptações para a composição dessa longa série histórica de dados. Assim, buscamos correlacionar os dados segundo as seguintes variáveis:

- Número de estabelecimentos da indústria de transformação;
- Desagregação dos estabelecimentos da indústria de transformação a partir dos 12 subsetores de atividade industrial;
- Massa salarial na indústria de transformação;
- Remuneração média dos vínculos empregatícios na indústria de transformação;
- Grau de instrução dos vínculos empregatícios na indústria de transformação;
- Total de vínculos empregatícios na indústria de transformação e segundo a desagregação dos subsetores de atividade que a compõem.

A definição de tais variáveis colaborou para a construção de um conjunto de indicadores que foram submetidos a objetivos mais amplos, verificar a dinâmica do emprego industrial no país, por exemplo. E, também, aqueles mais específicos, que nos permitiram evidenciar particularidades na estrutura dos empregos industriais nas áreas que submetemos à análise comparativa.

Ainda, a partir dos dados obtidos junto à RAIS, elaboramos um conjunto de índices propostos por Thery (2006), no Atlas da Economia Paulista, publicado pela Fundação SEADE, que compreende diferentes níveis de especialização, concentração e localização das atividades industriais nos municípios paulistas. A partir dessa metodologia ressaltamos a importância do principal segmento de atividade da indústria de transformação em Taubaté, a indústria de material de transporte.

Finalmente, os dados complementares que serviram de apoio para nossas análises, acerca das articulações em diferentes escalas realizadas pelas empresas de Taubaté, foram sistematizados a partir do programa AliceWeb, do Ministério de desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Por meio dessa plataforma construímos mapas e quadros que apresentam os movimentos de importação e exportação, os produtos comercializados, os países de origem

e destino, o volume dessas trocas e os ramos industriais envolvidos no comércio internacional.

Os dados dispostos nos quadros apresentados no primeiro capítulo foram complementados com as informações coletadas junto ao sítio na internet da JUCESP, acerca da origem dos capitais dessas empresas exportadoras e importadoras e o ano de instalação.

Entrevistas e trabalhos de campo

Ao longo dessa pesquisa foram efetivados três trabalhos de campo de maneira sistematizada, previamente elaborados e orientados segundo as necessidades de pesquisa em seus diferentes estágios. Afirmamos ainda que realizamos mais dois trabalhos de campo com o objetivo de localizar as empresas do setor industrial para confecção de materiais cartográficos que estão dispostos ao longo do texto.

Em geral, os trabalhos de campo foram dirigidos a partir da necessidade da coleta de materiais que envolvem o tema estudado, informações junto ao poder público municipal, entidades de classe, associações do comércio e indústria da cidade. Paralelamente, foram realizadas entrevistas abertas com diferentes atores envolvidos nesse processo, junto ao poder público, universidade, sindicatos e trabalhadores e trabalhadoras de diferentes ramos da indústria local.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Dinâmica espacial do capital e a atividade industrial na cidade de Taubaté-SP



Neste capítulo tivemos como objetivos apresentar a conformação econômica produtiva de Taubaté, o recorte analítico empreendido e os processos que materializam as condições fundamentais para o desenvolvimento da atividade industrial desse município.

Nossa proposta de redação privilegiou o tempo presente como ponto de partida para a exposição dos argumentos acerca do objeto de estudo. Ao procedermos dessa forma não tivemos o intento de tomar os eventos históricos que permeiam essa pesquisa como menos importantes em relação ao presente, como se verá no capítulo seguinte, mas agir conforme proposição de Santos (2012, p.32), ao sugerir que em uma pesquisa em Geografia o “objeto de análise é o presente” e a análise histórica um “indispensável suporte para a compreensão de sua produção”. Assim, a demarcação das formas constitutivas do presente é o eixo condutor da análise aqui explorada.

Dito isso, é importante dizer que foi possível demonstrar as principais características do perfil produtivo local e examinar, de maneira simultânea, os elementos condicionantes para a atividade industrial. No plano analítico, a estrutura argumentativa se justifica por entendermos que as particularidades das dinâmicas espaciais ali encontradas não são independentes de movimentos mais gerais, pois guardam relações com processos variados e atuantes em diferentes escalas geográficas.

A compreensão dessas múltiplas relações permitiu apreender, no contexto das transformações econômicas do país e, mais especificamente, do estado de São Paulo, as particularidades econômicas e produtivas da escala local por meio da identificação dos capitais e das interações espaciais estabelecidas entre os grandes agentes econômicos em diferentes escalas geográficas, os quais reforçam e condicionam suas características funcionais no âmbito da divisão territorial do trabalho, não somente em escala regional, mas nacional e internacional.

As características produtivas dos principais setores industriais presentes na cidade somada à sua atual configuração espacial, as quais reforçam os atributos de concentração e especialização em segmentos específicos da indústria de transformação, demonstram processos espaciais decorrentes do jogo concorrencial operado por grandes agentes econômicos em amplas escalas e que implicam diretamente nas suas decisões locais.

Tal configuração do setor industrial em Taubaté, por um lado, propicia, na escala da rede urbana, o estabelecimento de relações mais imediatas que se efetivam por meio dos serviços especializados destinados à indústria – transporte, manutenção, reparação, instalação de máquinas e equipamentos *etc.* –, do fluxo cotidiano de trabalhadoras e trabalhadores e da circulação de matéria-prima e produtos industriais, seja de capitais locais, em ramos da indústria de transformação mais intensivos em trabalho, ou de capitais nacional e

multinacional, com maior complexidade tecnológica, através dos setores centrados na produção de bens duráveis (SEADE, 2010). Por outro lado, além das articulações próximas, a forte presença de capitais extra locais e multinacionais vincula essa cidade a diferentes distâncias que demonstram, pela natureza de suas atividades, a amplitude da atuação desses agentes em diferentes mercados; extrapolam a dimensão regional, e mesmo nacional, e conectam o local a diferentes espaços segundo suas lógicas de atuação.

A extensão e a intensidade dos variados movimentos, impulsionados, sobretudo, pelos avanços técnicos e tecnológicos que permitem maior fluidez nos deslocamentos e às comunicações, demonstram a capacidade desses agentes em articular e mobilizar, por meio da cooperação ou da concorrência, diferentes lugares para o processo de produção e acumulação industrial, tornando as etapas de produção cada vez menos fixadas à escala local ou a próximas distâncias, ampliando a complexidade da divisão territorial do trabalho. Essa dinâmica produz continuamente redefinições econômicas e territoriais que se expressam na intensidade das interações em múltiplas escalas, na (des)valorização simultânea dos lugares e demonstram a feição seletiva e desigual do desenvolvimento capitalista.

A natureza dos intercâmbios podem demonstrar um gradiente na complexidade dos lugares envolvidos no circuito de produção industrial e revelar possíveis condicionantes que determinam uma valorização diferencial dessas áreas para setores específicos da indústria de transformação. Esse mecanismo se realiza em função da disponibilidade de fatores adaptados às demandas produtivas, os quais são capazes de amalgamar vantagens para a reprodução dos capitais individuais e, dessa forma, emergir especializações produtivas devido ao uso seletivo desses espaços (ARROYO, 2006) à proporção que mantêm, simultaneamente, relações complementares e de competição com outras localidades, condicionando a configuração espacial local e dos diferentes pontos aos quais se liga (SPOSITO, 2004).

Desse modo, ao reconhecermos a importância dessas dinâmicas territoriais para o desenvolvimento das atividades industriais, o nosso foco recai sobre a identificação dos atributos locais determinantes para a atração de investimentos de ramos específicos da indústria de transformação sem perder a dimensão de processos mais amplos que os combinam e corroboram com as demandas produtivas setor industrial. Com isso, pretendemos demonstrar o caráter específico da dinâmica produtiva local.

1.1 Perfil econômico produtivo de Taubaté-SP: os setores econômicos, ramos industriais, concentração e especialização industrial

O município de Taubaté está localizado na porção leste do estado de São Paulo, região do Médio Vale do Paraíba, assim conhecida por se estender ao longo do curso do rio Paraíba do Sul, dista aproximadamente 123 km da cidade de São Paulo e 280 km da cidade do Rio de Janeiro. Está situado às margens da rodovia Presidente Dutra (BR-116), eixo de interligação das capitais dos estados do RJ e SP, via responsável pelo maior volume de tráfego de veículos do país (ANTT, 2012)¹ e no entroncamento desta com a rodovia Carvalho Pinto (SP-070), que liga Taubaté à capital do estado. Como podem ser observadas no mapa a seguir, as maiores manchas urbanas da região estão dispostas em eixo, seguindo os traçados das infraestruturas de transporte terrestre, a ferrovia e rodovia, e ao longo da calha do rio Paraíba do Sul.

A disposição dos centros urbanos e, conseqüentemente, das estruturas físicas que atualmente compõem a paisagem dessa área foi amoldada às feições do relevo, conhecida como Bacia de Taubaté (BJORNBERG, 1968), caracterizada por um grande vale rebaixado ladeado por um conjunto extenso de mares de morros (AB´SABER, 2003) e limitado pelos contrafortes da serra do Mar a sul e da elevada cadeia montanhosa da serra da Mantiqueira a norte.

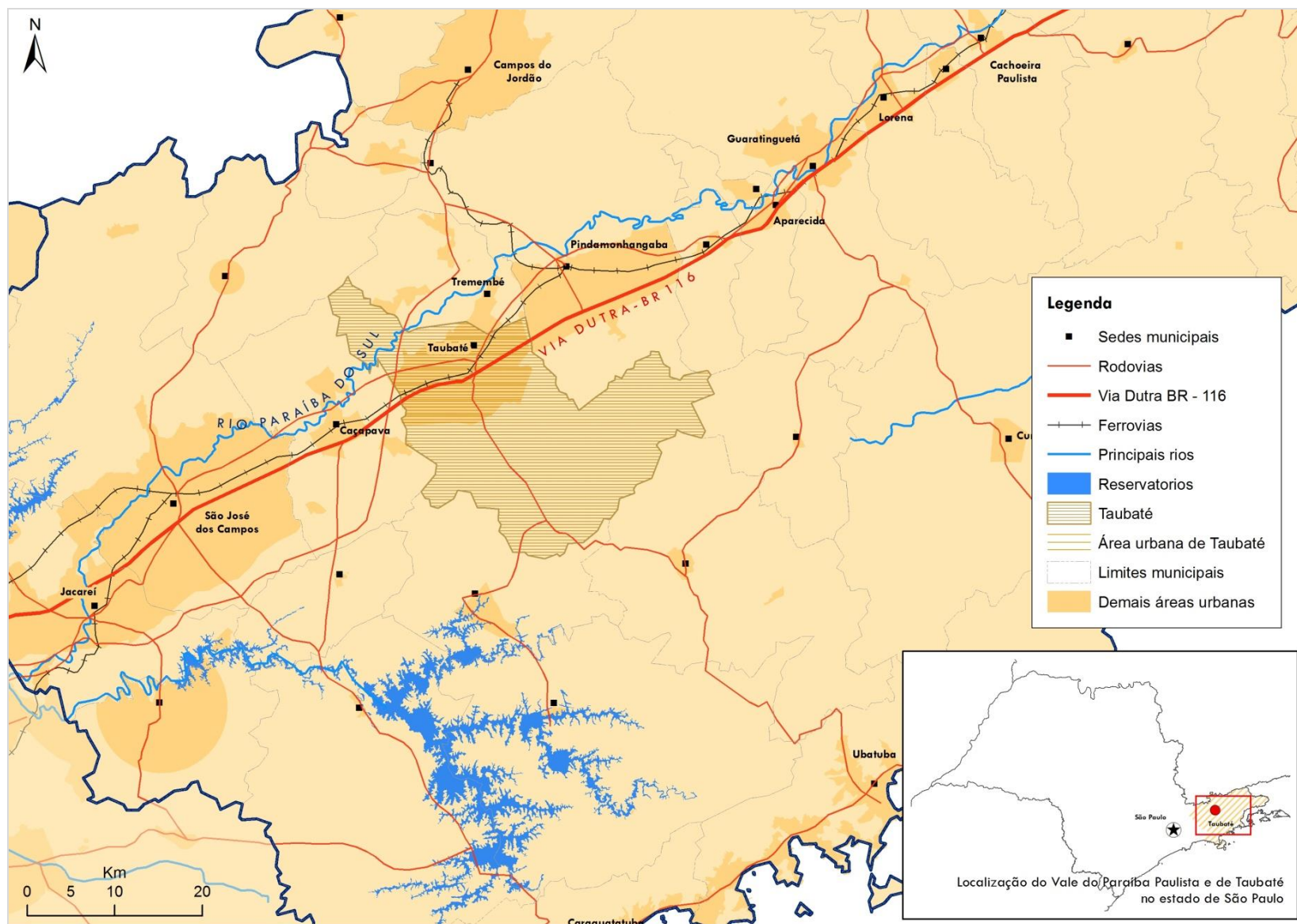
As cidades localizadas ao longo do eixo citado dispõem de um quadro natural e de um conjunto artificial de estruturas espaciais que favoreceram, em diferentes momentos e contextos, o desenvolvimento de processos espaciais que estruturaram e consolidaram um arranjo espacial singular, portador de formas e conteúdos específicos e atualmente valorizadas por determinadas frações do capital produtivo. As manchas urbanas visíveis no mapa denotam a formação de um importante eixo que compreende as cidades com maior dinamismo econômico da região.

Assim, podemos inferir que os aspectos fundamentais definidores da sua forma e das características da dinâmica econômica regional estão intimamente ligados, sobretudo, à sua situação geográfica. Não se trata, assim, de examinar tão somente tal configuração pelos atributos geográficos, ou seja, pelas localizações em si, que expressam as características do sítio, o qual manifesta, principalmente, as condições topográficas e define determinado local

¹ De acordo com o Relatório de Exploração de Infraestrutura Rodoviária 2012 da Agência Nacional de Transportes Terrestres, a NovaDutra S/A, concessionária que administra a rodovia BR-116, trecho entre as cidades de São Paulo-SP e Rio de Janeiro-RJ, com 402,1 km de extensão, registrou no ano de 2012 um total de 88.275.278 veículos pedagiados. Disponível em: <http://www.antt.gov.br/index.php/content/view/4983/Relatorios_Anuais___Rodovias_Federais_Concedidas.html>. Acesso em 08 de junho de 2014.

em função de seu uso (BRUNET, ROBERT, THÉRY, 1993), tampouco apenas pelos rebatimentos de lógicas vinculadas a outras escalas, as quais, não raro, se afiguram estranhas ao conjunto regional, mas, contudo, de tentar apresentar um conjunto de relações, que em nosso caso limitar-se-á dinâmica econômica, que atribuam a essa região especificidades e valorizações distintas de outras.

Mapa 1. Situação Geográfica do Município de Taubaté-SP



Elaborado por Ítalo Franco Ribeiro e Rafael Catão. Fonte: IBGE, 2010.

Pensar os elementos que reforçam as características produtivas do eixo² do VPP (Vale do Paraíba paulista)³ requer relacioná-los aos fatores que influem nas decisões locais e produtivas do capital, de maneira mais geral, e ao conjunto de articulações estabelecidas com outras localidades para a realização da produção, além de compreender que essas relações estão vinculadas a diferentes dinâmicas e em contextos espaço-temporais específicos que demarcam as (des)valorizações de determinadas localidades em cada momento histórico (SILVEIRA, 1999).

Nesse sentido, não se trata de relacionar dada localidade, segundo apenas seus traços naturais que influenciam ou determinam os fatores de circulação e as relações por meio deles denotando simplesmente uma posição delimitada no espaço, mas atrelar essa localização a um *continuum espacial* que emerge pela constituição e exploração das redes que permitem os deslocamentos e as conexões (CABANNE, 1992).

De acordo com Silveira (1999, p. 22), o conceito de situação geográfica é atribuído aos estudos de Geografia regional e “fazia alusão às características geográficas de um lugar resultante das relações com outros lugares”. Para Sposito (2011, p. 135), assim como afirmou Silveira (1999), esse conceito era largamente utilizado pela Geografia francesa, principalmente na escala regional, “para valorizar a compreensão de uma cidade, de uma indústria ou de um porto em relação ao conjunto de outros elementos geográficos que compõem e ensejam sua vida de relações”.

No entanto, apesar do sentido relacional expresso nesse conceito, ambas as autoras propõem uma revalorização do conceito com o objetivo de atrelá-lo às dinâmicas geográficas contemporâneas, sobretudo, àquelas ligadas as transformações espaciais em curso promovidas pelos avanços técnicos e tecnológicos que redimensionaram as redes de comunicação e de circulação, as quais impõem ao geógrafo, segundo Sposito (2011, p.136), o desafio

² Consideramos eixo do VPP (Vale do Paraíba paulista) os municípios que seguem o traçado da Rodovia Presidente Dutra (BR-116). Especificamente nesse trabalho, os municípios que compõem o que chamamos de eixo do VPP são: Jacareí, São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá. Esses municípios foram incluídos nessa expressão por serem os municípios da RA de São José dos Campos, excetuando-se o Litoral Norte, que concentram maior contingente populacional, PIB, vínculos empregatícios e estabelecimentos da indústria de transformação. Portanto, a expressão eixo do VPP se refere a um recorte arbitrário para facilitar a exposição das diferenças da RA e não a pretensão de dar conteúdo teórico conceitual a expressão.

³ A partir desse momento iremos utilizar a sigla VPP sempre quando fizermos menção à região do Vale do Paraíba paulista. Essa denominação se refere às características naturais da região em sua porção paulista e exclui os municípios contidos na delimitação da RA de São José dos Campos, sobretudo, os municípios localizados na Serra da Mantiqueira e Litoral Norte de São Paulo. Para ver os atuais municípios da RA de São José dos Campos, consulte o endereço eletrônico da Secretaria de Planejamento do Estado de São Paulo. Disponível em <<http://www.planejamento.sp.gov.br/index.php?id=50&idd=151#descricao>>.

[...] de distinguir a delimitação territorial do objeto da pesquisa daquelas que necessariamente se impõem para a análise, o que reforça a tese de que a escala, entendida como delimitação territorial de um objeto de pesquisa não tem mais sentido se a articulação entre escalas geográficas não for a condutora da elaboração do pensamento.

Silveira (1999, p. 22) destaca a importância da concepção **miltoniana** de evento como um definidor das diferentes situações, pois inclui na análise de cada situação geográfica o “momento de sua construção e seu movimento histórico”. Para a autora, “a situação é uma manifestação, um produto provisório e instável do movimento de totalização enquanto o evento pode ser visto como uma "unidade" de movimento desse processo” (p.26).

Com isso, a autora pretende demonstrar que é possível reconhecer numa situação geográfica

objetos técnicos, ações, normas, agentes, escalas, ideologias, discursos, imagens, que são diversos no processo histórico e nos lugares. Da combinação desses dados nos lugares decorrem formas de vida concretas e, ao mesmo tempo, poderão ser pensadas formas de vida possíveis (p. 26).

Sob essas afirmações é possível admitir que a leitura de uma situação geográfica deva considerar, além da delimitação das características fundamentais de cada localização e daquelas decorrentes das interações com outros lugares, a associação entre espaço e tempo no complexo de relações estabelecidas entre múltiplas escalas, como assevera Sposito (2011, p. 136), ao destacar a importância do conteúdo multidimensional do conceito de situação geográfica, pois articula, paralelamente, “as dimensões de tempo e espaço em múltiplas escalas temporais e espaciais”.

Nesse sentido, queremos destacar que a situação geográfica exhibe um conteúdo que se refere aos diferentes movimentos de transformação econômico-social gestados em escalas amplas e que se desenvolvem em espaços distintos conferindo-lhes qualidades e densidades, segundo as necessidades de reprodução historicamente determinadas.

Não de maneira a por um ponto final nessa brevíssima exposição acerca das possibilidades de leitura do mapa 1, mas com o intuito de dar sequência aos argumentos do capítulo, é possível refletir sobre a dinâmica econômica das aglomerações existentes no eixo do VPP, sejam de portes semelhantes ou distintos, a partir das articulações imbuídas de competição ou daquelas que se complementam na medida que verificamos suas características

produtivas, suas diferenças, especializações, a amplitude dessas atividades e a capacidade de geração de economias de aglomeração no contexto de expansão da reprodução do capital.

Assim, julgamos que ao realizar a delimitação das variáveis que comporão a análise a partir de tais características e dinâmicas, poderemos compreender o papel exercido por Taubaté no contexto de reprodução capitalista e o quanto contribui para a conformação de uma maior complexidade na divisão territorial do trabalho.

Estamos de acordo com Silveira (1999) ao afirmar que a definição de elementos para a leitura de uma dada situação geográfica reafirma a especificidade de um lugar e permite, ainda, compreender suas tendências. A autora conclui que “a situação geográfica cristaliza uma dada divisão territorial do trabalho e revela o caminho da instalação de uma nova divisão territorial do trabalho” (p. 26). Dessa forma, é com base nessas possibilidades que faremos nossa leitura da dinâmica econômica industrial de Taubaté.

A tabela a seguir demonstra a concentração populacional e do produto regional em um intervalo de pouco mais de 100 km ao longo do traçado da via Dutra (BR-116), centrada em 6 dos 39 municípios que compõem a RA (Região Administrativa) de São José dos Campos.

Tabela 1. População e Produto Interno Bruto dos municípios do eixo do VPP, na RA de São José dos Campos, absoluto e percentual, 2010

| Municípios | População | | PIB | |
|------------------------------|------------------|------------|------------------|--------------|
| | Absoluta | Relativa | Absoluto | Relativo |
| Caçapava | 85.398 | 3,7 | 2.512,40 | 4,0 |
| Guaratinguetá | 112.684 | 4,9 | 2.221,38 | 3,5 |
| Pindamonhangaba | 148.593 | 6,5 | 3.781,68 | 6,0 |
| Jacareí | 212.822 | 9,3 | 5.729,98 | 9,1 |
| Taubaté | 281.393 | 12,3 | 9.756,82 | 15,5 |
| São José dos Campos | 637.565 | 27,9 | 25.212,47 | 39,9 |
| Demais Municípios da RA (33) | 807.345 | 35,3 | 13.935,79 | 22,1 |
| Total | 2.285.800 | 100 | 63.150,52 | 100,0 |

Fonte: Fundação SEADE. Org: Ítalo Franco Ribeiro.

A tabela anterior evidencia o caráter concentrador da dinâmica econômica regional. Mesmo diante da apresentação dos dados de 6 municípios do eixo do VPP, os quais, conjuntamente, aglutinam 65% da população e 78% do produto interno bruto da região, se considerarmos apenas os dois municípios com maior expressão nos dados, Taubaté e São José dos Campos, somados, concentram 40% da população residente e 55% de toda a riqueza

gerada na RA, o que evidencia um processo desigual na dinâmica econômica dessa RA e mesmo nos municípios do eixo do VPP.

Com uma população total de aproximadamente 280 mil habitantes (Urbana: 272.673 – Rural: 6.013)⁴, Taubaté mantém relações complementares e de competição com municípios de diferentes portes demográficos e econômicos presentes em seu entorno imediato, decorrência da densidade que caracteriza a rede urbana regional.

Nessas relações destaca-se o grande fluxo de pessoas que se deslocam diariamente para o trabalho, formação profissional, consumo e lazer, em uma área com grande concentração das atividades do setor secundário, disponibilidade de estabelecimentos comerciais e centros de compras de alcance regional, serviços especializados além de instituições de ensino superior e/ou técnico públicas e privadas. Esses deslocamentos demonstram o grau de complexidade das atividades econômicas de algumas cidades localizadas no eixo do VPP, sobretudo, São José dos Campos e Taubaté.

Na cidade de Taubaté encontram-se instituições de ensino técnico e superior com significativa característica de formação profissional. As instituições públicas são UNITAU (Universidade de Taubaté) e ETEC/FATEC (Escolas Técnicas Estaduais/Faculdade de Tecnologia). As privadas são Anhanguera Educacional; Instituto Taubaté de Ensino Superior; Faculdade Dehoniana, Faculdade de Tecnologia SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial); além de inúmeras escolas técnicas privadas que atuam nas modalidades de ensino presencial e à distância com uma ampla oferta de cursos que contemplam todas as áreas do conhecimento⁵.

Essas instituições dispõem, principalmente, de cursos de graduação, embora haja programas de pós-graduação em algumas áreas, principalmente nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Gestão e Negócios e Comunicação e algumas poucas em Humanas, principalmente voltadas para a licenciatura - Língua Portuguesa - e artes, todos os cursos oferecidos pela UNITAU.

A cidade conta com uma densa atividade no setor comercial⁶, com estabelecimentos de capital local em sua maioria, entretanto com importantes estabelecimentos de grandes redes comerciais do varejo e atacado que atuam em escala regional, nacional e internacional,

⁴ IBGE, 2010.

⁵ Informações levantadas por meio de trabalhos de campo ao longo do ano de 2013 e 2014.

⁶ Segundo dados fornecidos pela ACIT – Associação Comercial e Industrial de Taubaté – em 2013, complementados por informações disponíveis nos sítios na internet das empresas do setor comercial varejista e atacadista e dos centros de compra com estabelecimentos na cidade.

como, por exemplo, hipermercados das redes Extra, Carrefour (2 unidades), WalMart, Pão de Açúcar (2 un), Makro, os hipermercados de abrangência regional, Shibata (2 un) e SINCO (2 un) e a rede DIA, que atua em 4 estados do Brasil (MG – BA - RS e SP). Ainda conta com inúmeras lojas de departamentos que atuam em escala local e nacional, além de 2 centros de compras e lazer, o Taubaté Shopping (1989), atualmente sob a gestão da AD Administradora (empresa que atua na administração de vários de shoppings do país) e o Via Vale Garden (2012), com investimento iniciais de empresários locais e extra locais, o empreendimento é atualmente administrado pelo grupo TENCO (grupo que atua na concepção e desenvolvimento, implantação e gestão de *shoppings centers* em várias cidades brasileiras).

No entanto, mesmo diante de uma variada gama de empresas que demonstram o peso do setor comercial, ao nos atermos à dinâmica econômica e territorial de Taubaté, é possível perceber a relevância do setor industrial em relação aos demais setores de atividade econômica. Em termos quantitativos, mesmo diante da capacidade do setor de comércio e serviços na geração de empregos formais, a indústria local demonstra significativo número de vínculos empregatícios no conjunto dos setores econômicos, representados na tabela a seguir. Como podem ser observados, os dados referentes aos vínculos empregatícios gerados pelo setor industrial representam 34%, o comércio registra 23%, nos serviços esse montante perfaz 36%, a construção civil 7% e a agropecuária, setor de menor expressão na cidade, não chega a 1%.

Tabela 2. Estabelecimentos e vínculos empregatícios em Taubaté e na RA de São José dos Campos, 2012.

| Setores | Taubaté | | RA SJC | |
|----------------------------|------------------|---------------|------------------|----------------|
| | Estabelecimentos | Vínculos | Estabelecimentos | Vínculos |
| Indústria de Transformação | 416 | 26.740 | 3.184 | 134.245 |
| Comércio | 2.700 | 18.287 | 20.191 | 123.042 |
| Serviços | 2.643 | 28.000 | 20.469 | 216.019 |
| Agropecuária | 99 | 322 | 3.317 | 8.913 |
| Construção Civil | 404 | 5.340 | 2.665 | 30.767 |
| Total | 6.262 | 78.689 | 49.826 | 510.986 |

Fonte: MTE-RAIS/CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Org: Ítalo Franco Ribeiro.

O setor de serviços é a principal atividade em termos quantitativos em relação aos demais na estrutura econômica local, mas a relevância do setor secundário se evidencia quando se compara a estrutura econômica do município em relação aos números referentes às mesmas atividades na Região Administrativa.

A partir dessa comparação temos que o setor de serviços local, com a maior participação dos empregos formais de Taubaté, diminui sua participação na escala da região frente aos demais setores: enquanto a indústria passa a representar 20% e o comércio 15%; o setor de serviços apresenta 13% no contexto regional. O setor da construção civil aumenta sua participação no total de empregos formais, que passa a representar 17% da RA. O mesmo se afigura para a agropecuária, enquanto pouco importante na geração de empregos formais no conjunto de atividades locais (0,4%), quando comparada ao total de empregos desse mesmo setor na escala da RA, a agropecuária local passa a representar 4%.

Desse modo, podemos observar que, por um lado, o setor industrial de Taubaté tem um peso significativo no conjunto das atividades do setor secundário da RA, exatamente 1/5 dos empregos registrados no ano de 2012 na região. Por outro lado, as atividades do setor de serviços em Taubaté têm uma abrangência mais restrita em termos regionais, ou seja, a partir dessa comparação, podemos inferir que: diante da amplitude e complexidade das atividades de serviços presentes nos demais municípios da RA, e mesmo da RMSP - Região Metropolitana de São Paulo - devido à sua proximidade e influência direta em toda a RA de São José dos Campos, as empresas desse setor presentes na cidade de Taubaté competem com a qualidade e quantidade dos serviços disponíveis na região e em outras escalas, como a RMSP, e ainda, de acordo com o grau de desagregação dos dados desse setor, pode-se considerar que parte considerável dessas empresas apresenta pouca diversificação nas suas áreas de atuação e diferentes graus de especialização, o que limita sua abrangência regional, atendendo a um número restrito de clientes⁷.

Contudo, mesmo com as possibilidades de interpretação sugeridas acerca do setor de serviços, devemos ressaltar que suas atividades merecem destaque, guardadas as dimensões escalares em que atuam, pois são importantes para o processo de produção dos diferentes setores da indústria. Trata-se, assim, de uma via de mão dupla; ao passo que inúmeras atividades do setor de serviços estão inseridas no complexo produtivo que dão suporte para o setor industrial, muitas das atividades terciárias no município só são possíveis devido às próprias atividades industriais que os incorporam.

No caso de Taubaté destacam-se as atividades ligadas à prestação de serviços às empresas do setor industrial, como atividades relacionadas à organização, armazenamento de

⁷ Embora deva ser frisado que se trata de setores que exercem influência em grande parte da região, sobretudo nos municípios localizados ao seu entorno imediato e entre aqueles acessados pelas rodovias que ligam Taubaté às cidades do Litoral Norte e Serra da Mantiqueira, os quais, juntos, podem atingir uma população de mais de 650 mil pessoas.

cargas e transporte, serviços técnicos especializados e de natureza diversa às empresas (SEADE, 2008; RAIS, 2012).

Ainda, segundo informações colhidas por meio de entrevistas⁸ realizada junto a representantes⁹ no maior sindicato do município, o SINDIMETAU (Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté), há um grande número de empresas que prestam serviços às empresas ligadas ao setor industrial, essas prestadoras de serviços, via de regra, estão organizadas em pequenos estabelecimentos e/ou oficinas e realizam, principalmente, atividades de usinagem leve ou pesada, serviços de ferramentaria e caldeiraria, serviços de metrologia, armazenamento e transporte de cargas, manutenção e reposição de peças, máquinas e equipamentos, dentre outros.

Até o momento podemos constatar uma concentração de atividades dos setores secundário e terciário no município de Taubaté que permitem aludir à hipótese de que há uma estrutura econômica produtiva no conjunto da economia urbana local que permite às empresas ligadas ao setor industrial vantagens de localização, seja nas atividades fim ou na possível cadeia de suprimentos e atividades subsidiárias, e conformam um arranjo econômico espacial cuja funcionalidade se define pela atividade industrial.

A tabela 3 nos auxilia a compreender a relevância do setor secundário para a cidade face às demais atividades por intermédio de um indicador que corresponde às movimentações econômicas das empresas, utilizado pelas Secretarias da Fazenda dos estados para o cálculo do repasse de ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços) e IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) para os municípios, o Valor Adicionado Fiscal¹⁰.

Para analisar o peso local/regional da dinâmica industrial em Taubaté, utilizamos os números do VAF (Valor Adicionado Fiscal) excluindo os setores de construção civil e de serviços de utilidade pública.

⁸ Entrevista concedida em trabalho de campo, out. 2013.

⁹ Fábio Godoy, membro da direção executiva do SINDIMETAU e; Igor Pinheiro, técnico do DIEESE lotado no SINDIMETAU.

¹⁰ Para obter mais informações acerca do cálculo do VAF, consulte a Lei Complementar Federal 63/90, disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp63.htm>.

Tabela 3. Valor Adicionado Fiscal no município de Taubaté e na RA de São José dos Campos, absoluto e percentual, 2011

| Setores | Taubaté | | RA SJC | |
|-------------------|----------------------|------------|-----------------------|------------|
| | VAF | % | VAF | % |
| Indústria | 6.216.553.912 | 74,90 | 35.698.444.575 | 66,84 |
| Comércio | 858.496.002 | 10,34 | 7.258.273.749 | 13,59 |
| Serviços | 1.221.804.091 | 14,72 | 10.372.117.129 | 19,42 |
| Agropecuária | 1.080.358 | 0,01 | 39.168.675 | 0,07 |
| VAF Total* | 8.299.669.640 | 100 | 53.407.120.331 | 100 |

Fonte: Fundação SEADE. Org: Ítalo Franco Ribeiro. (*) A soma das variáveis para uma localidade, assim como a soma dos municípios para uma agregação, não coincide em geral com o total, devido à existência do sigilo fiscal ou a arredondamentos pelo uso do deflator (Informações fornecidas pela Fundação SEADE).

O VAF procedente do comércio, agropecuária e serviços, somados, atinge um percentual de aproximadamente 33% do VAF gerado pela indústria. Mesmo considerando o papel de cada setor na composição do VAF, as atividades da indústria são expressivamente preponderantes em relação aos outros setores e mantêm a relevância significativa no produto das atividades industriais da região, com participação no VAF acumulado da RA de 17%, situação similar à constatada na tabela 2.

Os números apresentados pelas tabelas demonstram a importância das atividades industriais para Taubaté e o peso de suas atividades frente às registradas na RA de São José dos Campos. A inserção das atividades locais no contexto regional também indica a forte presença daquelas atreladas à indústria, como é o caso dos serviços. Não somente Taubaté, mas também a RA, se caracterizam pelo realce das atividades de transformação industrial, seja pelo montante de vínculos empregatícios ou pela característica da produção de cada ramo de transformação industrial, atividade muito concentrada nos municípios do eixo do VPP.

1.2 A atividade industrial no espaço da cidade: as zonas industriais em Taubaté

A crescente atividade industrial em Taubaté está atrelada a intensificação das relações regional-local e nacional-global¹¹ desenvolvida pelos grandes agentes econômicos e

¹¹ A compreensão econômica e produtiva de Taubaté não pode ser compreendida somente pelas características estritamente locais, pois as relações estabelecidas entre essa escala e escalas mais amplas redefinem continuamente as qualidades do local bem como os componentes de atratividade para frações do capital e da própria dinâmica social dos lugares. Para uma maior compreensão ver: HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A nova des-ordem mundial. São Paulo: EdUNESP, 2006. HAESBAERT, Rogério. Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea. Rio de Janeiro:

associada à situação geográfica favorável ao ciclo de reprodução do capital produtivo, relação que dá novos contornos aos demais setores de atividade econômica da cidade, sobretudo o comércio e os serviços.

Na década de 1990, o poder público municipal, em processo de adequação às imposições dos novos padrões e racionalização das atividades industriais, criou duas áreas destinadas à instalação de empresas, principalmente do setor industrial, e adotou uma política¹² de atração de investimentos através de doações de áreas e isenções fiscais. Ressalta-se que essa prática está ligada a um contexto mais geral que, por um lado, é fruto da reorganização fiscal do estado brasileiro, com a descentralização das estruturas administrativas do país a partir da promulgação da Constituição de 1988, e por outro, da adoção das premissas político e econômicas neoliberais que, em conjunto, permitiram aos municípios adotarem medidas individuais que incidem em formas diferenciadas de tributação aos agentes privados e mecanismos fiscais para atração de novos investimentos, caracterizando uma competição entre municípios e estados (SANTOS, 1996a; BRANDÃO, 2007).

Esse contexto modificou os espaços de produção industrial da cidade de Taubaté. A rodovia, importante infraestrutura de circulação que promove complexas interações espaciais, principalmente para as atividades econômicas, exerce papel fundamental nas decisões locais dos grandes agentes econômicos, assim, as áreas da cidade com fácil acesso a essas vias de transporte foram privilegiadas pelo poder público municipal para a constituição de novas zonas industriais em Taubaté.

A via Dutra (BR-116), rodovia que corta a região, tem um papel significativo dentro dessa lógica locacional e se concretiza enquanto eixo de circulação que comporta grande fluxo de pessoas, mercadorias e também de localização de empresas. Desse modo, a constituição dos chamados distritos industriais está ligada à lógica de circulação em Taubaté, as empresas que, anteriormente à lei de incentivos fiscais da cidade, buscavam áreas que permitissem esses atributos aos seus investimentos, puderam contar com importantes espaços em diferentes trechos da BR-116 para instalarem suas unidades fabris e mesmo ao longo da ferrovia que corta o município. Atualmente, são duas as principais áreas destinadas às

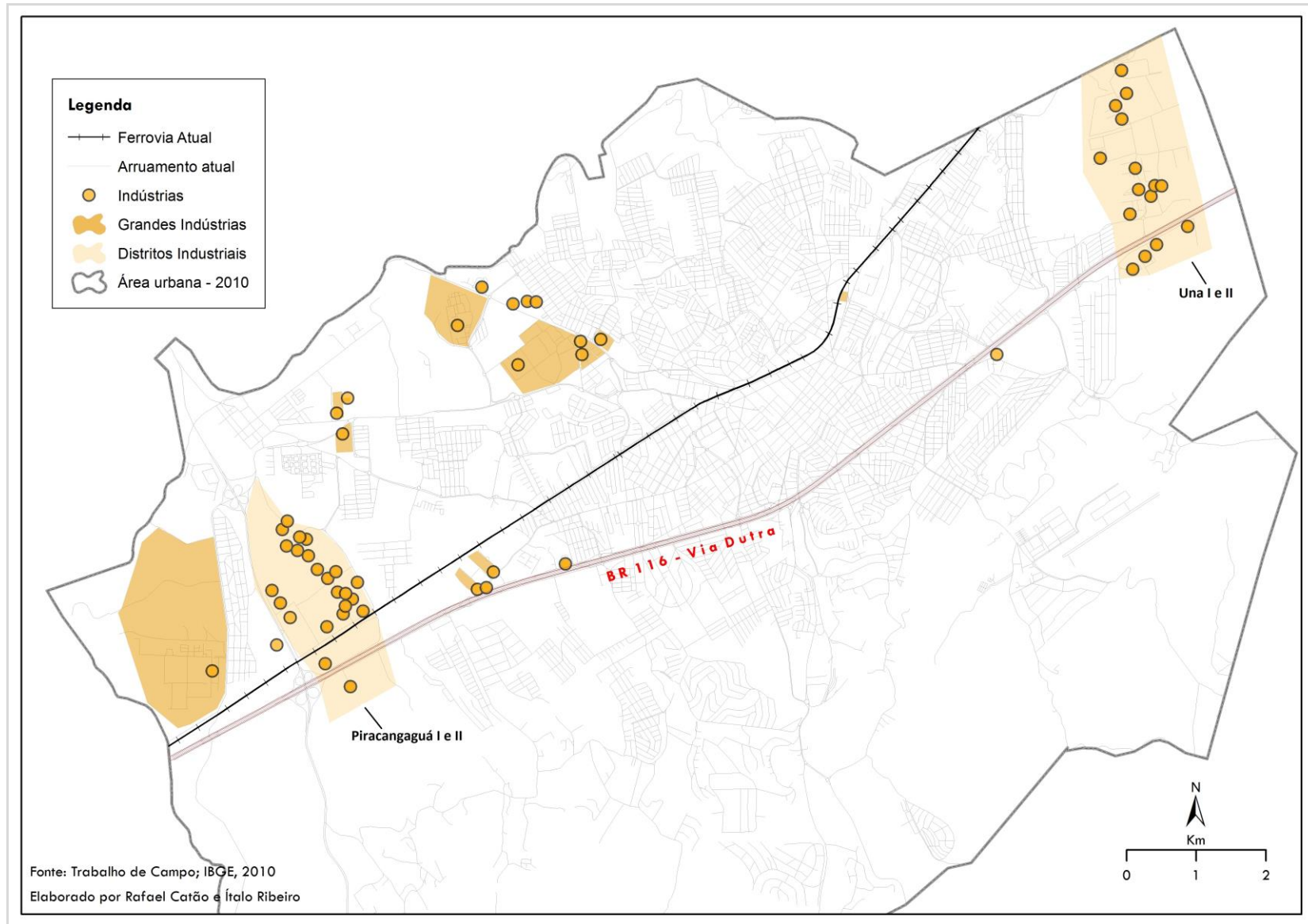
Bertrand Brasil, 2010. SANTOS, Milton. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. Revista Território. V. 6, 1999.

¹² A Lei Complementar nº 18, de 17 de fevereiro de 1992 foi revisada e passou por alterações nos critérios de classificação que atribui às empresas benefícios de isenções fiscais e doações de áreas. Essa atualização foi realizada no ano de 2008 por meio da Lei Complementar 184/2008. Fonte: Câmara Municipal de Taubaté.

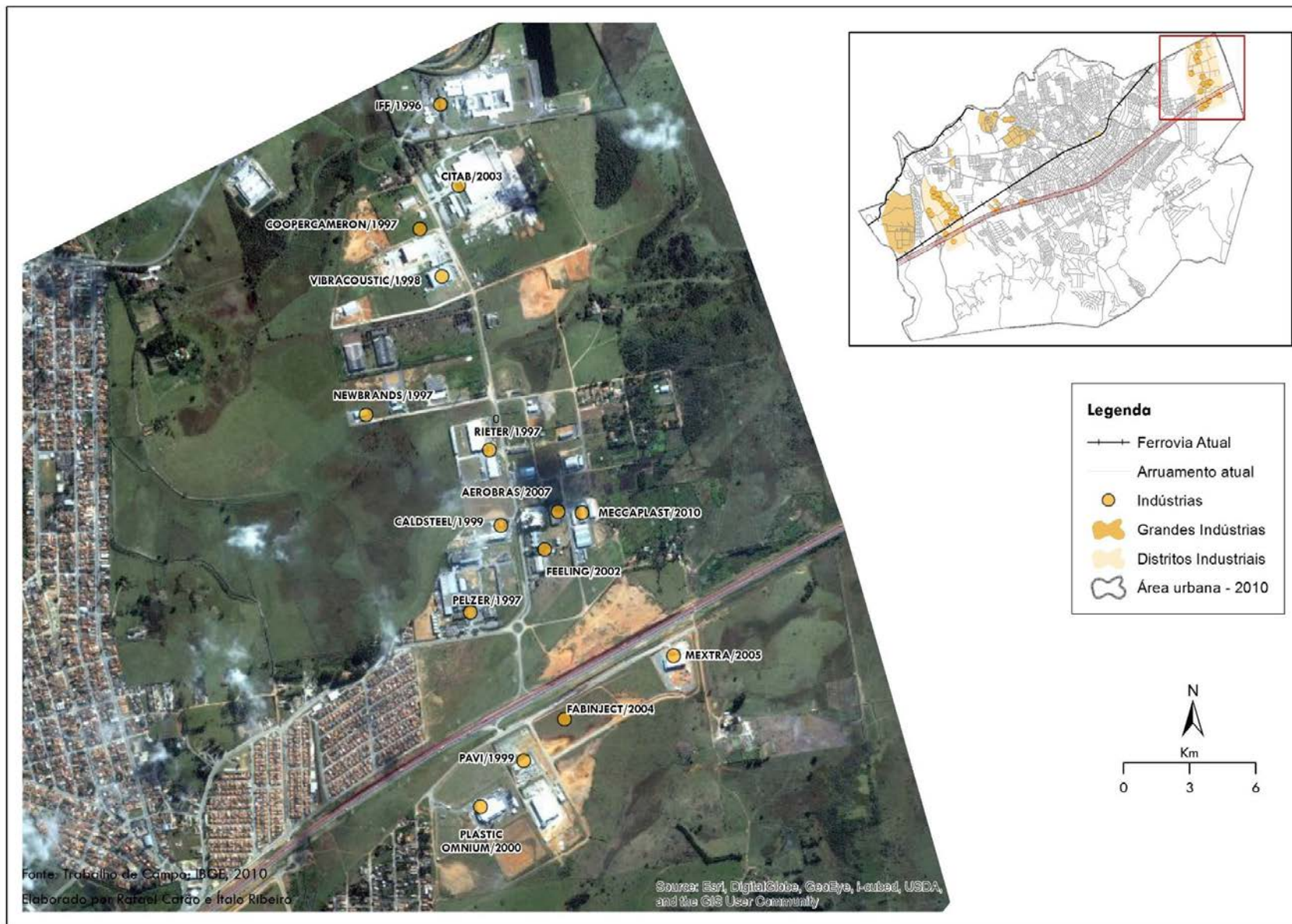
atividades industriais, mas não somente industriais, como também serviços, que em Taubaté são divididas pelo poder público municipal em 4 distritos: Piracangaguá I e II e Una I e II. Esses se constituem como as principais áreas industriais da cidade.

Nos mapas a seguir têm-se a disposição das empresas instaladas na cidade e as áreas dos distritos industriais. O mapa 2 apresenta algumas empresas com unidades fabris na atual área urbana – instaladas até os anos 1970, em áreas que compreendiam as franjas urbanas da cidade, atualmente essas empresas estão cercadas por áreas residenciais – como é o caso da Ford, IQT, Plasbaté/Bioverde, Pfaudler, Alstom, Corozita e CIBI, além de pequenas empresas em áreas destinadas às diferentes atividades nos vários setores da economia. No distrito do Piracangaguá (I e II) estão localizadas empresas ligadas à cadeia de suprimentos da Volkswagen, que está localizada próxima a esse distrito, e a planta industrial da LG Electronics, em uma extensão da área desse distrito, às margens da rodovia Dutra/BR-116 no sentido RJ - SP.

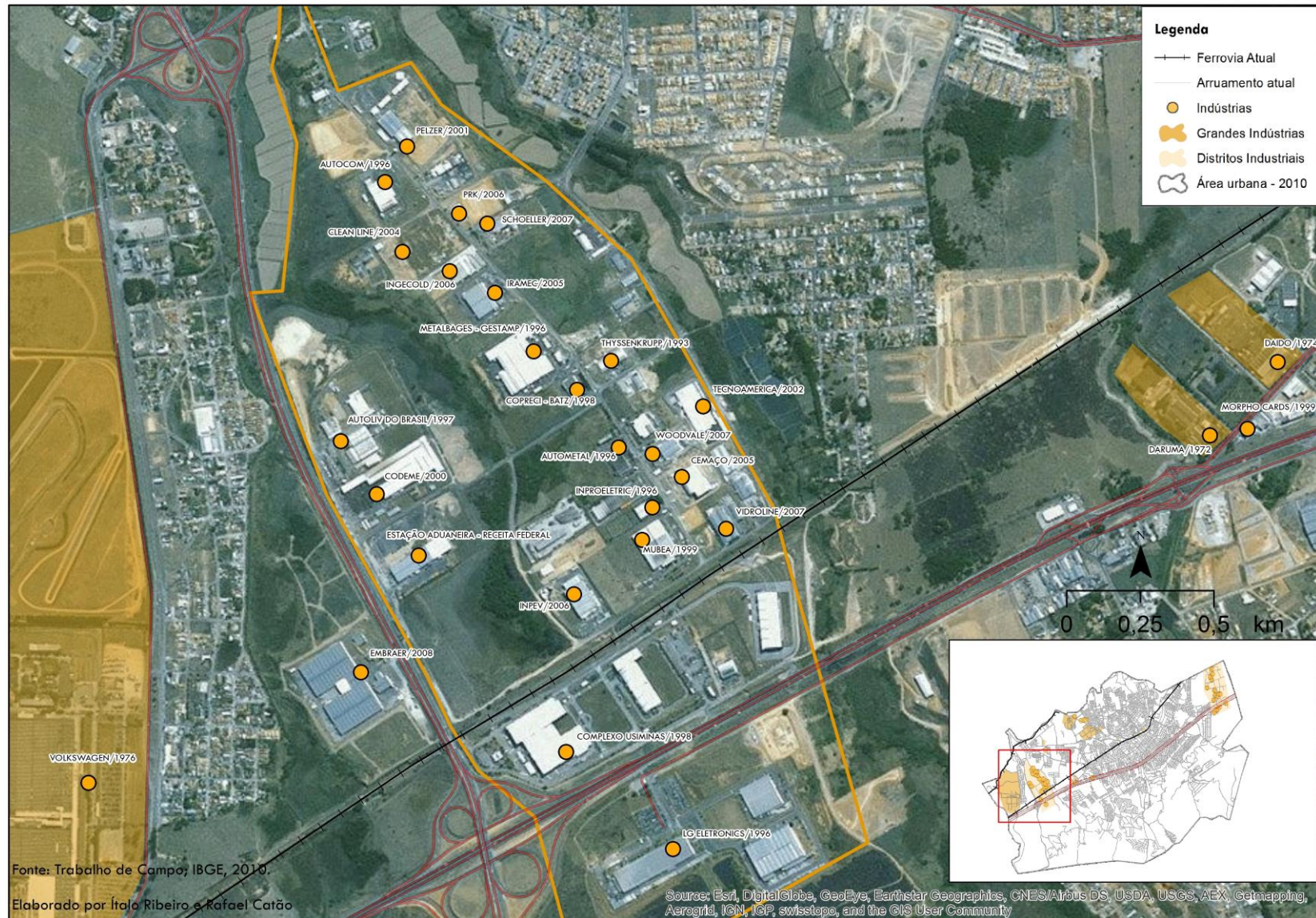
Mapa 2. Localização de áreas industriais em Taubaté



Mapa 3. Localização do distrito industrial Una I e II



Mapa 4. Localização do distrito industrial Piracangaguá I e II



É importante dizer que mesmo com considerável densidade de empresas nos distritos industriais criados pelo poder público local, nos trabalhos de campo efetuados ao longo dessa pesquisa¹³ pudemos observar grandes áreas vazias, algumas delas possível de ser visualizadas no Painel fotográfico 1.

Em levantamento de dados¹⁴ realizado a partir das leis municipais de doações de áreas na cidade de Taubaté, ou seja, entre os anos de 1992 e 2012, foram concedidas por lei 371 áreas, das quais 139 foram revogadas, ou seja, 37% das áreas concedidas. Os motivos são diversos, no entanto prevalece o não cumprimento, por parte dos investidores, dos prazos estabelecidos para as empresas entrarem em funcionamento ou pela tentativa, também por parte dos possíveis investidores, de rever os critérios que concederam os benefícios.

Painel fotográfico 1



Fonte: Trabalho de campo, 2012; 2013.

¹³ Trabalhos de campo realizados em novembro de 2012 e outubro de 2013.

¹⁴ Para sistematização desses dados contamos com o auxílio do geógrafo e estagiário da Câmara Municipal de Taubaté Vinicius Nunes da Silva. O referido foi autor da monografia intitulada “Guerra fiscal: As Políticas Públicas de Incentivo ao Crescimento Econômico de Taubaté pós 1990”, trabalho que aborda as políticas de incentivo fiscal pelo poder público local.

Nos mapas anteriores ficou evidente acessibilidade dos distritos industriais ao eixo rodoviário. Essas áreas estão localizadas nas extremidades do município, nas franjas urbanas, em trechos contíguos à rodovia. Nota-se que no trecho urbano da rodovia encontram-se poucos estabelecimentos, esses correspondem a um período inicial das atividades industriais na cidade. Mesmo diante dos estímulos do poder público local na criação de áreas específicas de produção industrial, essas empresas permanecem nos locais já ocupados, situação que pode ser relacionada, por um lado, aos elevados custos para os deslocamentos das plantas industriais, e por outro, pelos altos custos ao poder público, pois que arcaria com infraestruturas e instalações industriais de grandes dimensões, já que algumas das empresas localizadas na área urbana do município possuem as maiores dimensões em área total e construída entre os estabelecimentos industriais da cidade.

1.3 Características dos principais ramos de atividade industrial da cidade: especialização, localização e concentração do ramo de material de transporte

Apesar de considerarmos a atividade industrial como definidora da principal função econômica do município, a análise dos diferentes ramos que compõem a indústria de transformação se faz importante para entender de qual indústria estamos falando, ou seja, por ser composta por atividades de transformação distintas, a complexidade das tarefas realizadas por cada um deles determinam o nível de incorporação tecnológica, as qualificações e quantidade da mão de obra empregada, a capacidade de geração de atividades em cadeia por meio da articulação com outras empresas do mesmo ramo ou intersetorial, amplitude dos mercados, além dos desdobramentos socioespaciais de suas atividades, como a geração de renda, arrecadações fiscais, demandas infraestruturais, impactos ambientais *etc.*

Dos 12 subsetores de atividades que compõem a indústria de transformação, somente o ramo de produção de calçados não tinha nenhuma unidade produtiva em Taubaté no ano de 2012. No conjunto das atividades da indústria de transformação, destacam-se os subsetores da indústria de material de transporte e indústria mecânica com grande absorção de empregos e pelo porte das empresas. Mesmo com a preponderância das atividades no ramo de material de transportes, ambos os subsetores apresentam impacto significativo na economia local devido

ao alcance dos seus mercados, sobretudo, representados pelo estabelecimento das relações de importação e exportação, como veremos mais à frente.

Com base nos dados da RAIS (2012) dispostos na tabela 4, os subsetores de material de transporte e mecânica concentram grande parte dos empregos da indústria de transformação, correspondem a 44% e 21% do total do município, respectivamente.

As empresas ligadas à produção de material de transporte obtêm uma média salarial acima dos demais ramos, efetua um pagamento salarial que abrange cerca de 60% dos salários da indústria de transformação local. Se somada à massa salarial da indústria mecânica (23%), a concentração dos salários pagos por esses subsetores em Taubaté ultrapassa os 80%.

Tabela 4. Perfil dos subsetores de atividade de indústria de transformação em Taubaté, 2012

| SUBSETORES | Estabelecimentos | Vínculos | % no total de vínculos | Massa Salarial (R\$) | Salário Médio (R\$) |
|------------------------|------------------|---------------|------------------------|----------------------|---------------------|
| Mineral não Metálico | 29 | 827 | 3 | 1.220.983,82 | 1.476,40 |
| Indústria Metalúrgica | 72 | 1.580 | 6 | 3.439.905,22 | 2.177,15 |
| Indústria Mecânica | 44 | 5.721 | 21 | 22.026.401,21 | 3.850,09 |
| Elétrico e Comunicação | 10 | 681 | 3 | 1.721.964,35 | 2.528,58 |
| Material de Transporte | 25 | 11.687 | 44 | 58.258.992,15 | 4.984,93 |
| Madeira e Mobiliário | 26 | 471 | 2 | 555.155,26 | 1.178,67 |
| Papel e Gráfica | 42 | 971 | 4 | 2.077.964,42 | 2.140,02 |
| Borracha, Fumo, Couro | 23 | 936 | 4 | 1.702.832,85 | 1.819,26 |
| Indústria Química | 31 | 1.242 | 5 | 3.150.497,34 | 2.536,63 |
| Indústria Têxtil | 26 | 910 | 3 | 1.244.596,23 | 1.367,68 |
| Alimentos e Bebidas | 88 | 1.714 | 6 | 2.045.921,00 | 1.193,65 |
| Total | 416 | 26.740 | 100,0 | 97.445.213,85 | 3.644,17 |

Fonte: MTE-RAIS/CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Org: Ítalo Franco Ribeiro.

A importância desses subsetores para a economia local também pode ser vislumbrada a partir do indicador que aponta as dimensões dos estabelecimentos. Apesar de não serem os subsetores com maior número de empresas, pois na tabela anterior viu-se que a maior parte dos estabelecimentos da cidade estão ligados aos ramos de alimentos e bebidas e metalurgias, os segmentos de material de transporte e mecânico são, excetuando-se o subsetor de papel e gráfica, com 1 estabelecimento, os únicos a dispor de estabelecimentos que abrigam um número superior a 500 empregos formais, com 4 e 3 unidades respectivamente (TABELA 5).

No entanto, o porte destes se difere muito quando se considera o padrão estruturado em torno de cada tipo de atividade desses subsetores na cidade, ou seja, ao olharmos para o número total de estabelecimentos e para as outras variáveis do indicador que determinam o

tamanho. O subsetor de material de transporte tem um número de estabelecimentos menor do que a média do conjunto da indústria de transformação, mas concentra a maior parte dos estabelecimentos acima 99 empregos, totalizando 14, e 10 estabelecimentos abaixo de 100 vínculos empregatícios. Já a indústria mecânica está fortemente atrelada aos estabelecimentos de micro e pequeno porte, com 36 dos seus 42 estabelecimentos.

Ao considerarmos a dimensão padrão das unidades fabris no município, constata-se que os estabelecimentos de micro porte estão presentes em todos os subsetores e caracteriza o perfil da produção industrial em Taubaté, com 70% do total dos atuais estabelecimentos, diferentemente dos de maior porte, que abrangem apenas 11% das médias e grandes empresas. Entretanto, esse perfil não coaduna com as atividades do setor de material de transportes, pois quase 60% das unidades produtivas desse ramo empregam mais de 99 pessoas, estruturado em torno de estabelecimentos de média e grande dimensão.

Tabela 5. Estabelecimentos da indústria de transformação, segundo o porte, no município de Taubaté, 2012.

| Subsetores | Micro | Pequena | Médio | Grande | Total |
|------------------------|--------------|----------------|--------------|---------------|--------------|
| Mineral não Metálico | 16 | 7 | 2 | 0 | 25 |
| Indústria Metalúrgica | 52 | 13 | 3 | 0 | 68 |
| Indústria Mecânica | 30 | 6 | 3 | 3 | 42 |
| Elétrico e Comunicação | 5 | 3 | 1 | 0 | 9 |
| Material de Transporte | 5 | 5 | 10 | 4 | 24 |
| Madeira e Mobiliário | 15 | 7 | 1 | 0 | 23 |
| Papel e Gráfica | 35 | 2 | 1 | 1 | 39 |
| Borracha, Fumo, Couros | 13 | 7 | 3 | 0 | 23 |
| Indústria Química | 14 | 12 | 3 | 0 | 29 |
| Indústria Têxtil | 18 | 2 | 3 | 0 | 23 |
| Alimentos e Bebidas | 65 | 10 | 4 | 0 | 79 |
| Total | 268 | 74 | 34 | 8 | 384 |

Fonte: MTE-RAIS/CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Org: Ítalo Franco Ribeiro. SEBRAE¹⁵: Classificação do porte das empresas: Micro – até 19 empregados; Pequena – de 20 até 99 empregados; Média – de 100 até 499 empregados; Grande – mais de 500 empregados.

Os dados utilizados até o momento demonstram o peso da atividade industrial para a economia local e a concentração de parte das atividades industriais em torno do subsetor de material de transportes. A indústria automobilística está presente no município com filiais de duas grandes corporações multinacionais, a estadunidense Ford, com as fábricas de produção de motores e transmissões, e a alemã Volkswagen, com uma planta industrial de montagem de veículos de passeio. Ambas as empresas envolvem uma gama variada de insumos nas suas

¹⁵ Classificação do porte das empresas segundo o total de empregados realizado pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresa).

etapas de produção e movimentam de forma ampla os demais subsetores da indústria de transformação, configuram uma estrutura produtiva com elevada concentração de empregos e no produto gerado, situação que define um elevado grau de especialização dessas atividades na cidade.

O perfil econômico industrial de Taubaté está ligado, sobretudo, a um modelo de indústria que se configura como um dos pilares para o desenvolvimento do setor industrial no país pela capacidade de geração de empregos diretos e indiretos, pelo incremento tecnológico, inovação e pela polarização de atividades em diferentes segmentos da economia.

Em escala nacional, de acordo com ANFAVEA - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores - (2012), esse setor concretizou relações setoriais com aproximadamente 200 mil empresas, com negócios que atingiram 21% do produto industrial brasileiro e 5% do PIB nacional, e ainda, contou com uma grande mobilização do mercado de trabalho, com a geração de aproximadamente 1,5 milhões de empregos diretos e indiretos.

As articulações que são efetivadas pelas empresas do setor em sua cadeia de suprimentos, sobretudo àquelas produzidas pela Ford e Volkswagen, demandam um conjunto de estudos focados nas atividades dessas unidades industriais e extrapolam ao escopo da presente pesquisa, no entanto, elencaremos alguns elementos acerca da estrutura produtiva do ramo automobilístico para tentarmos captar o grau de importância dessa atividade para a economia local e quais são os desdobramentos espaciais dessas empresas, tendo como pressuposto, a complexa organização multilocalizada e multifuncional que desencadeiam uma série de relações complementares e intersetoriais para a consecução de suas atividades em escalas que se estendem do global ao local.

A partir de Goldenstein e Casotti (2008), com base em publicação do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) a estruturação da cadeia de produção do segmento automobilístico é dividida em três níveis, os quais são denominados *tiers*.

No primeiro nível (*tier 1*) estão as empresas consideradas sistemistas, detentoras de um complexo aparato tecnológico que fornecem sistemas completos de peças às montadoras. Essas empresas assumem um papel importante do processo de produção, pois são responsáveis, entre outras tarefas, do “desenvolvimento do produto”, “custos do projeto”, além do gerenciamento do “suprimento de partes e fornecem os subconjuntos já testados e prontos para serem instalados” (p. 171).

Dessa forma, segundo Goldenstein e Casotti (2008), as empresas sistemistas tendem a fixar suas unidades fabris próximas ou se instalarem no interior das próprias montadoras¹⁶. De acordo com os autores, essas empresas são, em geral, grandes empresas multinacionais que iniciaram suas atividades no país nos anos 1990 e colaboraram com o processo de reestruturação do setor automobilístico do país. Dentre as empresas desse segmento, cerca de 40 atuantes no Brasil, os autores destacam apenas uma empresa de capital nacional, a multinacional brasileira Sabó, no entanto, acrescentamos que há uma presença significativa de outra empresa multinacional brasileira nesse segmento industrial, a Fras-le, pertencente ao grupo gaúcho Empresas Rondon.

O segundo nível (*tiers 2*) é composto pelas empresas que fornecem peças e materiais para as empresas do nível 1. Geralmente, são empresas de médio e pequeno porte que também atuam no mercado de reposição. De acordo com os autores, essas empresas estão ligadas às do nível 1 por meio de sinergias gestadas pela cooperação de atividades no desenvolvimento de produtos. Nos níveis 3 e 4 se concentram as empresas fornecedoras das empresas dos níveis 2 e 3.

A distribuição espacial das empresas ligadas à cadeia de suprimentos da indústria automobilística, sobretudo as consideradas sistemistas (*tier 1*), demonstra uma configuração específica que, em larga medida, privilegia a concentração das suas atividades junto às grandes unidades fabris e montadoras de automóveis. Essa característica nos permite realizar um esforço analítico que sugere compreender parte das atividades do setor automobilístico por meio das vantagens procedentes de economias de escala e de aglomeração. De acordo com CAMAGNI (2005)¹⁷, podemos considerar as economias de aglomeração como vantagens econômicas procedentes da concentração de pessoas e da densidade de atividades presentes em um centro urbano ou região passíveis de serem apropriadas por empresas como fonte de produtividade.

As economias proporcionadas pelas estruturas espaciais concentradas (CAMAGNI, 2005) estão atreladas tanto aos próprios ambientes urbanos, em decorrência dos processos sociais aglomerados, como às atividades de uma empresa ou indústria. A partir das

¹⁶ Em Taubaté, verificamos a presença de algumas empresas operando dentro da lógica descrita pelos autores. No caso da Volkswagen, conseguimos apurar a atuação da empresa MSX International, a qual desempenha as tarefas de soluções em processos industriais e engenharia; a Racing Group que avalia a qualidade na linha de montagem de motores e transmissões e a Pac Group, que atua na área de planejamento, custos e desenvolvimento de novos programas para os processos produtivos (Trabalho de Campo, 2013).

¹⁷ Esclarecemos que nossa exposição acerca do assunto e se atêm aos objetivos da presente pesquisa. No entanto, para um maior aprofundamento teórico e conceitual sobre o assunto, conferir Camagni (2005, p. 21; 50).

condicionantes geradas pelas aglomerações, Camagni (2005) discorre acerca dos processos espaciais de concentração, segundo algumas características de seu desenvolvimento. Também estabelece uma tipologia desses processos que são classificados a partir de externalidades, atributos encontrados nas áreas urbanas, como infraestrutura de transportes e comunicação, mão de obra qualificada, sinergia entre empresas e/ou instituições, serviços públicos, infraestrutura urbana, dentre outras, ou economias internas de escala, que se referem às atividades de uma empresa.

Nesse último caso, Camagni (2005) afirma que “somente alcançando uma dimensão ou uma ‘escala’ suficiente de atividade é possível utilizar processos produtivos mais eficientes [...] ou gerar recursos suficientes para alcançar um mercado mais distante” (p. 23, tradução nossa). Assim, as economias internas de escala, ou como classificou Camagni (2005), **economias internas à empresa**, podem extrair das economias de aglomeração vantagens capazes de atrair cumulativamente outras “produções similares ou complementares” (p. 24, tradução nossa), configurando um processo de concentração espacial dessas atividades.

De outro modo, os processos de concentração provenientes da absorção de externalidades fazem parte das economias que são externas à empresa, no entanto, essas economias podem ser distinguidas entre internas à indústria ou de localização, e as chamadas economias de urbanização, que são geradas externamente às atividades de empresas, indústrias ou setores econômicos (CAMAGNI, 2005).

Segundo o autor, as economias de localização são decorrentes das vantagens obtidas em função da localização de uma indústria ou empresas de um dado segmento, essas vantagens se manifestam pelo prosseguimento do ciclo produtivo industrial e de acordo com as suas características produtivas, criam-se oportunidades para a inserção de novas empresas no conjunto de atividades dessa indústria, assim, configura-se uma externalidade para as empresas que se beneficiam das atividades efetivadas por determinado ramo industrial. Fatores como a formação de mercado de trabalho especializado e a consequente “acumulação localizada de competências técnicas”; o estabelecimento de vínculos entre empresas ao longo das etapas do processo de produção; a redução dos custos de transação por conta de proximidades diversas; o desencadeamento de processos de inovação e organização mais eficiente da produção são, segundo o autor, fatores derivados do padrão de localização de atividades diversas que permitem uma configuração produtiva especializada e a atração ou criação de novas empresas que possam atuar em “atividades prévias ou posteriores ao processo produtivo” (CAMAGNI, 2005, p. 32-33).

Por fim, Camagni destaca as externalidades intrínsecas às estruturas urbanas e disponíveis à utilização por pessoas ou empresas de diferentes setores da economia. A essas externalidades, o autor distingue três categorias provenientes dos diferentes processos que se efetivam segundo as funções das cidades, quais sejam:

- as externalidades **procedentes do setor público**: intervenções em infraestrutura – vias de transporte, redes técnicas de comunicação e informação, bases territoriais de produção industrial – e referente a densidade e qualidade da prestação de serviços públicos;
- àquelas referentes à **dimensão do mercado interno**: nessa categoria o autor enfatiza o potencial de consumo de uma cidade e a possibilidade para as empresas de especializarem-se em nichos do mercado urbano e;
- as externalidades que permitem à cidade promover **fatores e insumos para a produção**: como a estruturação de amplo mercado de trabalho – devido às oportunidades de emprego e instituições de formação e qualificação de mão de obra –, variedade e complexidade dos serviços – técnico, financeiro, comercial, transportes, dentre outros (CAMAGNI, 2005).

Assim, de acordo esse referencial, temos que **as economias internas de escala** promovem concentração e o crescente volume de produção de uma determinada empresa e as classificadas como **economias externas** conduzem a uma concentração espacial de empresas e diferentes atividades por meio das vantagens proporcionadas por processos sociais aglomerados tanto em função da localização de atividades, quanto a partir das funções e infraestruturas urbanas (CAMAGNI, 2005).

O exposto nos ajuda a compreender como a relação entre as externalidades e a concentração de atividades de um ramo industrial colabora para entendermos o perfil econômico industrial de Taubaté. Podemos estabelecer uma relação entre a configuração da cadeia de produção atrelada ao ramo de material de transportes com as economias decorrentes das características da referida aglomeração, no entanto, não sem uma mediação conceitual necessária para a nossa leitura, a qual foi estabelecida por meio da situação geográfica.

No caso de Taubaté podemos observar uma configuração do setor industrial em que se destaca o segmento de material de transporte, capitaneado pelas atividades das duas principais empresas multinacionais do setor instalada na cidade, a Volkswagen e a Ford, do ramo automotivo, que exercem grande influência na configuração do perfil produtivo da cidade.

Diante do que vislumbramos em campo e a partir dos dados levantados sobre o ramo automotivo, podemos considerar que o processo de produção desse ramo tende a fortalecer a concentração de empresas em seletivos espaços, mesmo considerando a amplitude de suas interações, pois o setor se beneficia daquilo que Camagni (2005) classificou de “estrutura espacial concentrada”.

Ao se referir às vantagens dessa estrutura às atividades produtivas, no caso, por exemplo, de uma fábrica de automóveis, Camagni (2005) descreve que em consequência de processos aglomerados, ao aumentar “proporcionalmente os recursos destinados a estas atividades, é possível observar um aumento mais que proporcional do produto, do valor agregado ou da eficácia da atividade desenvolvida” (p. 20, tradução nossa).

De outra maneira, as características dos processos aglomerados revelam, no contexto de Taubaté, vantagens de localização para as atividades do ramo automotivo, o qual, levando em consideração suas especificidades de organização, é capaz de conferir economias de escala e influenciar em decisões locacionais de produção da própria empresa¹⁸ como das empresas ligadas à cadeia de suprimentos e a outros setores da economia.

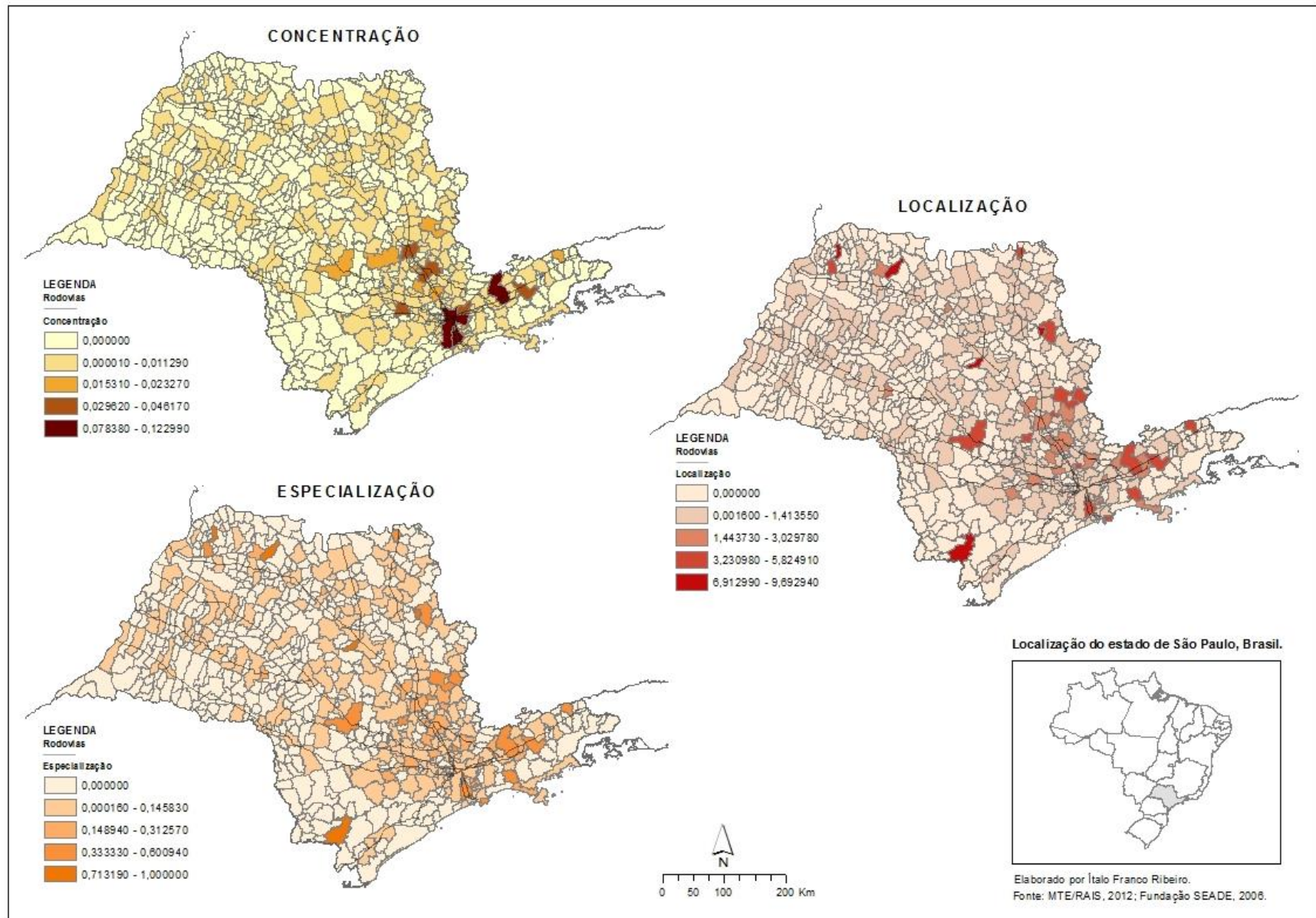
Os elementos que foram analisados até o momento conferem uma especificidade produtiva em Taubaté, característica que se reforça segundo a sistematização dos dados da RAIS por meio dos coeficientes de especialização, localização e concentração¹⁹.

Nos mapas a seguir, podemos reforçar o perfil produtivo de Taubaté e estabelecer relações com o espaço regional no qual está inserido, pois o que queremos demonstrar são as características que conferem à cidade um padrão industrial que a diferencia de outras cidades.

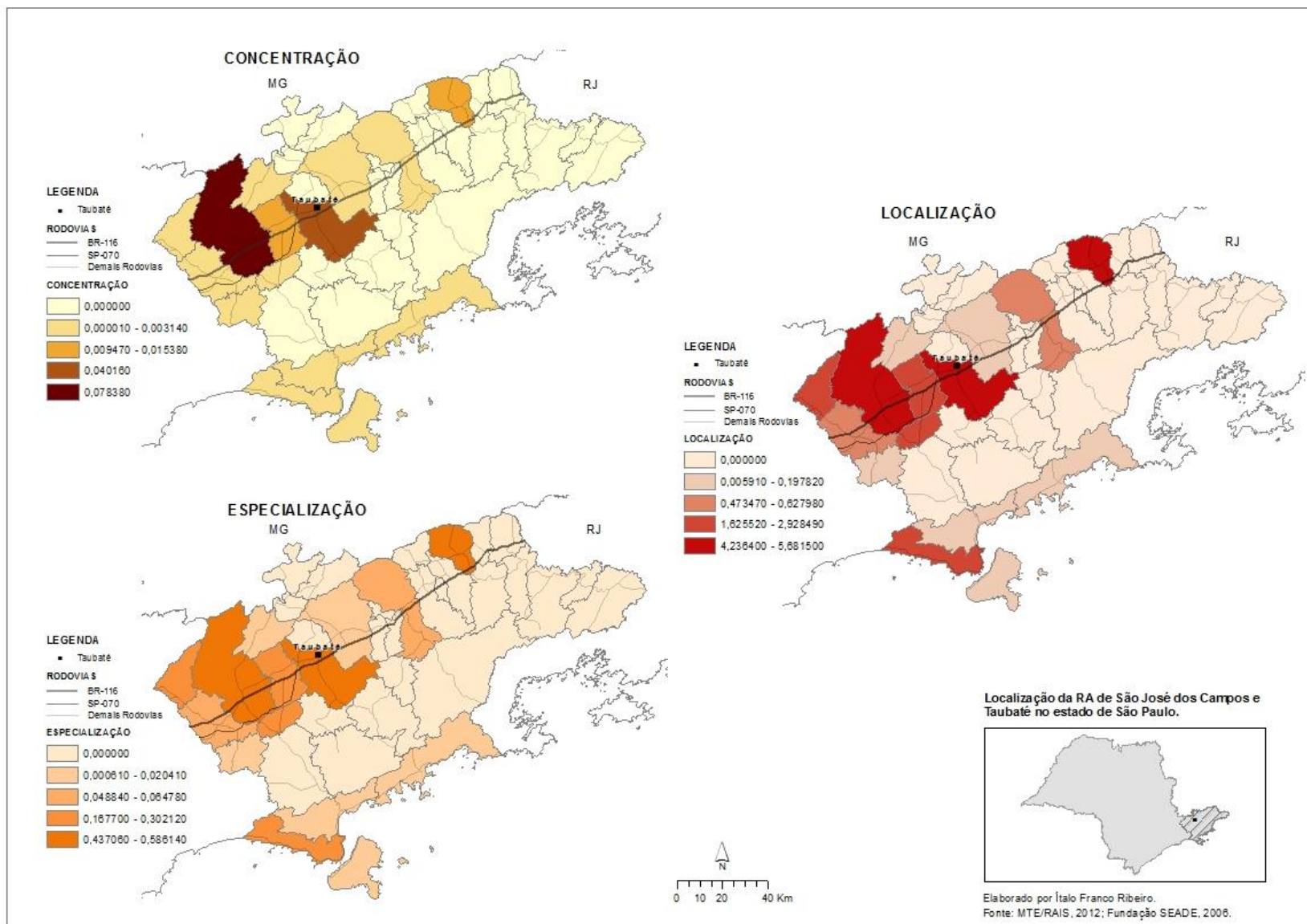
¹⁸ Modernização da linha de montagem para a produção dos veículos Gol e Voyage no ano de 2007 e nova linha de montagem para a produção do veículo *UP*, em 2014 na unidade da Volkswagen de Taubaté. Na empresa Ford, em 2009, houve a inauguração de uma nova linha para a produção de um novo segmento de motores, o qual está inserido em uma estratégia de produção de uma plataforma global para esse componente, e a modernização da linha de produção de transmissões, que segue esse mesmo modelo (Informações de trabalho de Campo, 2013; 2014).

¹⁹ O coeficiente de concentração indica o peso de um município na composição da atividade considerando o total do estado. O coeficiente de localização aponta o quanto uma atividade é importante para determinada localidade do que para a média do estado, ou seja, permite inferir a relevância da atividade para determinada localidade mesmo sendo ela pouco importante para o total do estado. O coeficiente de especialização mensura o peso de segmento industrial em análise no conjunto das atividades de um município (SÃO PAULO, 2006).

Mapa 5. Coeficiente de Concentração, Especialização e Localização do subsetor de atividade de material de transporte no Estado de São Paulo



Mapa 6. Coeficiente de Concentração, Especialização e Localização do subsetor de atividade de material de transporte na Região Administrativa de São José dos Campos



Nos mapas é possível observar um padrão de distribuição das atividades do setor de material de transportes segundo a intensidade das manchas ao longo dos principais eixos rodoviários do estado e, de acordo com maior elevação do índice, a concentração das atividades em uma área que compreende a RMSP, a RA de Campinas e a RA de São José dos Campos. Ao que se refere à RA de São José dos Campos, observamos uma concentração das atividades com mais intensidade no município de São José dos Campos, em seguida, segundo as classes de frequência, observamos Taubaté, e na terceira classe, Caçapava e Cruzeiro. Essa conformação demonstra o grau de importância dos municípios da região no total das atividades do segmento de material de transporte no conjunto de suas atividades no estado.

O coeficiente de localização demonstra o quanto as atividades de material de transporte se sobressaem nos municípios já destacados, sendo possível apontar uma aglomeração do setor nesses municípios. Por fim, a partir dos dados que compõem o coeficiente de especialização, podemos afirmar a importância do ramo de material de transporte em Taubaté, pois se evidencia uma situação de especialização das atividades do município voltadas para esse segmento.

Assim, podemos reafirmar que os dados apresentados até o momento nos demonstram o peso desse segmento no conjunto de atividades da indústria em Taubaté, assim como é possível observar para outros municípios da região, como São José dos Campos, Caçapava e Cruzeiro, revelando ainda, forte grau de concentração dos empregos do segmento em poucas cidades da RA e a preponderância do setor na região em relação às demais áreas do estado.

Mesmo diante das considerações acerca das economias de aglomeração para as atividades produtivas e possíveis ganhos de escala, os fatores que compõem, na atualidade, uma configuração espacial específica capaz de aglutinar vantagens de localização e geração de riqueza não se atêm exclusivamente ao conjunto de variáveis internas ao urbano, mas corresponde às dinâmicas que o integram à lógica de expansão e transformação do modo capitalista de produção em sua complexa articulação, que envolve as escalas do urbano, regional, nacional e internacional.

Nesse contexto de análise, Camagni (2005) afirma que o estudo da localização urbana representa parcialmente, ou até mesmo se enquadra como menos relevante, a problematização acerca dos aspectos locais das empresas, pois as decisões dessa natureza se desenvolvem segundo uma lógica intra e interregional. Assim, Camagni (2005) ressalva que

variáveis como custo de trabalho, recursos humanos com qualidades específicas, disponibilidade de capital, economias de aglomeração em geral, que são mais relevantes em um espaço mais amplo, desaparecem em um âmbito intra-urbano uma vez que não permitem diversificar nem distinguir uma área de outra (p. 96, Tradução nossa).

A especialização dos lugares, a qual acarreta conseqüentemente em uma especialização do trabalho (SANTOS; SILVEIRA, 2001), se realiza pelo aumento da necessidade de intercâmbios estabelecidos em espaços cada vez mais amplos (ARROYO, 2006) em função de uma nova divisão territorial do trabalho lastreada nos avanços dos objetos e regulação das normas destinadas à produção, criam-se assim as condições técnicas e sociais, e não mais naturais, que determinam localizações e as especializações territoriais. Tais especializações criam tanto uma economia de aglomeração, com a atração de empresas fornecedoras de insumos e/ou serviços especializados, como se verificam, no local, interseções do circuito produtivo (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

O processo de globalização ampliou as disputas intercapitalistas para a conquista de novos mercados fazendo com que as empresas globais tenham cada vez mais capacidade de reconhecer os recursos indispensáveis às suas lógicas de produção em cada ponto do planeta. Nesse cenário, associado à maior difusão dos transportes e comunicação (SANTOS, 1988), alguns lugares são reservados a receberem investimentos de setores produtivos, indispensáveis à produtividade, o que causa uma valorização seletiva em função do uso do território que as empresas possam efetuar (SANTOS; SILVEIRA, 2001), com efeito, “aumentam as possibilidades de uma dissociação geográfica de atividades” (ARROYO, 2006, p. 74), intensificando a necessidade de intercâmbios.

Segundo os autores, não podemos mais considerar a autossuficiência de uma dada porção espacial, ou ao que Santos (1988) chamou de uma situação de autarquia, ou seja, uma condição que permita a independência de um lugar ou região em relação à produção, pelo contrário, no período atual a produção tornou-se uma síntese de relações simultâneas e particulares entre diferentes espaços mobilizados para a consecução de suas etapas, pois está submetida aos comandos dos diferentes capitais que a controla, os quais, não raro, estão dispersos em espaços distintos, embora conectados, aos espaços que a materializam (SANTOS, 1985, 1988, 1999; HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006).

Essa articulação entre diferentes espaços estão orientados segundo uma lógica global (SANTOS, 1988) que pode ser evidenciada por meio dos circuitos espaciais da produção

(SANTOS, 1985, p.17), os quais, para o autor, “seriam as diversas etapas pelas quais passaria um produto, desde o começo do processo de produção até chegar ao consumo final”.

De acordo com Arroyo (2006, p. 79), um “circuito espacial envolve diversas empresas e ramos e, também, diversos níveis (local, nacional e internacional)”. E acrescenta,

Isso significa que o circuito permite agregar a topologia de várias empresas em um mesmo movimento; mas, ao mesmo tempo, permite captar uma rede de relações que se dão ao longo do processo produtivo, atingindo uma topografia que abrange uma multiplicidade de lugares e atores. Ou seja, circuito espacial e topologia de uma empresa poucas vezes se superpõem plenamente, poucas vezes se confundem, a menos que se trate de uma única empresa comandando todas as atividades (p. 79).

Nosso intento não é discorrer acerca das relações estabelecidas pelas empresas de Taubaté para realização da produção, tampouco efetivar um mapeamento ou descrição pormenorizada entre os lugares envolvidos nas etapas de produção dos bens e do consumo, o que objetivamos é demonstrar que as vantagens de localização obtidas pelas empresas situadas nessa cidade não estão atreladas unicamente aos fatores característicos ao âmbito intraurbano, mas em sua capacidade de conectar os processos produtivos dessas empresas com uma lógica coordenada e integrada de produção industrial, via de regra, independentes da dinâmica local ou regional, essa lógica se refere aos imperativos de reprodução do capital em geral.

O que queremos dizer com o exposto é que, para uma análise mais aprofundada acerca das localizações e que contribua para a diferenciação das estruturas produtivas conferindo especificidades aos lugares, não basta somente realizar uma leitura das economias internas de um centro urbano ou de uma região se não levarmos em consideração as possibilidades que possam ser postas em prática para a realização de complexas interações espaciais pelos diversos agentes que encontram, nestes lugares, vantagens para efetivação do ciclo de reprodução do capital.

1.4 Dinâmica especial da indústria: os fluxos de importação e exportação

De acordo com Corrêa (1997), as interações espaciais são promovidas pela relação entre diferentes agentes, segundo um amplo conjunto de razões, e produzem configurações espaciais distintas de acordo com os atributos presentes em diferentes localizações e conforme

as possibilidades reais de se articularem entre si. Embora possam ser realizadas por impulsos diferentes, as lógicas que norteiam progressivamente o ciclo de reprodução do capital dão origem e continuamente modificam grande parte das interações espaciais, as quais são efetivadas por meio dos fluxos de diversas naturezas, intensidades diferenciadas e um padrão espacial desigual, que confere a cada centro “uma função específica no âmbito de sua própria divisão territorial do trabalho” (p. 303).

Corrêa (1997) afirma que as interações espaciais não se referem a “puros e simples deslocamentos”, mas devem ser compreendidas “como parte **integrante da existência (e reprodução)** e do processo de **transformação social**” (p. 280, grifo nosso). Por um lado, em referência à existência e reprodução social, o autor afirma que as interações espaciais emergem como produto das desigualdades espaciais verificadas em cada período histórico, por outro, ao que se reporta às transformações sociais, o autor ressalta que as interações espaciais se caracterizam por assimetrias nos padrões de relações que favorecem determinados lugares em prejuízo de outros, ampliando suas diferenças e transformando os lugares.

Segundo Corrêa (1997), o processo de internacionalização do capital produtivo demandou a constituição de complexas redes de produção e circulação que conectam numerosas empresas distribuídas em diferentes países. Tal contexto intensificou e ampliou as dinâmicas das interações espaciais, tornando-as mais ágeis e complexas, e estabeleceu uma progressiva articulação entre diferentes lugares por meios das redes geográficas, as quais correspondem à produção e circulação de capitais, informações, pessoas, mercadorias.

Desse modo, cada lugar participa do processo de reprodução do capital de maneira diferenciada e correspondem aos imperativos do capital em função das vantagens que oferecem à sua maior rentabilidade. Com esse exemplo, Corrêa (1997), ao se reportar a Ullman (1974), expõe que as interações espaciais são derivadas da diferenciação entre as áreas e, paralelamente, se constitui como condição de reprodução dessas diferenças.

As complexas dinâmicas das interações espaciais correspondem, em larga medida, às estratégias locais de grandes empresas que buscam extrair dos diferentes lugares vantagens crescentes como imperativo concorrencial. Essa relação pode se tornar mais visível quando observadas as adaptações que numerosas localizações realizam para responder a lógicas produtivas de grandes e multilocalizadas empresas que extrapolam o padrão de relações local/regional.

Dessa forma, procedemos de acordo com Santos (1999, p. 14) ao ressaltar as possibilidades de apreensão analítica a partir das características dos movimentos e das redes.

As redes são incompreensíveis, se apenas as enxergarmos a partir de suas manifestações locais ou regionais. Mas estas são também indispensáveis para entender como trabalham à escala do mundo. Conforme escreveu F. BRAUDEL (1979: 57, *Le temps du monde*), a partir do movimento privilegiado que desejamos iluminar, podemos descobrir o movimento global através dos movimentos particulares, já que "todos esses ciclos são contemporâneos e sincronizados; eles coexistem, estão misturados e somam ou subtraem seus movimentos diante das oscilações do conjunto". O espaço é o teatro de fluxos com diferentes conteúdos, intensidades e orientações.

Assim, é possível apreender funcionalidades e especificidades dos lugares pela análise das articulações realizadas por grandes empresas, que no caso de Taubaté, nesse trabalho se restringem à compreensão da atuação daquelas ligadas ao setor industrial, elas promovem complexas interações espaciais, pela acessibilidade às redes de comunicação e transportes, e conferem perfis produtivos específicos aos lugares como resultado de uma divisão territorial do trabalho mais complexa e competitiva.

Nesse aspecto, vale ressaltar a importância das redes sob a análise da divisão territorial do trabalho, como assegura Santos (1999, p. 13-14),

As redes são portadoras de informações, na forma de produtos, mercadorias, ideias, dinheiro, recados afetivos. Sua função fundamental é assegurar ligações, nos seus mais diversos aspectos. Essa é sua força, tanto maior quanto mais numerosa a variedade de comunicações que o seu conteúdo técnico é capaz de permitir.

As redes são, ao mesmo tempo, globais e locais. São globais porque cobrem todo o ecúmeno e, na verdade, constituem o principal instrumento de unificação do Planeta. Mas elas também são locais, já que cada lugar, através de sua estrutura técnica e de sua estrutura informacional, acolhe uma fração, maior ou menor, das redes globais. Como nacionais ou regionais as redes presidem à divisão internacional do trabalho e determinam a natureza da cooperação.

Embora não foquemos nossas análises nas dinâmicas que podem ser apreendidas a partir dos conteúdos expressos pelas redes de comunicação e transporte, tais considerações nos indicam que os movimentos e as qualidades dessas redes podem indicar as características de diferentes arranjos espaciais e como esses correspondem, em diferentes momentos, às possibilidades de localização segundo as estruturas de produção dos grandes agentes econômicos, pois essas infraestruturas ressaltam um conjunto outro de fatores que vigoram no

conjunto de necessidades que influenciam ou determinam as decisões locacionais desses agentes (SANTOS, 1988, 1996).

É a partir dessas definições que abordaremos, mesmo que parcialmente, as interações espaciais. Nesse momento as interações espaciais serão evidenciadas pelo fluxo de importações/exportações das empresas do segmento industrial localizadas em Taubaté e da origem dos seus capitais. Dessa maneira poderemos ao menos captar uma das dimensões econômicas efetivadas pelas empresas ao articularem seletivos espaços segundo uma lógica de reprodução gestada em amplas escalas, conferindo (des)valorizações que se desdobram em uma produção desigual dos espaços envolvidos.

Ao analisar os quadros com os itens comercializados no mercado internacional pelas empresas instaladas em Taubaté, verificamos que o produto total das exportações e importações conta com forte atuação das atividades industriais. Na pauta de exportações os produtos classificados entre os números 1 e 4, referentes aos segmentos automobilístico, metal-mecânico e materiais elétricos, aglutinam 98% do total exportado pelas empresas da cidade.

Quadro 1. Principais produtos exportados - Taubaté, 2012

| | Classificação dos produtos exportados | US\$ (FOB)²⁰ | % |
|-----------|---|--------------------------------|----------|
| 1 | Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres; Suas partes e acessórios. | 706.481.463 | 56,19 |
| 2 | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos e suas partes. | 461.743.687 | 36,72 |
| 3 | Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; Aparelhos de gravação ou de reprodução de som; Aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios. | 41.400.545 | 3,29 |
| 4 | Obras de ferro fundido, ferro ou aço | 22.077.064 | 1,76 |
| 5 | Óleos essenciais e resinóides; Produtos de perfumaria ou de toucador preparados e preparações cosméticas. | 6.862.178 | 0,55 |
| 6 | Obras diversas de metais comuns | 5.289.538 | 0,42 |
| 7 | Pastas ("ouates"), feltros e falsos tecidos; fios especiais; cordéis, cordas e cabos; Artigos de cordoaria. | 2.665.237 | 0,21 |
| 8 | Borracha e suas obras | 1.580.687 | 0,13 |
| 9 | Plásticos e suas obras | 1.339.120 | 0,11 |
| 10 | Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia ou cinematografia, medida ou controle de precisão; Instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; suas partes e acessórios. | 1.253.648 | 0,10 |

²⁰ Termo referente ao comércio internacional (INCOTERM) cuja sigla na língua inglesa significa *free on board*. Trata-se de uma condição de negociação adotada entre as partes envolvidas na compra e venda e utilizada para fins estatísticos acerca do comércio internacional.

| | | | |
|----|---|----------------------|---------------|
| 11 | Sabões, agentes orgânicos de superfície, preparações para lavagem, preparações lubrificantes, ceras artificiais, ceras preparadas, produtos de conservação e limpeza, velas e artigos semelhantes, massas ou pastas para modelar, "ceras" para dentistas e componentes. | 1.249.963 | 0,10 |
| 12 | Ferro fundido, ferro e aço | 1.187.094 | 0,09 |
| 13 | Alumínio e suas obras | 597.172 | 0,05 |
| 14 | Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas. | 438.947 | 0,03 |
| 15 | Preparações alimentícias diversas | 388.491 | 0,03 |
| 16 | Outros metais comuns: ceramais ("cermets"); obras dessas matérias. | 337.463 | 0,03 |
| 17 | Móveis; mobiliário médico-cirúrgico, colchões, almofadas e semelhantes; Aparelhos de iluminação não especificados nem compreendidos em outros capítulos; Anúncios, cartazes ou tabuletas e placas indicadoras luminosas, e artigos semelhantes; Construções pré | 336.636 | 0,03 |
| 18 | Tecidos impregnados, Revestidos, Recobertos ou estratificados; Artigos para usos técnicos de matérias têxteis | 323.702 | 0,03 |
| 19 | Produtos cerâmicos | 282.228 | 0,02 |
| 20 | Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes | 200.522 | 0,02 |
| 21 | Gorduras e óleos animais ou vegetais; Produtos da sua dissociação; Gorduras alimentares elaboradas; Ceras de origem animal ou vegetal | 187.093 | 0,01 |
| 22 | Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais. | 162.907 | 0,01 |
| 23 | Combustíveis minerais, óleos Minerais e produtos da sua destilação; Matérias betuminosas; Ceras Minerais. | 162.616 | 0,01 |
| 24 | Extratos tanantes e tintoriais; taninos e seus derivados; pigmentos e outras matérias corantes; tintas e vernizes; mástiques; tintas de escrever | 156.518 | 0,01 |
| 25 | Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais. | 104.499 | 0,01 |
| 26 | Produtos químicos orgânicos | 100.391 | 0,01 |
| 27 | Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão. | 83.822 | 0,01 |
| 28 | Materias albuminóides; Produtos à base de amidos ou de féculas modificados; Colas; Enzimas | 72.077 | 0,01 |
| 29 | Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes. | 68.275 | 0,01 |
| 30 | Demais Produtos | 223.001 | 0,02 |
| | Total | 1.257.356.584 | 100,00 |

Fonte: SECEX/MDIC, 2012. Org: Ítalo Franco Ribeiro.

No quadro podemos observar que os principais produtos exportados estão atrelados às empresas do ramo de produção automotivo, ou seja, veículos e alguns de seus componentes e acessórios. Essa situação pode ser observada pela discriminação dos produtos e a correlação destes com as principais empresas exportadoras com unidades produtivas em Taubaté, como veremos um pouco mais adiante.

Embora a exportação de veículos seja a principal, com o maior peso na pauta de exportação da cidade, os produtos envolvidos na produção de veículos, logo, da cadeia de produção do setor automobilístico, estão listados nas linhas 1, 8, 9, 18, os quais, somados, correspondem a (FOB US\$) 709.401.270, ou 56,46% do total das exportações. Se considerarmos o setor de material de transporte, subsetor de atividade da indústria de transformação, segundo IBGE, podemos incluir nessa lista os produtos de número 20, que compreende o segmento aeronáutico.

Em seguida, vemos a importância das atividades do setor metal-mecânico expressas por meio das exportações dos produtos nas linhas de número 2, 4, 6, 12, 13 e 16. O conjunto de empresas do setor instalado em Taubaté fabrica/monta estruturas, máquinas e equipamentos para o setor petroquímico, energético e de distintos usos industriais²¹.

Os produtos concernentes à linha de número 3, de materiais elétricos e eletrônicos referem-se, em larga medida, às atividades da empresa multinacional sul-coreana **LG Eletronics**, responsável pela fabricação de aparelhos de TV, monitores e telefones celular. Isso pode ser afirmado pela característica das dimensões dos estabelecimentos desse segmento industrial na cidade, são estruturados em unidades de produção de micro e pequeno porte, mas conta com apenas um estabelecimento de médio porte, somando 9 estabelecimentos do ramo em Taubaté.

Os demais produtos descritos na tabela anterior têm peso bem menor do que os três ramos industriais a pouco destacados, no entanto, demonstra que há no município uma pauta variada de exportações vinculada a diferentes segmentos da indústria de transformação, os quais, com parcela significativa, focados na produção de bens duráveis e em bens de produção.

Um fato que se mostra relevante para nossa compreensão acerca dos produtos exportados é que apesar da fabricação/montagem desses produtos serem realizados por unidades fabris em Taubaté, grande parte dos materiais necessários para essa etapa do processo de produção tem origem extra local, principalmente obtidos por meio de importações. De acordo com a entrevista realizada junto ao SINDIMETAU, as empresas do setor metal-mecânico, eletrônico e material de transportes localizadas em Taubaté adquirem grande parte dos insumos necessários à produção de países da Ásia, Europa e América do Norte, sobretudo, produtos com grande incorporação de tecnologia e beneficiamentos específicos de matérias primas para as demandas desses setores.

²¹ Entrevista concedida em trabalho de campo, out. 2013.

Segundo os representantes do sindicato, grande parte das empresas instaladas em Taubaté mantém somente as unidades fabris destinadas à produção e montagem final dos produtos, pois a concepção e desenvolvimento de novos produtos e a produção de insumos de alto valor agregado ainda permanecem em unidades localizadas, em larga medida, nos países sedes dessas grandes empresas.

No caso das empresas de capital local, de acordo com o sindicato, elas se estruturam em torno das atividades das grandes empresas multinacionais, as quais encomendam produtos e serviços segundo um grau de qualidade e controle dos processos previamente estabelecidos pelas contratantes, o que dispensa aos empresários locais investimentos em desenvolvimento e inovação de novos produtos e processos industriais.

Com relação às importações, podemos observar na tabela seguinte que parcela dos principais segmentos de produtos dessa pauta também são os mais destacados no conjunto das exportações (linhas 1,3 e 4). Nas importações, os produtos da linha 1, 3 e 4 correspondem a um total de 54%, dentre os quais se observa a preponderância dos produtos relacionados ao ramo de material elétrico conjuntamente com o setor aeronáutico, este último corresponde a 30% das importações locais. Em menor medida, seguem-se as atividades do segmento metal-mecânico e automobilístico.

Quadro 2. Principais produtos Importados, Taubaté, 2012

| | Classificação dos produtos importados | US\$ (FOB) | % |
|-----------|---|-------------------|----------|
| 1 | Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; Aparelhos de gravação ou de reprodução de som; Aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios. | 694.215.085 | 30,76 |
| 2 | Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes. | 677.336.238 | 30,02 |
| 3 | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos e suas partes. | 303.567.564 | 13,45 |
| 4 | Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres; Suas partes e acessórios. | 218.045.824 | 9,66 |
| 5 | Obras de ferro fundido, ferro ou aço. | 53.863.828 | 2,39 |
| 6 | Móveis; mobiliário médico-cirúrgico, colchões, almofadas e semelhantes; Aparelhos de iluminação não especificados nem compreendidos em outros capítulos; Anúncios, cartazes ou tabuletas e placas indicadoras luminosas, e artigos semelhantes; Construções pré | 50.347.889 | 2,23 |
| 7 | Alumínio e suas obras | 43.326.678 | 1,92 |
| 8 | Cereais | 41.318.960 | 1,83 |
| 9 | Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia ou cinematografia, medida ou controle de precisão; Instrumentos e aparelhos médico-Cirúrgicos; suas partes e acessórios. | 37.648.296 | 1,67 |
| 10 | Ferro fundido, ferro e aço. | 31.398.466 | 1,39 |

| | | | |
|----|--|----------------------|---------------|
| 11 | Plásticos e suas obras | 26.617.508 | 1,18 |
| 12 | Produtos da indústria de moagem; malte; amidos e féculas; inulina; glúten de trigo. | 11.751.490 | 0,52 |
| 13 | Borracha e suas obras | 10.386.599 | 0,46 |
| 14 | Obras diversas de metais comuns | 9.803.782 | 0,43 |
| 15 | Vidro e suas obras | 7.275.462 | 0,32 |
| 16 | Outros metais comuns: ceramais ("cermets"); obras dessas matérias. | 4.384.832 | 0,19 |
| 17 | Produtos químicos orgânicos | 4.125.260 | 0,18 |
| 18 | Óleos essenciais e resinóides; Produtos de perfumaria ou de toucador preparados e preparações cosméticas. | 3.912.112 | 0,17 |
| 19 | Ferramentas, artefatos de cutelaria e talheres, e suas partes, de metais comuns. | 3.278.218 | 0,15 |
| 20 | Cobre e suas obras | 3.213.571 | 0,14 |
| 21 | Filamentos sintéticos ou artificiais | 3.176.182 | 0,14 |
| 22 | Extratos tanantes e tintoriais; taninos e seus derivados; pigmentos e outras matérias corantes; tintas e vernizes; mástiques; tintas de escrever. | 2.541.044 | 0,11 |
| 23 | Níquel e suas obras | 2.284.400 | 0,10 |
| 24 | Tapetes e outros revestimentos para pavimentos, de matérias têxteis. | 1.413.629 | 0,06 |
| 25 | Livros, jornais, gravuras e outros produtos das indústrias gráficas; textos manuscritos ou datilografados, planos e plantas. | 1.324.819 | 0,06 |
| 26 | Pastas ("ouates"), feltros e falsos tecidos; fios especiais; cordéis, cordas e cabos; Artigos de cordoaria. | 1.318.606 | 0,06 |
| 27 | Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão. | 1.183.527 | 0,05 |
| 28 | Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes. | 1.100.609 | 0,05 |
| 29 | Produtos diversos das indústrias químicas | 859.241 | 0,04 |
| 30 | Outros artefatos têxteis confeccionados; sortidos; Artefatos de matérias têxteis, calçados, chapéus e artefatos de uso semelhante, usados; trapos. | 820.980 | 0,04 |
| 31 | Materias albuminóides; Produtos à base de amidos ou de féculas modificados; Colas; Enzimas. | 654.099 | 0,03 |
| | Demais Produtos | 4.015.080 | 0,18 |
| | Total | 2.256.509.878 | 100,00 |

Fonte: SECEX/MDIC, 2012. Org: Ítalo Franco Ribeiro.

A pauta local de importações demonstra uma variedade de produtos com peso significativo no total importado, diferente das exportações, onde pudemos verificar uma concentração acima de 90% em poucos produtos. O quadro anterior também revela significativa atividade de ramos industriais que não constaram na pauta de exportações ou tiveram pouca participação no total, como é o caso do ramo de alimentos e bebidas, o qual obteve, no ano de 2012, um volume pouco mais de 2% das importações.

Entretanto, um caso interessante foi elencado na linha 2, referente ao setor aeronáutico, representado pela empresa EMBRAER, presente no município desde 2008 com um centro de distribuição e logística. Atualmente, essa unidade da empresa passou a realizar atividades industriais, inclusive, para suprir parte dos insumos a serem transformados por suas subsidiárias²². As atividades dessa empresa elevaram a pauta de importações locais representando um volume de 30% delas.

A correlação dos dados dos quadros anteriores referentes ao comércio exterior do setor industrial nos permite afirmar que Taubaté acolhe um tipo de produção industrial com significativo valor agregado que está atrelada a fabricação de bens de consumo duráveis no segmento de transportes, eletroeletrônicos e comunicação e de bens intermediários e de produção nos ramos metal-mecânico, cujas empresas estão incluídas em um circuito de produção industrial que articula o mercado internacional, tanto para a produção quanto à distribuição.

Esse quadro é inverso à situação da indústria local de bens de consumo não duráveis, pois observamos interações em amplas escalas na aquisição de insumos, no entanto, há pouco volume nos dados do MEDIC/SECEX (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/Secretaria de Comércio Exterior) de exportações vinculadas a esse tipo de atividade, algo em torno de 0,3% do total das exportações, o que pode demonstrar uma atuação, por parte dessas empresas, no mercado que articula o regional e o nacional. Tal hipótese é reforçada pelas informações obtidas por meio de entrevista realizada junto a ACIT (Associação Comercial e Industrial de Taubaté).

Segundo a representante dessa entidade, as empresas que correspondem à produção de bens de consumo não duráveis em Taubaté têm forte atuação regional, principalmente no setor de produção de massas e de laticínios, como em escalas mais abrangentes, que articulam o regional e nacional, como é o caso da empresa francesa Malteria do Vale, de beneficiamento de malte para cervejarias.

Outro elemento que pode nos mostrar as complexas interações espaciais no ciclo de reprodução industrial refere-se à origem dos capitais envolvidos no comércio internacional. Para tanto, selecionamos arbitrariamente as principais empresas importadoras e exportadoras de Taubaté que movimentaram, individualmente, valores superiores a US\$ 1 milhão no ano de 2012.

²²Entrevista concedida em trabalho de campo, out. 2013. Realizada junto ao Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté, no ano de 2013.

Nos quadros a seguir 3 e 4 constam o nome da empresa, a origem do capital, a descrição da atividade principal e a faixa correspondente ao montante negociado no mercado internacional.

Quadro 3. Principais empresas exportadoras e origem do capital

| Empresa | Descrição das atividades | Faixa US\$ (FOB) | Origem do capital | Ano de instalação |
|---|--|----------------------------|-----------------------------|--------------------------|
| VOLKSWAGEN DO BRASIL | Montadora de automóveis | Acima de US\$ 50 milhões | Alemanha | 1976 |
| FORD MOTOR COMPANY BRASIL LTDA | Fabricação de motores e transmissões para automóveis | Acima de US\$ 50 milhões | EUA | 1964 |
| CAMERON DO BRASIL LTDA | Fabricação de máquinas e equipamentos para a prospecção e extração de petróleo | Acima de US\$ 50 milhões | EUA | 1997 |
| ALSTOM BRASIL ENERGIA E TRANSPORTE LTDA | Fabricação de máquinas e equipamentos motores e turbinas | Entre US\$ 10 e 50 milhões | França | 1956 |
| AUTOLIV DO BRASIL LTDA | Auto-peças | Entre US\$ 10 e 50 milhões | Suécia | 1997 |
| GESTAMP BRASIL S/A | Autopeças | Entre US\$ 10 e 50 milhões | Espanha | 1996 |
| MUBEA DO BRASIL LTDA | Autopeças | Entre US\$ 10 e 50 milhões | Alemanha | 1997 |
| MORPHO DO BRASIL S/A | Componentes eletrônicos | Entre US\$ 10 e 50 milhões | França | 1999 |
| IFF ESSENCIAS E FRAGRANCIAS LTDA | Fabricação de aditivos de uso industrial - alimentos | Entre US\$ 1 e 10 milhões | EUA | 1996 |
| LG ELECTRONICS DO BRASIL LTDA | Fabricação de eletrônicos; periférico para equipamento de informática e telecomunicações | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Coreia do Sul | 1996 |
| IRAMEC AUTOPECAS LTDA | Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores | Entre US\$ 1 e 10 milhões | ESPANHA | 2005 |
| PFAUDLER EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS LTDA | Fabricação de máquinas e equipamentos industriais - saneamento básico e ambiental | Entre US\$ 1 e 10 milhões | EUA | 1978 |
| AUTONEUM BRASIL TEXTEIS ACUSTICOS LTDA | Fabricação de tecidos especiais | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Suíça e Belo Horizonte (MG) | 1998 |

| | | | | |
|---|---|---------------------------|----------------------|------|
| FABINJECT INDÚSTRIA PLÁSTICA LTDA | Fabricação de artefatos de material plástico para usos industriais, pessoal e doméstico. | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Pindamonhangaba (SP) | 2004 |
| AUTOCOM COMPONENTES AUTOMOTIVOS DO BRASIL | Autopeças | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Espanha | 1998 |
| PLASTIC OMNIUM DO BRASIL LTDA | Fabricação de artefatos de material plástico para usos industriais | Entre US\$ 1 e 10 milhões | França | 2000 |
| TECNOAMERICA INDÚSTRIA E COMERCIO LTDA. | Fabricação de máquinas, equipamentos e aparelhos para transporte e elevação de cargas, peças e acessórios | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Luxemburgo | 2002 |
| FORTEUSI MAQUINAS ALIMENTÍCIAS LTDA | Fabricação, manutenção e reparação de máquinas e equipamentos para as indústrias de alimentos, bebidas e fumo | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Taubaté (SP) | 2007 |
| VIBRACOUSTIC DO BRASIL | Fabricação de artefatos de borracha | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Alemanha | 1998 |
| EMBRAER S.A. | Centro logístico - aeronaves e aparelhos espaciais e suas partes | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Brasil | 2008 |

Fonte: SECEX/MDIC; Cadastro CNPJ Receita Federal; JUCESP; Prefeitura Municipal de Taubaté, 2012.
Org: Ítalo Franco Ribeiro.

Quadro 4. Principais empresas importadoras e origem do capital

| Nome da empresa | Descrição Da Atividade | Faixa US\$ (FOB) | Origem Do Capital | Ano de Instalação |
|--------------------------------|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| LG ELECTRONICS DO BRASIL LTDA | Fabricação de ap. eletrônicos; periférico para equipamentos de informática e telecomunicações. | Acima de US\$ 50 milhões | Coreia do Sul | 1996 |
| EMBRAER S.A. | Centro logístico - aeronaves e aparelhos espaciais e suas partes | Acima de US\$ 50 milhões | Brasil | 2008 |
| VOLKSWAGEN DO BRASIL | Montadora de automóveis | Acima de US\$ 50 milhões | Alemanha | 1976 |
| FORD MOTOR COMPANY BRASIL LTDA | Fabricação de motores e transmissões para automóveis | Acima de US\$ 50 milhões | EUA | 1964 |

| | | | | |
|---|---|-------------------------------|---------------------------|------|
| ALSTOM BRASIL ENERGIA E TRANSPORTE LTDA | Fabricação de máquinas e equipamentos, motores e turbinas | Acima de US\$ 50 milhões | França | 1956 |
| AUTOLIV DO BRASIL LTDA | Autopeças | Acima de US\$ 50 milhões | Suécia | 1997 |
| MALTERIA DO VALE LTDA. | Fabricação de malte | Acima de US\$ 50 milhões | França | 1998 |
| MORPHO DO BRASIL S/A | Componentes eletrônicos | Entre US\$ 10 e 50 milhões | França | 1999 |
| CAMERON DO BRASIL LTDA | Fabricação de máquinas e equipamentos para a prospecção e extração de petróleo, peças e acessórios. | Entre US\$ 10 e 50 milhões | EUA | 1997 |
| GESTAMP BRASIL INDUSTRIA DE AUTOPECAS S/A | Autopeças | Entre US\$ 10 e 50 milhões | Espanha | 1996 |
| MUBEIA DO BRASIL LTDA | Autopeças | Entre US\$ 10 e 50 milhões | Alemanha | 1997 |
| IFF ESSENCIAS E FRAGRANCIAS LTDA | Fabricação de aditivos de uso industrial - alimentos | Entre US\$ 1 e 10 milhões | EUA | 1996 |
| DARUMA TELECOMUNICACOES E INFORMATICA S/A | Fabricação de aparelhos eletrônicos - informática e telecomunicações | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Itália - Japão | 1972 |
| ELEB EQUIPAMENTOS LTDA | Fabricação de motores, peças e componentes para aeronaves. | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Grupo Embraer - Brasil | 2008 |
| WELDING ALLOYS BRASIL LTDA | Comércio atacadista de produtos siderúrgicos e metalúrgicos, exceto para construção. | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Inglatera, EUA | 1995 |
| TECNOAMERICA INDUSTRIA E COMERCIO LTDA. | Fabricação de máquinas, equipamentos e aparelhos para transporte e elevação de cargas, peças e acessórios. | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Luxemburgo | 2002 |
| PLASTIC OMNIUM DO BRASIL LTDA | Fabricação de artefatos de material plástico para usos industriais | Entre US\$ 1 e 10 milhões | França | 2000 |
| VILLARTA EQUIPAMENTOS DE ELEVACAO LTDA. | Fabricação de máquinas, equipamentos e aparelhos para transporte e elevação de pessoas, peças e acessórios. | Entre US\$ 1 e 10 milhões | São Paulo (SP) | 2004 |
| DAIDO INDUSTRIAL E COMERCIAL LTDA | Fabricação de equipamentos de | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Japão | 1974 |

| | | | | |
|--|---|---------------------------|----------------------|------|
| | transmissão para fins industriais | | | |
| RESOLUCAO INDÚSTRIA GRAFICA LTDA | Fabricação de embalagens de papel, cartolina e papel-cartão. | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Taubaté (SP) | 2004 |
| COPRECI DO BRASIL LTDA. | Comércio atacadista especializado em produtos intermediários - eletro domésticos | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Espanha | 1998 |
| AUTOCOM COMP. AUTOMOTIVOS DO BRASIL LTDA | Autopeças | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Espanha | 1998 |
| PFAUDLER EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS LTDA | Fabricação de máquinas e equipamentos industriais - saneamento básico e ambiental | Entre US\$ 1 e 10 milhões | EUA | 1978 |
| MAXWELD COMERCIO E SERVICOS DE SOLDAGEM LTDA | Fabricação de obras de caldearia pesada, máquinas-ferramenta, peças e acessórios e serviços de usinagem | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Taubaté (SP) | 2006 |
| HYDROSTEC TECNOLOGIA E EQUIPAMENTOS LTDA | Fabricação de máquinas e equipamentos para saneamento básico e ambiental, peças e acessórios. | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Taubaté (SP) | 2007 |
| COMPANHIA INDUSTRIAL BRASILEIRA IMPIANTI | Fabricação de máquinas e equipamentos para terraplenagem, pavimentação e construção, peças e acessórios, exceto tratores. | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Taubaté (SP) | 1975 |
| FABINJECT INDÚSTRIA PLASTICA LTDA | Fabricação de artefatos de material plástico para usos industriais, pessoal e doméstico. | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Pindamonhangaba (SP) | 2004 |

Fonte: SECEX/MDIC; Cadastro CNPJ Receita Federal; JUCESP; Prefeitura Municipal de Taubaté, 2012.
Org: Ítalo Franco Ribeiro.

Os quadros 3 e 4 demonstraram significativa presença de empresas de capital internacional na cidade, cujas empresas foram as principais responsáveis pelo montante das exportações e importações de Taubaté, a exceção da empresa brasileira EMBRAER, que está entre as empresas que movimentaram um total acima de US\$ 50 milhões em 2012.

Nos quadros é possível observar que das 31 empresas que movimentaram mais de US\$ 1 milhão em exportações e importações, 9 são de capital nacional, dentre essas, 3 são locais, 3 do estado de São Paulo e 3 do estado de Minas Gerais. Das empresas locais que aparecem nessa lista, apenas a CIBI apresentou movimentos de exportação, porém, abaixo da faixa aqui discriminada. No caso da empresa Resolução Gráfica, seu volume de importações se referem à aquisição de máquinas e equipamentos para ampliação de sua produção. Entretanto, o caso que da empresa Hydrostec merece ser destacado pelo alcance das suas atividades no mercado nacional.

Constituída em 2007, inicialmente como empresa subsidiária da multinacional francesa Alstom, responsável por fornecimento, manutenção e implantação de sistemas hidráulicos, segundo informações de trabalhadores da própria empresa, inaugurou no distrito industrial de Caucaia/CE uma unidade de produção de tubos de aço como estratégia de ampliação de suas atividades no mercado nacional por meio da diversificação da produção, inclusive na planta de Taubaté, no entanto, sua principal atividade ainda está ligada à cadeia de suprimentos da própria Alstom. Esse exemplo demonstra a capacidade de algumas empresas, mesmo estando atreladas à cadeia produtiva de multinacionais, de diversificarem sua produção e ampliar sua atuação no mercado. Esse foi o único caso de ampliação dos mercados por empresas de capital local que conseguimos apurar durante o período da presente pesquisa, o que demonstra a baixa participação dos capitais de origem local na ampliação de suas atividades e na ampliação dos mercados, os quais, em larga medida, estabelecem articulações em escala regional.

A cidade de Taubaté reafirma sua atividade econômica produtiva a partir da década de 1990, anos em que se instalaram a maioria das empresas responsáveis por significativa fatia da pauta de exportações e importações da cidade.

As mudanças político-econômicas ocorridas a partir dos anos de 1990, com a ampla abertura comercial e estabilização econômica obrigaram a indústria brasileira a concorrer com um volume maior de produtos importados em meio a um mercado internacional em intenso processo de concentração de capitais, seja por fusões ou aquisições de empresas, pois algumas empresas da cidade e mesmo empresas que se instalaram no decorrer desse período foram incorporadas por grandes grupos internacionais.

No setor automotivo, como registrado anteriormente por Goldenstein e Casotti (2008), as empresas desse segmento são fornecedoras globais das montadoras. No caso específico das empresas sistemistas que têm como estratégia de localização a proximidade

com as grandes plantas montadoras, a entrada desse tipo de empresa no país ocorreu justamente no decorrer da década de 1990, respondendo a um novo padrão concorrencial e produtivo da indústria em escala global.

Nesse contexto, a característica do setor industrial de Taubaté corresponde em larga medida aos processos que culminaram com a entrada de capitais internacionais no país por meio da instalação de novas unidades produtivas, aquisição ou fusão de empresas nacionais ou mesmo multinacionais que já tinham plantas produtivas na cidade.

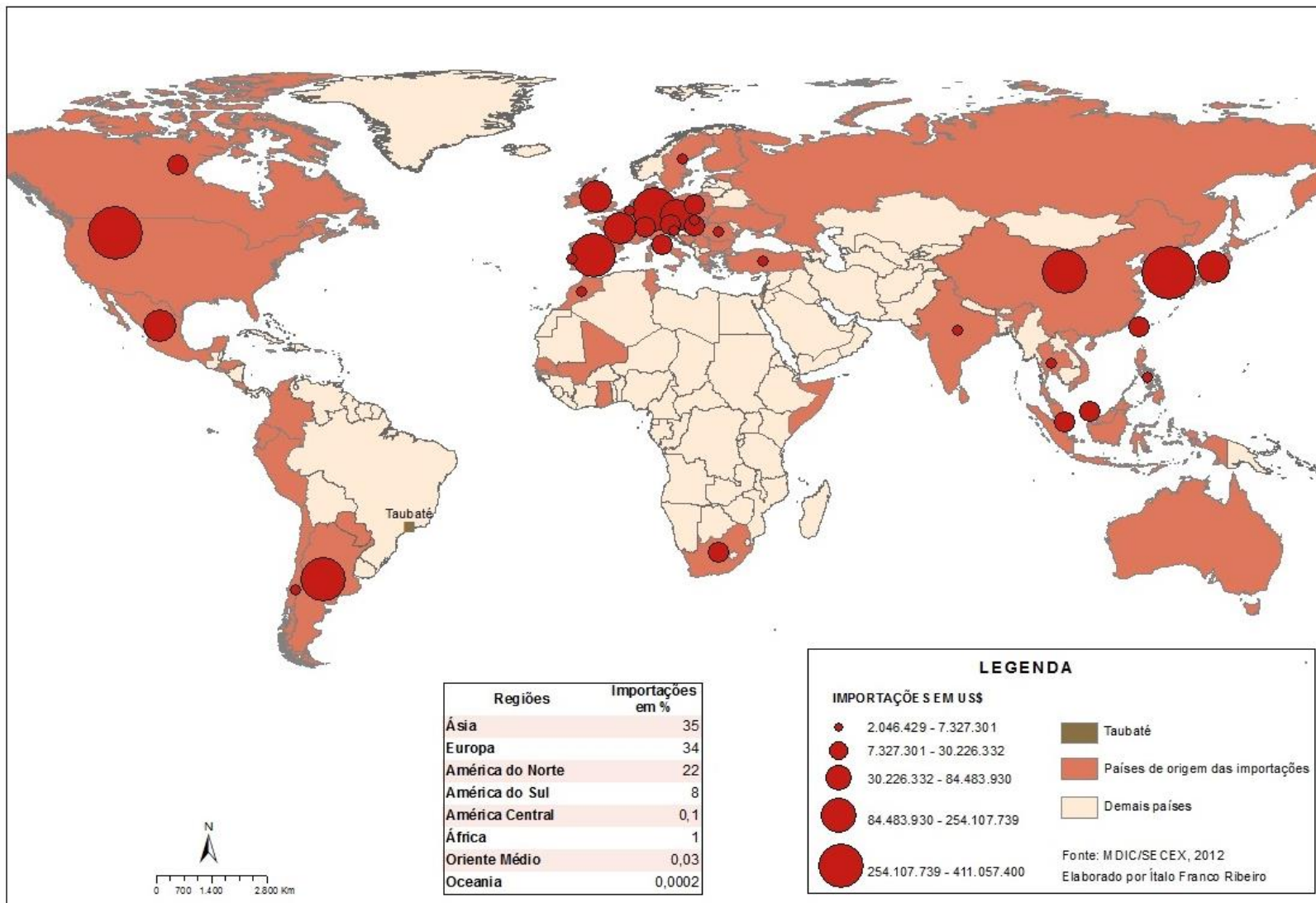
O que podemos observar em Taubaté é um movimento que relaciona um corolário produtivo industrial indutor de atividades intersetoriais que reforçaram e ampliaram as economias de urbanização aos traços característicos da situação geográfica na qual se inscreve, essas condicionantes permitem a segmentos do capital produtivo diferentes vantagens, seja pelas relações locais/regionais/supranacionais ou benefícios em função da geração de economias de aglomeração/localização, característicos de uma cidade em que, segundo conseguimos vislumbrar por meio dos dados do comércio internacional, uma sobreposição de lógicas de produção que redefinem as dinâmicas locais ao passo que permitem interações espaciais diversas pela acessibilidade às redes de circulação. Essa sobreposição pode ser constatada pela atividade industrial calcada na produção de bens duráveis e intermediários que envolvem processos produtivos complexos, no entanto, com baixa produção tecnológica local.

Ao associarmos essas informações aos coeficientes de especialização, concentração e localização, observamos a concretização de um nó de produção industrial no setor de material de transportes que tem nas empresas automobilísticas Ford e Volkswagen as principais indutoras das atividades desse ramo de atividades na cidade além de contribuir para a requalificação das economias urbanas.

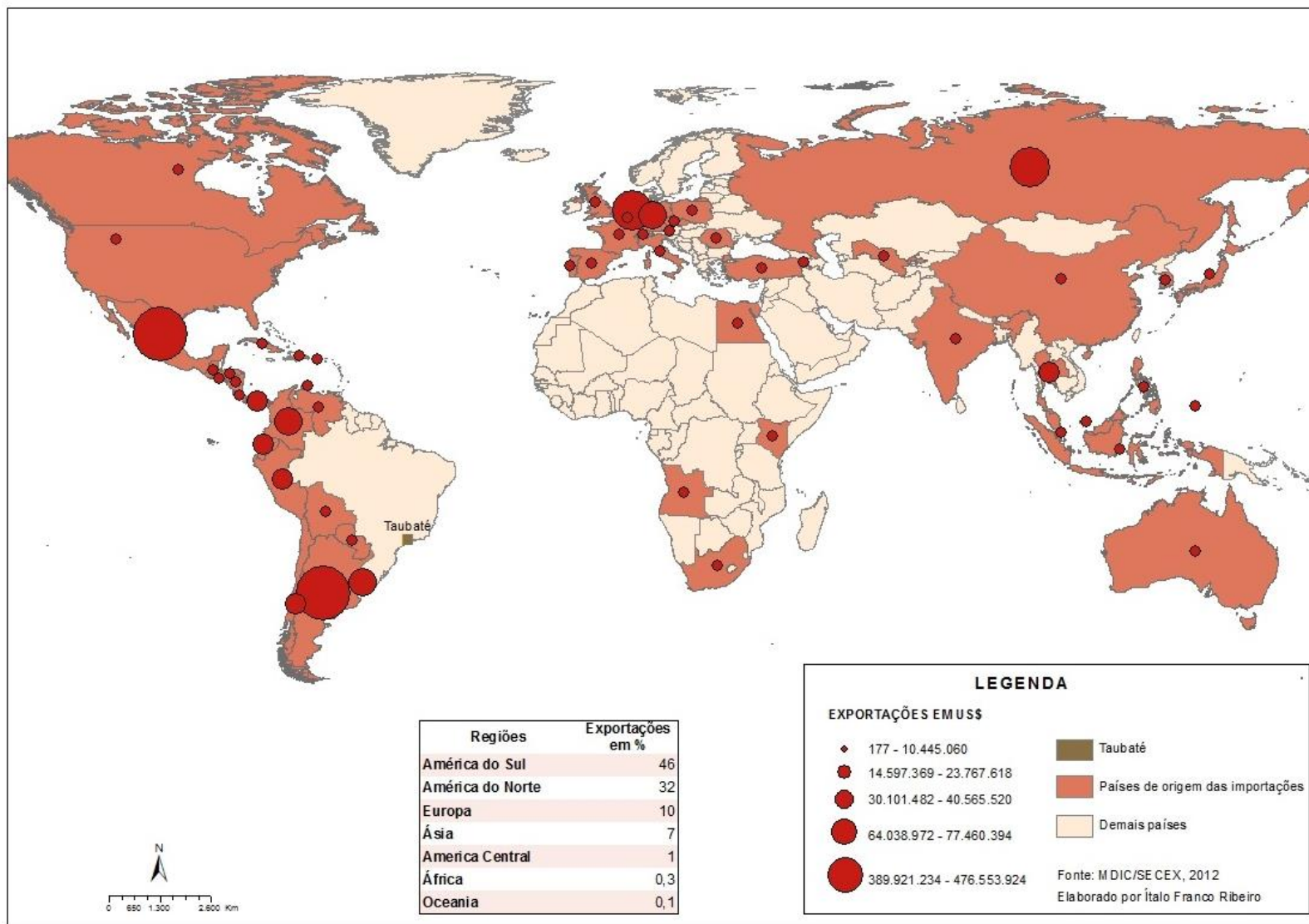
Os dados das exportações demonstraram setores de atividade industrial atuantes em mercados regionais, menos abrangentes, porém capaz de articular escalas distantes por meio de importações, principalmente pela aquisição de máquinas e equipamentos, e áreas mais próximas, através do circuito do consumo e, possivelmente, na absorção de mão de obra, sobretudo, entre os municípios do entorno. Ademais, as importações realizadas por essas empresas, principalmente na aquisição de bens de capital, incidem diretamente na modernização dos processos industriais dessas empresas, na ampliação e mesmo a diferenciação da produção, o que pode tornar essas empresas mais competitivas e obter maior projeção no mercado.

Nos mapas a seguir, poderemos observar que a maior parte das importações realizadas pelas empresas de Taubaté é originada dos continentes asiático e europeu e da América do Norte. Entre os principais países que importam para as empresas de Taubaté estão: EUA (18,2%), Coreia do Sul (16%), Espanha (11%), China (10,6), Alemanha (7,9%) e Argentina (7,3%). Por outro lado, os principais países consumidores dos produtos fabricados em Taubaté estão no continente Americano, sendo que a maior parcela do total das exportações (46,3%) está distribuída entre os países membros e associados ao MERCOSUL (Mercado Comum do Sul). Dentre os principais parceiros; Argentina (37,9%), México (31%), Holanda (6,2%), Rússia (5,1%), Alemanha (3,2%) e Colômbia (3%).

Mapa 7. Importações realizadas pelas empresas do setor industrial de Taubaté, 2012



Mapa 8. Exportações realizadas pelas empresas do setor industrial de Taubaté, 2012



A partir dos mapas apresentados é possível observar diferentes escalas entre as relações estabelecidas entre o local e o internacional que dizem respeito à própria dinâmica da divisão internacional do trabalho, cujos circuitos mais complexos da indústria automotiva estão localizados na Europa, EUA e Ásia, no entanto, quando se trata da distribuição e consumo, essa topologia se esquadrinha, principalmente, sobre a América do Sul.

Esse cenário expõe uma estrutura industrial local que, por um lado, se apresenta muito dependente de insumos tecnológicos de países que comandam o circuito de inovações no setor industrial e, por outro, atrelado a mercados consumidores que ainda apresentam fragilidades frente a oscilações econômicas tanto domésticas como externas.

Nesse sentido, é possível afirmar que a indústria localizada em Taubaté e, conseqüentemente, a dinâmica de seu mercado de trabalho, estão, em variável medida, expostos a qualquer conjuntura econômica nacional que contenha o impulso do mercado consumidor ou minimizem a rentabilidade da indústria ou até mesmo de qualquer mudança macroeconômica na América do Sul, pois a dinâmica econômica desse mercado mais regionalizado pode alterar o seu funcionamento, em consequência, os empregos locais. Assim, mesmo muito dinâmico e indutor de atividades diversas para Taubaté, o setor automotivo do país encontra-se, ainda, atrelado a políticas de incentivos setoriais, com isso, sua capacidade de geração de empregos, pelo potencial de geração de atividades em cadeia, pode afetar o mercado de trabalho local negativamente em casos de readequação de políticas fiscais e econômicas, fatos que impõem ao fazer das dinâmicas produtivas locais, os desdobramentos das decisões tomadas em outras instâncias, outras escalas, realizadas nos espaços do “mandar”, em alusão a Santos (2008, p. 304).

A especialização local na produção de bens duráveis demarca uma condição intrínseca ao desenvolvimento industrial contemporâneo, a corrente diminuição dos postos de trabalhos diretos no setor²³. A constante necessidade de renovação da produção e maior produtividade em um segmento de mercado marcado pela concorrência e estratégias dos grandes grupos em escala global imprimem às grandes empresas a continuidade do ciclo de modernização dos processos produtivos para manterem-se competitivas. Quando ocorrem modernizações nos processos de montagem das grandes plantas industriais do setor automotivo, por exemplo, essa modernização ocorre via diminuição de custos e produtividade. Não raro, essas ações modernizadoras conduzem a diminuição da mão de obra

²³ Esse tema será discutido no capítulo 3 desse trabalho.

empregada diretamente nesses processos ou o deslocamento de parte dela para outros setores da economia, como os serviços²⁴ (ANTUNES, 2005; POCHMANN, 1999).

O esforço empreendido na tentativa de deslindar o perfil econômico produtivo de Taubaté demonstra que a situação da indústria local não se refere somente à geração de atividades oriundas de economias de escala ou das vantagens de localização, mas é fruto de um processo paulatino de acúmulos de decisões industriais que localizaram nesse eixo uma parte importante da divisão do trabalho industrial brasileiro.

Os dados acerca do comércio exterior demonstram que Taubaté está inserida em um circuito de produção que corresponde a setores industriais com importância significativa para a economia brasileira. Tal característica reforça sua posição na divisão territorial do trabalho em diferentes escalas, segundo a intensidade e amplitude das articulações que favorece, realça os principais atributos da situação geográfica para a localização de capitais e produz um perfil econômico produtivo específico que a diferencia de outras cidades.

O esforço empreendido para apontar as especificidades produtivas de Taubaté pouco se explica pelas características do local, é preciso um olhar mais profundo acerca dos desdobramentos de um processo histórico de estruturação e reprodução ampliada da indústria brasileira em seus diferentes momentos, os quais tiveram impactos significativos para o conjunto das atividades produtivas que atualmente se localizam nessa cidade.

Nesse sentido, no capítulo seguinte buscaremos demonstrar os fatores que colaboraram para a estruturação e consolidação do setor industrial em Taubaté, ou seja, um conjunto de determinações que concretizaram o desenvolvimento das relações capitalistas no país e os desdobramentos desse processo histórico para a conformação territorial que acabamos de apresentar.

²⁴ Em entrevistas realizadas junto ao SINDIMETAU, os representantes da entidade nos relataram que os maiores problemas relacionados ao corte de empregos nas empresas da cidade estão relacionados a inovações de processos industriais. Segundo os relatos, “é grande o enfrentamento com as empresas para a manutenção dos empregos, mas a saída que temos encontrado é a garantia do redirecionamento de parte dos empregos para outras empresas, ‘terceiras’, mas mesmo assim é difícil”. Especificamente, foi relatado o caso da empresa Volkswagen, que no ano de 2012 inaugurou uma nova ala de pintura de carrocerias de automóveis, com investimentos de aproximadamente R\$ 430 milhões, com a automatização do processo que já estava em funcionamento há 25 anos. Nesse caso a empresa fechou 200 postos de trabalho diretos.

SEGUNDO CAPÍTULO

A industrialização do estado de São Paulo e as especificidades da atividade industrial no Vale do Paraíba paulista: origem, agentes, escalas e processos

No presente capítulo discorreremos acerca da industrialização no Vale do Paraíba paulista. Nosso foco de análise são os processos históricos que possibilitaram a essa região atingir um patamar produtivo industrial no qual apresentamos anteriormente. Nesse sentido, apontaremos algumas especificidades econômicas da região frente às transformações estruturais que ocorreram no estado de São Paulo nos anos iniciais do século passado, seja no período de transição de uma economia de predomínio das atividades rurais para uma economia pautada nas atividades urbanas e industriais, ou na paulatina consolidação da indústria como principal setor de atividade econômica regional. Assim, iremos expor um quadro histórico e geográfico que tem foco central os processos que conduziram a intensificação das atividades industriais e a industrialização no Vale do Paraíba paulista e Taubaté.

Ao considerarmos as especificidades socioespaciais do VPP, discorreremos sobre as diferentes fases da industrialização do país, processo esse que não pode ser confundido com o início das atividades industriais no Brasil, pois o termo industrialização pressupõe um conteúdo processual complexo que, de acordo com Santos (1993, p. 27), não se restringe a “atividades industriais nos lugares”, mas como um processo mais geral que se concretiza pelo predomínio das lógicas fabris de produção às demais formas sociais de transformação de matéria prima e produção de mercadorias, pois modificam e tornam mais complexas a divisão social do trabalho.

Dessa forma o foco recai sobre o próprio estado de São Paulo em função dos processos históricos que modificaram seus sistemas materiais – infraestruturas - e sociais (SANTOS, 1993) e lhe conferiram as condições necessárias para concentrar grande parte da produção e reprodução industrial brasileira, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, o qual exerceu um papel de centro hegemônico do capital industrial influenciando de maneira hierárquica a divisão do trabalho industrial em escala nacional.

Buscamos elencar os elementos fundamentais para a o entendimento da primazia conquistada pelo estado de São Paulo a partir das atividades produtivas centradas na economia exportadora, que no Brasil (em situação de exploração colonialista) se concretizou segundo especializações em atividades agrícolas e mineradoras regionais conformando a natureza das formações socioespaciais dessas regiões produtoras (SANTOS, 1993), e relacioná-los às características regionais do desenvolvimento socioespacial da região do VPP, com maior relevância para a cidade de Taubaté.

Nesse sentido, alguns temas serão priorizados na construção dos argumentos cientes das possibilidades e limitações que essas escolhas implicarão para o trabalho, no entanto, tomamos um posicionamento acerca dos fatores que conduziram o processo histórico de formação socioespacial do VPP e do processo de estruturação industrial na região e em Taubaté, os quais serão expostos da seguinte forma:

a) o complexo cafeeiro como condicionante das atividades industriais no estado de São Paulo e sua relação com as especificidades socioespaciais do VPP;

b) as atividades têxteis como setor responsável para o desencadeamento das atividades industriais e adensamento de economias urbanas no VPP e Taubaté.

Ao que se refere à estruturação do setor produtivo industrial:

a) o papel do planejamento estatal em escalas estadual e regional para o impulsionamento das atividades econômicas no VPP;

b) os setores industriais que iniciaram o processo de industrialização local e regional;

c) o processo de desconcentração espacial da indústria no estado de São Paulo e seus desdobramentos para o VPP e Taubaté.

A partir desse quadro acreditamos obter um conjunto de determinações que são parte constitutivas do processo histórico de formação de um importante eixo que concentra significativa monta do produto industrial nacional e da divisão do trabalho industrial brasileiro, a considerar, sobretudo, as especificidades produzidas pelo processo de industrialização de São Paulo na área que compreende o Vale do Paraíba paulista.

2.1 Atividade industrial e a industrialização: considerações sobre o fenômeno e o processo

Os estudos que remontam ao surgimento das atividades industriais e os processos espaciais desencadeados pela sua produção em território brasileiro são recorrentes em diferentes campos das humanidades e considerados centrais para o entendimento da história econômica e da política nacional. Nas obras referenciais sobre o assunto, os argumentos que atestam a relevância do estudo sobre a industrialização brasileira foram motivadores de intensos debates e contendas interpretativas, as quais se referem, sobretudo, aos aspectos teóricos e conceituais utilizados pelos autores, os fatores e processos que deram origem à formação de um capital industrial e os agentes envolvidos no processo.

As atividades agroexportadoras e mineradoras realizadas no Brasil contribuíram para o futuro surgimento de uma produção de base industrial, segundo diferentes contextos econômicos e espaciais. Registros históricos acerca da atividade industrial no Brasil demonstram que sua fase inicial pode ser datada ainda no período colonial. Esse é o caso, por exemplo, das pequenas manufaturas que realizavam atividades consideradas complementares aos grandes estabelecimentos agrícolas e de mineração. Embora as atividades manufatureiras fossem bastante limitadas, seja pela restrição técnica ou pela coibição da Coroa portuguesa, pois mantinha o monopólio comercial na colônia, elas também correspondiam às necessidades e provimento de pequenos mercados e populações que se afixaram longe dos grandes centros urbanos, nos quais os próprios produtores ou artesãos ofereciam diretamente seus produtos e serviços aos compradores (PRADO Jr., 2012).

Para Caio Prado Jr (2012), as manufaturas existentes no período colonial não tiveram importância para a economia da colônia, tampouco principiaram as atividades industriais no Brasil em períodos posteriores. A funcionalidade das manufaturas no Brasil do início do século XIX estava circunscrita à produção de bens voltados para a subsistência e como fonte de renda para as pessoas que habitavam as áreas interioranas, as quais não sofriam concorrência de produtos importados devido ao relativo isolamento imposto pelas dificuldades encontradas no sistema de transporte. Dessa forma, para o autor, “Esses ensaios industriais que se apresentavam tão promissores foram contudo em breve baldados” (p. 136).

Para o autor, a indústria brasileira tem seu primeiro surto de crescimento da produção na última década do século XIX como resultado de fatores como: processo de substituição de importações; mão de obra abundante e a baixo custo; surgimento e consolidação do setor industrial têxtil, beneficiário da produção algodoeira; entrada de capitais internacionais e iniciativas individuais a partir da acumulação de capital oriunda da economia cafeeira (PRADO Jr, 2012).

Em estudos que se aproximam dessas afirmações estão os realizados por Mello (1982) e Suzigan (2000). Segundo Mello (1982) a gestação do capital industrial no conjunto da economia brasileira ocorre no período classificado como o primeiro ciclo longo do café (1886-1918), que nas palavras do autor significam “doze anos de expansão e vinte de depressão” (p. 123). Entretanto, é precisamente entre os anos 1886 e 1898, correspondente aos doze primeiros anos do ciclo, que houve um cenário favorável para a acumulação de capital

pautado nas atividades do **complexo exportador cafeeiro**²⁵. Foi nesse intervalo que se constatou o aumento das divisas por meio do crescimento do cultivo e das exportações de café, impulsionado pela demanda externa, a qual, por sua vez, pressionou para o aumento dos preços do produto. Soma-se a isso, posteriormente, a expansão territorial dos cultivos permitida pela constante ampliação da malha ferroviária e, ainda, a oferta abundante de mão de obra, que passou a ser assalariada e com o forte componente da figura do imigrante (MELLO, 1982).

Ao atentarmos para o estudo de Suzigan (2000), podemos obter informações sobre a criação de grandes fábricas dos setores têxtil, alimentício e metalúrgico em um período anterior ao descrito por Mello (1982). Contudo, o autor ressalta que tais investimentos estiveram concentrados nas atividades do setor têxtil. Suzigan afirma que seria “mais correto referir-se aos anos 1886-1894 como um período em que a formação de capital industrial se acelerou substancialmente” (p.49), dando a entender que já havia um processo inicial de acumulação desse capital, primeiramente na região nordeste, estado da Bahia, entretanto, posteriormente, após a década de 1870, esse processo se amplia nos estados produtores de café, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (SUZIGAN, 2000).

Furtado (2004)²⁶, ao analisar o processo de industrialização brasileira, põe em evidência a formação de um mercado consumidor como impulsionador das atividades industriais e divide o comportamento de tais atividades em dois momentos. Para a consolidação desse raciocínio, o autor leva em consideração a renda interna gerada pela dinâmica do setor exportador, capitaneado pelo comércio do café no mercado internacional, nas diferentes conjunturas causadas pela sua expansão e retração.

Em um primeiro momento, o autor demonstra que a produção industrial brasileira era dependente da oscilação da economia agroexportadora, pois o comportamento da demanda interna por bens manufaturados era intrínseco ao aumento/diminuição da renda gerada pelas exportações do café e, o segundo momento da indústria brasileira é relacionado aos desdobramentos oriundos da crise internacional de 1929.

Para Furtado, a década de 1930 é, de fato, o momento no qual se efetivou o desenvolvimento da indústria brasileira, a partir de um processo intenso de substituição de

²⁵ Termo utilizado por Mello para designar o conjunto de atividades econômicas que se formou em torno da produção e comercialização do café.

²⁶ A primeira edição do livro de Furtado foi publicada em janeiro de 1959.

importações que mudou o centro dinâmico da economia brasileira, que passa a ser dominado pela atividade industrial.

Diante dos fatores expostos por Furtado, percebemos em seu texto a importância conferida aos episódios e medidas políticas que movimentaram o mercado interno. O amplo desenvolvimento do mercado interno seria, para o autor, o principal elemento que contribuiu para o desenvolvimento do setor industrial no Brasil. Assim, o governo brasileiro ao manter a demanda interna maior que a procura por produtos importados fez com que as atividades atreladas ao mercado nacional ficassem mais atrativas para investimentos que o setor exportador. Essa mudança de comportamento no mercado brasileiro permitiu que as atividades ligadas ao mercado interno se constituíssem em motor da economia nos anos que se seguiram à crise de 1929, a qual produziu estímulos à produção da indústria nacional em decorrência das dificuldades encontradas no comércio dos produtos do setor agroexportador. Nessas condições, o autor ressalta que “[...] Cria-se, em consequência, uma condição praticamente nova na economia brasileira, que era a preponderância do setor ligado ao mercado interno no processo de formação de capital” (FURTADO, 2004, p. 205).

Um contraponto a esses referenciais é oferecido por Martins (2010)²⁷. Segundo o autor, os pesquisadores²⁸ que se detiveram ao estudo da industrialização brasileira, no intento de esclarecer o processo de substituição de importações em momentos desfavoráveis à produção do café, afirmam que a indústria aparece para suprir a economia brasileira. Entretanto, nas considerações do autor,

a indústria brasileira não surgiu no corpo das relações imediatamente produzidas pelo comércio de produtos coloniais de exportação, como o café. [...] a *gênese* da indústria brasileira não deve ser buscada nas oscilações da economia do café, na alternância de períodos de crise e de falta de crise. Na verdade, o aparecimento da indústria está vinculado a um complexo de relações e produtos que não pode ser reduzido ao binômio café-indústria (MARTINS, 2010, p. 218).

A complexidade das relações que não se reduzem ao que Martins (2010) classificou como “bifrontismo” da economia brasileira está centrada na lógica das atividades realizadas pelas manufaturas, pois o quadro social e econômico brasileiro em meados do século XIX

²⁷ Trata-se da 9ª edição revisada do livro de José de Souza Martins, publicado originalmente no ano de 1979.

²⁸ Martins se refere, principalmente, às formulações acerca do processo de substituição de importações abordadas nas obras de DEAN, Warren. *The Industrialization of São Paulo (1880-1945)*. Austin/London: University of Texas Press, 1968, cuja publicação brasileira encontra-se em: DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo (1880-1945)**. São Paulo: DIFEL/EDUSP, 1971 e FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

permitiu, sobretudo, aos imigrantes que se instalaram nos estados do sul e São Paulo, desenvolverem duas lógicas de consumo no Brasil: a “de inserção no mercado e de mercado” (p. 216).

Tais lógicas expressam as diversas feições assumidas pelas relações de produção gestadas pelo capitalismo que se desenvolveu no Brasil, ou seja, a transição para do trabalho livre permitiu, segundo o autor, a coexistência de diferentes formas sociais de acumulação, como o regime de colonato, o assalariamento e mesmo a manutenção do trabalho escravo, todas funcionando como mecanismos sociais de mediação da reprodução do capital. Martins afirma que tais singularidades no processo de acumulação de capital no Brasil caracterizaram o processo que chamou de “produção capitalista de relações não capitalistas de produção” (p. 24).

Essa dupla orientação do mercado brasileiro é fruto das reflexões acerca das características de uma sociedade que transitava de um regime de trabalho escravista para concepções capitalistas desse, com seu assalariamento.

O autor expõe que o dualismo apresentado pela sociedade brasileira na esfera do consumo colaborou para a manutenção do funcionamento, e posteriormente, o desenvolvimento das atividades manufatureiras, as quais correspondiam, principalmente, às necessidades da população mais pobre das áreas rurais. Dessa forma, conclui o autor, que tal característica permitiu a essa “indústria antiga” operar segundo lógicas que não estavam circunscritas as lógicas do capital industrial. Assim, “Seus produtos circulavam, portanto, como mercadorias de um complexo econômico centrado na subsistência e só marginalmente referido ao mercado” (p. 218).

O fenômeno industrial também foi alvo dos estudos de Mamigonian (1969; 1976). Conforme Martins (2010), Mamigonian (1969) destaca que o processo de industrialização brasileiro decorre muito mais de mecanismos sociais do que econômicos. Embora considere a economia cafeeira importante para a geração de fatores que possibilitaram a expansão das atividades industriais no país, o autor ressalta que o sistema “colonial-latifundiário” não permitiu condições sociais favoráveis que correspondessem aos estímulos da expansão das atividades do café. Dessa forma, atendo-se às questões sociais do país entre fins do século XIX e início do século XX, afirma que o imigrante exerceu um papel fundamental, pois sua presença maciça não se circunscreveu à ampliação de um mercado de trabalho rural, mas na diversificação do consumo, engendrando novas inserções de mercado (CANO, 1990) e mão de obra de grande importância para as atividades urbanas, uma vez que muitos dos imigrantes

que fixaram residência nas áreas urbanas, sobretudo, na cidade de São Paulo, exerciam atividades atreladas à economia urbana nos países de origem (MARTINS, 2012; MAMIGONIAN, 1969; 1976; CANO, 1990).

A importância adquirida pelo cultivo do café frente à pauta de produtos do setor exportador brasileiro, principalmente a cultura da cana-de-açúcar e a atividade mineradora, tornou os espaços produtores do café mais complexos e proeminentes frente às antigas áreas produtoras. A expansão das atividades atreladas ao complexo cafeeiro culminou com o surgimento de novas lógicas de organização social que modificaram a antiga relação de produção escravista, com o assalariamento do trabalho, ao passo que também modificaram os vetores determinantes de acumulação de capital por meio do recrudescimento do processo de urbanização e industrialização.

Os desdobramentos dos principais fatores que atestaram a primazia de São Paulo frente às demais regiões e estados brasileiros apontam uma possível explicação que está subjacente a esse fato: a mudança nas relações de produção ancoradas na reorganização social do trabalho e o estímulo à imigração subvencionada pelo governo brasileiro e a consequente ampliação do mercado interno que dinamizou o consumo de bens manufaturados nacionais.

Desse modo, foi no contexto das atividades provenientes da economia cafeeira que se desenvolveram as bases necessárias para a transformação das relações sociais e de produção brasileira. Na passagem do padrão agroexportador para urbano industrial sobressai o protagonismo do complexo cafeeiro paulista para a ascensão política e econômica da região Sudeste, e nesse caso com destaque para a cidade de São Paulo, diante do cenário nacional.

Mesmo ao considerarmos as transformações produtivas em curso em fins do século XIX e início do XX nas diferentes porções regionais, como a borracha no Norte e o advento das usinas em substituição aos engenhos de açúcar no Nordeste, o relevo e a intensidade das modificações na estrutura econômica e, conseqüentemente, nos desdobramentos espaciais promovidas pelas atividades decorrentes da economia do café, tornaram São Paulo o principal núcleo produtivo do país.

Assim sendo, os elementos expostos com o auxílio das principais obras dos autores sobre o tema, além permitir a realização da acumulação de capital na lógica do complexo exportador cafeeiro, possibilitou o transbordamento das necessidades desse complexo para a geração de novas economias no segmento urbano do Brasil da Primeira República (CANO 1990; 2007; NEGRI, 1996).

Embora nos escape um detalhamento maior acerca desses elementos citados, essa compreensão acerca das estruturas definidoras da industrialização do país nos permite demarcar o desenvolvimento de diferentes processos que influíram na divisão do trabalho industrial brasileiro, como esse processo produziu singularidades espaciais por meio de uma maior indução do processo de urbanização, e nisso se incluem também as características das atividades industriais em diferentes aglomerações espaciais, pois como já foi destacado anteriormente por meio de Santos (1993), o processo de industrialização produziu novas lógicas econômicas e sociais que modificaram as dinâmicas urbanas sucedidas pelo complexo de atividades procedentes da economia cafeeira.

Com o exposto tentamos identificar os elementos que definem a diferenciação entre a industrialização e as primeiras atividades industriais (ou manufatureiras, segundo os autores) identificadas no país. Essas estão atreladas a um contexto econômico e social comandado pela lógica de produção agroexportadora na qual não se efetivava, ou apenas parcialmente, um processo de acumulação de capital no setor.

O processo de industrialização, iniciado em função das condições decorrentes da maior complexidade do modelo agroexportador, principalmente daquelas atribuídas à produção e comércio do café no estado de São Paulo, deu novos contornos à lógica de acumulação e reprodução do capital e passou a exercer um predomínio na dinâmica social e econômica brasileira.

Ao traçarmos as características subjacentes à industrialização e às primeiras atividades industriais no país, embora ambas estejam atreladas a um processo maior de desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, iremos enfatizar como essas dinâmicas se efetivaram em Taubaté e definiram os contornos espaciais e produtivos dessa cidade.

2.2 Notas sobre o histórico das atividades industriais no Vale do Paraíba paulista e Taubaté: origem e agentes

A indústria têxtil é colocada em evidência pelas singularidades assumidas no desenvolver de suas atividades para a industrialização de São Paulo (SUZIGAN, 2000). Na porção Oeste do estado, o setor esteve intimamente ligado ao que o Cano (1990) conceituou de complexo cafeeiro, ou seja, um conjunto de atividades integradas que intensificou uma

acumulação de capital em decorrência das novas dinâmicas e transformações na lógica capitalista de produção no Brasil.

Os principais fatores que cimentaram a conformação desse complexo econômico foram: a reorganização social do trabalho; ampliação territorial e maior racionalização da produção de café; a diversificação das atividades agrícolas, como a produção de alimentos e matérias primas, favorecendo o surgimento de novas atividades industriais; a construção de uma rede ferroviária, rede de serviços bancários, de armazenagem e transporte; atividades comerciais, inclusive ligadas ao comércio internacional; fatores que estão associados a ações governamentais, como o incentivo a entrada de imigrantes; políticas fiscais, monetárias, cambiais e de valorização do café (CANO, 1990).

No que tange ao Vale do Paraíba, as atividades têxteis surgem com características diferentes de como ocorreu nas então regiões pioneiras do Oeste e na capital, ou seja, se nestas áreas a indústria se consolida a partir do complexo econômico cafeeiro, (CANO, 1990), na região do Vale do Paraíba as fábricas surgem em função da estagnação da economia cafeeira na região, pois trata-se de uma região que se pautou amplamente no modelo “latifundiário-colonial” (MAMIGONIAN, 1969) do cultivo do café (SOTO, 2000).

A primeira fábrica têxtil do VPP foi fundada em São Luiz do Paraitinga, município localizado entre Taubaté e Ubatuba, no ano de 1875. Segundo o levantamento de documentos datados de fins do século XIX e início do XX realizado por Ricci (2006), a Fábrica de tecidos Santo Antônio foi fundada por um fazendeiro local, sendo a matéria-prima, o algodão, cultivada em sua propriedade, com cerca de 1200 hectares, e nos arredores do município de São Luiz do Paraitinga. Grande proprietário e de família influente na política nacional²⁹, sua fábrica produzia sacaria e panos grossos para a vestimenta de escravos (p. 53) e estava atrelada a uma lógica econômica e de organização social de reprodução das relações agroexportadoras baseadas no latifúndio e mão de obra escrava. De acordo com o autor, a produção da fábrica Santo Antônio durou por volta de uma década. Esse é um exemplo das características de parte das atividades atreladas à dinâmica da economia cafeeira que surgiram no Vale do Paraíba.

Para Soto (2000), os protagonistas da produção do café na região, mesmo diante do declínio da produtividade que remonta ao final da década de 1860, só iriam tomar consciência do comprometimento desse modelo de produção em fins do século XIX e nos anos iniciais do século XX.

²⁹ Seu filho José Valois de Castro foi deputado estadual, seis vezes deputado federal e senador (RICCI, 2006, p. 54).

Nesse sentido, ao tentarmos por em relevo elementos que compõem um amplo quadro de consolidação e desenvolvimento da indústria na região do VPP, buscamos, mesmo diante dos riscos de generalizações e tratamentos superficiais ao tema, demonstrar as especificidades do surgimento das atividades fabris e da industrialização na região em um contexto de extensas mudanças econômicas e sociais no estado de São Paulo.

As especificidades da economia regional na passagem do século XIX para o XX se revelam quando comparadas às regiões a oeste do estado. Foi nesta porção do território paulista que se constituíram as bases de um novo direcionamento das relações capitalistas em solo brasileiro capaz de garantir os meios necessários para a realização e o desenvolvimento de diversas atividades rurais e urbanas.

As cidades que se constituíram ou que reforçaram seu papel econômico no contexto de expansão econômica paulista estavam articuladas às novas redefinições da divisão territorial do trabalho produzidas pelo desenvolvimento da economia cafeeira com primazia econômica exercida pela capital (SPOSITO, 2004; NEGRI, 1996).

Esses fatores contrastavam com a situação do VPP no período destacado, pois enquanto o café promoveu as principais mudanças na estrutura econômica e social do estado de São Paulo em fins do século XIX, no VPP os impactos da crise da lavoura cafeeira produziram inércias e a continuidade de estruturas consolidadas nos tempos de maior produção se fizeram presentes nas primeiras décadas do século XX (SOTO, 2000; MEIHY, 1982). Muitos foram os efeitos da crise para o VPP e Taubaté, os autores ressaltam a desestruturação das áreas de subsistência e a diminuição dos excedentes negociados na cidade devido ao declínio da produtividade e a simultânea expansão das áreas abrangidas pelo cultivo; aumento populacional nas cidades em decorrência da abolição, que em efeito, engendrou uma diminuição dos salários e aumento dos preços por causa da escassez de produtos, pois com o aumento das áreas de cultivos aumentou a dependência de produtos externos (SOTO, 2000; NEGRI, 1994; MEIHY, 1982).

Nesse sentido, as características da economia cafeeira nessa região em fins do século XIX e início do século XX ainda guardavam semelhanças com a produção de tipo colonial, latifundiária, centrada na produção extensiva de café para exportação e importação de produtos manufaturados (SOTO, 2000; NEGRI, 1994).

Diante do que foi exposto, podemos traçar um rol de características econômico e sociais que demarcam as diferenças entre as antigas áreas produtoras de café e aquelas que foram inseridas, segundo as novas determinações de reprodução do capital.

A produção industrial na região foi liderada pelas atividades têxteis no período de decadência da produção do café. Essa atividade foi responsável por aproximadamente 80% da produção industrial do VPP (COSTA, 2005). A lógica de localização dos novos estabelecimentos industriais na região privilegiava a proximidade com o incipiente sistema de transporte ferroviário, concluído no final da década de 1870. Ao contrário da fábrica de Tecidos Santo Antônio, os novos estabelecimentos fixaram-se nas cidades onde havia estações ferroviárias e próximas ao principal centro consumidor do país, a cidade de São Paulo, pois o transporte ferroviário mudou as lógicas de localização de parte das atividades que se instalavam ao longo das antigas rotas de muares que ligavam o Vale do Paraíba ao litoral paulista e fluminense. De acordo com MÜLLER (1969), a ferrovia reforçou a centralidade de algumas cidades do VPP, como Taubaté, Jacareí e Guaratinguetá, pois nessas cidades houve uma retomada das atividades comerciais em função da instalação de estações ferroviárias (RICCI, 2006).

Os capitais envolvidos na constituição das primeiras fábricas têxteis no Vale do Paraíba foram, em larga medida, compostos por capitais locais e regionais. Em Jacareí, os capitais foram oriundos das atividades comerciais efetivadas no município; em Taubaté, os principais investimentos foram de descendentes de imigrantes franceses estabelecidos na cidade do Rio de Janeiro associado a capitais locais oriundos das atividades do café e, por fim; em Guaratinguetá, onde os capitais foram dos agricultores e comerciantes que residiam na própria cidade (RICCI, 2006).

No exame das condições em que se formaram as primeiras indústrias do VPP é possível observar a atuação dos imigrantes na condução empresarial das atividades industriais. Tal situação foi verificada nos trabalhos dos autores supracitados, contudo, suas considerações centraram-se principalmente à realidade das regiões a Oeste de São Paulo e desta cidade. A entrada de imigrantes na região do Vale do Paraíba paulista foi tardia em comparação às demais porções do estado (SOTO, 2000; LORENZO, 2002), o que revela algumas singularidades da inserção desses imigrantes na economia regional (RICCI, 2006).

A condução dos negócios industriais ocorreu após o insucesso dos investimentos dos fazendeiros locais nesse setor. O investimento dos imigrantes e/ou descendentes na indústria do VPP se seguiu aos investimentos locais. Segundo Ricci (2006) e Soto (2000), os estrangeiros que realizaram investimentos na indústria da região residiam em outras regiões de São Paulo e, principalmente, no Rio de Janeiro. Já os imigrantes que entraram no país por meio dos processos de migração subvencionada e tiveram como destino o Vale do Paraíba

paulista, atuaram, em larga medida, no setor agrícola e comercial (RICCI, 2006; LORENZO, 2002).

A entrada de imigrantes na região ocorreu de maneira a beneficiar os grandes proprietários rurais. Enquanto para o restante do estado de São Paulo a imigração era vista como fundamental para a acumulação capitalista, para os fazendeiros do VPP a imigração foi vista como elemento a diminuir os ônus causados pelo trabalho livre. Nesse sentido, muitos foram os acordos efetivados entre fazendeiros e o governo imperial, logo em seguida, republicano, para a manutenção da renda dos fazendeiros, que já se encontravam em franco depauperamento (SOTO, 2000; LORENZO, 2002).

Com o objetivo de minimizar os problemas financeiros dos fazendeiros, os primeiros núcleos de imigração constituídos em Taubaté tiveram como pano de fundo viabilizar a venda das áreas de fertilidade comprometida e improdutivas dos fazendeiros mais influentes para os imigrantes que nelas se instalaram³⁰ (SOTO, 2000; RICCI, 2006; LORENZO, 2002).

De acordo com Soto (2000), os primeiros imigrantes que chegaram em Taubaté tiveram como destino as propriedades de fazendeiros escravocratas. A autora relata inúmeros casos de conflitos entre os imigrantes e os fazendeiros em função do regime de trabalho imposto a essas pessoas, resultando na má reputação dos fazendeiros contratantes. A paulatina queda da produtividade dos cafezais e as dificuldades financeiras enfrentadas pelos fazendeiros locais formaram um quadro negativo para as atividades do café na cidade e tiveram grande peso para a baixa incidência de entrada de novos fluxos de imigrantes para a cidade (SOTO, 2000; LORENZO, 2002).

É importante ressaltar a espacialidade dos imigrantes em Taubaté, foram destinados a ocuparem áreas de várzea e planícies aluviais ao longo das margens do rio Paraíba do Sul e do Quiririm, seu afluente, locais não propícios ao cultivo do café³¹. Assim, a saída para os colonos, sobretudo italianos, italianos foi a rizicultura, importante atividade que se firmou como alternativa para a agricultura regional pautada no cultivo do café, com a distribuição de arroz para os grandes mercados consumidores das capitais paulista e fluminense, facilitada

³⁰ O caso de Taubaté é emblemático e expõe essa articulação entre fazendeiros e o governo. Ver: LORENZO, Ana Lúcia de. **Italianos em Taubaté: o núcleo colonial do Quiririm, 1890/1920**. 2002. Dissertação (Mestrado em História Econômica). Universidade de São Paulo, São Paulo.

³¹ A colônia de imigração implantada em Taubaté, atualmente distrito de Quiririm, foi uma maneira que o fazendeiro e vereador de Taubaté encontrou para auferir renda com uma área improdutiva, pois o governo provincial instituiu uma política de incentivo financeiro a fazendeiros que cedessem áreas para esse fim. Como exigência do fazendeiro, parte da fazenda foi loteada de forma que entremeados aos lotes da colônia houvesse lotes de propriedade do próprio fazendeiro, os quais se destinaram a venda para os imigrantes que se fixaram nessa colônia (RICCI, 2006; LORENZO, 2002).

pelo transporte ferroviário. Além dessa atividade os imigrantes italianos da colônia de Quiririm também fundaram olarias, em proveito dos depósitos aluvionares ricos em argila, atividade que contou com grande quantidade de mão de obra dos, recém, libertos (LORENZO, 2002).

Em meio a esse cenário de intensas mudanças econômicas e da resistência de uma mentalidade calcada nos valores coloniais que foram constituídas as primeiras fábricas em Taubaté. Foi essa cidade que abrigou as principais fábricas têxteis, em volume da produção e dimensão, do VPP, fundadas nos anos de 1891 e 1927. A primeira delas foi a CTI - Companhia Taubaté Industrial - fundada por descendentes de imigrantes franceses, nascidos em Minas Gerais, que residiam, porém, no Rio de Janeiro.

A produção inicial era a confecção de meias e camisas, com utilização de matéria-prima importada – Inglaterra – e a comercialização era realizada no Rio de Janeiro. Posteriormente, a produção se diversificou, com a aquisição de novas máquinas e equipamentos houve a produção de panos crus de algodão, riscados e brins, aos quais também se somaram os morins e cretones, já na década de 1920. A fábrica foi projetada para abrigar todas as etapas da produção de suas mercadorias, contando com seções de fiação, tecelagem, tingimento e oficina de reparos das máquinas e equipamentos, pois, devido às vicissitudes econômicas que interferiam no câmbio e nas taxas de importação, a empresa não ficaria sujeita às importações (RICCI, 2006).

Até entrar em funcionamento, no ano de 1891, a composição do capital da fábrica passou por várias mudanças e cabe aqui ressaltar que parte dos capitais investidos para a concepção da empresa era de investidores locais, sobretudo das atividades oriundas da agricultura, profissionais liberais e pequenos proprietários de engenho na cidade (RICCI, 2006; SOTO, 2000).

Além da participação do capital local na fundação da CTI, a empresa contou inicialmente com a participação de investidores residentes na cidade do Rio de Janeiro e de capitais do setor financeiro, por representantes dos bancos ingleses *London&Brazilian Bank* e *London and River Plate Bank* (SOTO; 2000). Posteriormente, no ano de 1901, após problemas financeiros oriundos, principalmente, da reconstrução de parte da fábrica por causa de um incêndio de grandes proporções, o grupo inglês *Aschworth & Cia* passou a controlar as vendas realizadas pela empresa (SOTO, 2000), que em 1910 chegou a 70% das ações da empresa (RICCI, 2006). Essa composição do capital da empresa foi revertida em 1929, quando pelos efeitos da crise econômica o grupo inglês entrou em falência e a empresa passou

a ser majoritariamente de propriedade do seu principal fundador, Felix Guisard³² (RICCI, 2006).

A decisão desses investidores em estabelecer uma fábrica têxtil na cidade Taubaté além de corresponder a condicionamentos de caráter mais geral, como um mercado em expansão para esses tipos de produtos e políticas governamentais protecionistas que incentivavam o redirecionamento de capitais acumulados nas atividades agrícolas e mineradoras para outros setores (FURTADO, 2004), se associou a fatores específicos locais, como a influência de grupos políticos locais junto ao governo Central, favorecendo os novos investimentos por meio de isenções na aquisição de bens e matérias primas importadas e incentivos locais (SOTO; 2000). Soma-se a esses privilégios, a considerável população³³ residente no município, caracterizando grande oferta de mão de obra, além da situação geográfica de Taubaté a época, provida de ligação ferroviária e centro urbano com uma densidade significativa de relações econômicas acumuladas no âmbito da economia cafeeira, as quais consolidaram a centralidade de Taubaté em relação às cidades do entorno (MÜLLER, 1965; 1969).

Ao que se refere à composição da mão de obra na nascente indústria têxtil do município, as obras indicam que o emprego de mão de obra na CTI era de trabalhadores não qualificados, situação na qual podemos deduzir se tratar de trabalhadores pobres que atuavam em atividades subsidiárias à produção do café, e nesse sentido, devido ao grande contingente de escravos na região considera-se o fato desses possíveis trabalhadores pobres serem também de outras cidades e regiões.

Ao nos atermos aos processos mais gerais e que se esquadriavam na estrutura econômica e produtiva brasileira, notamos certo privilégio da situação geográfica da região do VPP em relação aos dois principais centros urbanos brasileiros, Rio de Janeiro – centro político nacional – e São Paulo – principal polo econômico. A situação geográfica beneficiou a região frente aos desdobramentos espaciais do desenvolvimento daquela estrutura, teve reforçada sua importância, inclusive, pela maior agilidade nos deslocamentos proporcionados pela ferrovia, inaugurada em 1877, ligando São Paulo até Cachoeira, cidade na qual se fazia o entroncamento dos ramais que ligavam esta ao Rio de Janeiro.

³² Soto ressalta que os resultados da crise para empresa só foram contornados pela readequação do regime de trabalho, o qual passou a contar com duas horas trabalho extras realizadas por todas as pessoas empregadas sem remuneração (SOTO, 2000, p. 183).

³³ Os dados demográficos desse período diferem muito de acordo com os autores mencionados. Utilizamos os dados disponibilizados pela Fundação SEADE referentes às séries estatísticas históricas. Assim, em 1900, Taubaté obtinha 36.723 habitantes, sendo o oitavo município mais povoado de São Paulo.

A ferrovia trouxe consigo não somente a facilidade de deslocamento, mas novas lógicas para as atividades produtivas. Com o transporte ferroviário se seguiu a instalação da primeira fábrica têxtil de Taubaté, que se localizava próximo à estação ferroviária e próxima à área central da cidade. Se a primeira fábrica têxtil da região se instalou próximo à fonte de matéria-prima, depois da instalação dos trilhos da ferrovia as fábricas iriam seguir o seu traçado. Somando-se ao transporte, outro fator pode ser elencado como fundamental para a seletividade territorial da atividade têxtil, a grande quantidade de pessoas aptas ao trabalho. Com a decadência da cafeicultura na região e com a abolição grande contingente de pessoas que estavam ligadas às atividades rurais foi liberada e tendeu a se concentrar na área urbana, atrelada a pequenos ofícios e serviços.

Desse modo, a disponibilidade de mão de obra a ser explorada confluía aos interesses dos investidores do setor industrial. De acordo com Ricci (2006), a CTI contou no ano de 1897 com o total de 170 operários, no ano de 1907 foi contabilizado 208 operários, passando a 600 em 1913 e a 1500 em 1932 (RICCI, 2006, p. 84-121).

As relações econômicas efetivadas a partir da economia cafeeira na região permitiram o fortalecimento de alguns centros urbanos no VPP, principalmente Guaratinguetá e Taubaté. No entanto, foi esta última que concentrou boa parte das atividades de características urbanas da região, justamente pelo fato das constantes interações estabelecidas entre setores de atividade, tanto em escala local e regional, quanto pelas relações realizadas com a capital do país, Rio de Janeiro.

Desse modo, Müller (1965) afirma que a disposição espacial dos núcleos urbanos na região (Mapa 1), em associação aos caminhos e ao traçado ferroviário que foi instalado em 1876, um ano antes da conclusão do trecho que ligava São Paulo à Cachoeira, promoveram um adensamento de atividades urbanas em Taubaté, com a incidência de pequenas oficinas, manufaturas, atividades ligadas ao processamento de produtos agrícolas, condições que permitiram a afluição de pessoas para sua área urbana (MÜLLER, 1969).

Seguindo o método de hierarquização urbana de Michel Rochefort, Müller (1969), em seu denso estudo sobre a urbanização do Vale do Paraíba paulista, classificou Taubaté como a mais importante cidade da região pela diversificação e quantidade das atividades contando com uma área de influência que extrapolava os limites regionais nas primeiras décadas do século XX, posição que se manteve, segundo a autora, até os anos de 1950 (MÜLLER, 1969). Portanto, circunscrita ao contexto de uma rede urbana hierárquica, Taubaté era a cidade primaz da rede a qual fazia parte.

Na passagem do século XIX para o XX, a partir do levantamento histórico efetuado por SOTO (2000), Taubaté contava com um número de pequenas fábricas, entre 26 em 1899 e 30 em 1905. Segundo SOTO (2000, p. 179), “tratava-se em geral de fábricas de pequena envergadura, de curta duração, com reduzido número de empregados e centradas no mercado local”. As pequenas fábricas e oficinas que se constituíam na cidade se localizavam ao longo do traçado da ferrovia e nas estradas que ligavam as novas instalações aos bairros e pequenas vilas.

Segundo Soto (2000), foram as fábricas que proporcionaram a essas localidades infraestruturas urbanas, como a abertura de ruas em lugar dos caminhos e pequenas trilhas, vilas operárias, calçamento das vias públicas e iluminação pública (RICCI, 2006; SOTO, 1996, 2000; MÜLLER, 1965, 1969).

No mapa³⁴ 9, podemos observar a ampliação da área urbana a partir da instalação da estação ferroviária (1876), da localização das empresas ao longo do traçado da ferrovia, principalmente em relação à localização da empresa CTI, e das demais empresas do setor industrial que também realizaram obras de infraestruturas e de construção de moradias aos trabalhadores (SOTO, 2000; RICCI, 2002).

Além da CTI, no mapa podemos observar outras três importantes empresas do setor industrial que se consolidaram em Taubaté, como a instalação de outra têxtil no ano de 1927, a Companhia Tecelagem Taubaté, fundada a partir de capitais locais. No ano de 1931, o controle da empresa foi transferido para um imigrante de origem polonesa que residia em São Paulo e a empresa passou a se chamar Companhia Fabril de Juta, a qual em meados de 1940 chegou a empregar 4500 trabalhadores em sua produção, vigorando entre as “maiores produtoras de sacarias de juta do país” (RICCI, 2006, p. 120). A empresa foi adquirida em 1966 pela FITEJUTA (Fiação e Tecelagem de Juta Amazônia) proveniente de Manaus – AM, com o encerramento das atividades em Taubaté em 1996 (LAUDO DE AVALIZAÇÃO³⁵, 2004).

As demais empresas apontadas no mapa abaixo são a Embaré, do setor alimentício e a Corozita, fábrica de botões. A primeira foi fundada no ano de 1935 por um empresário carioca em associação com um empresário local pertencente à família Guisard, fundadora e

³⁴ Mapa construído a partir de Müller (1965) e Arquivo público do Estado de São Paulo, disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/>>. Acesso em 12 de nov. de 2013.

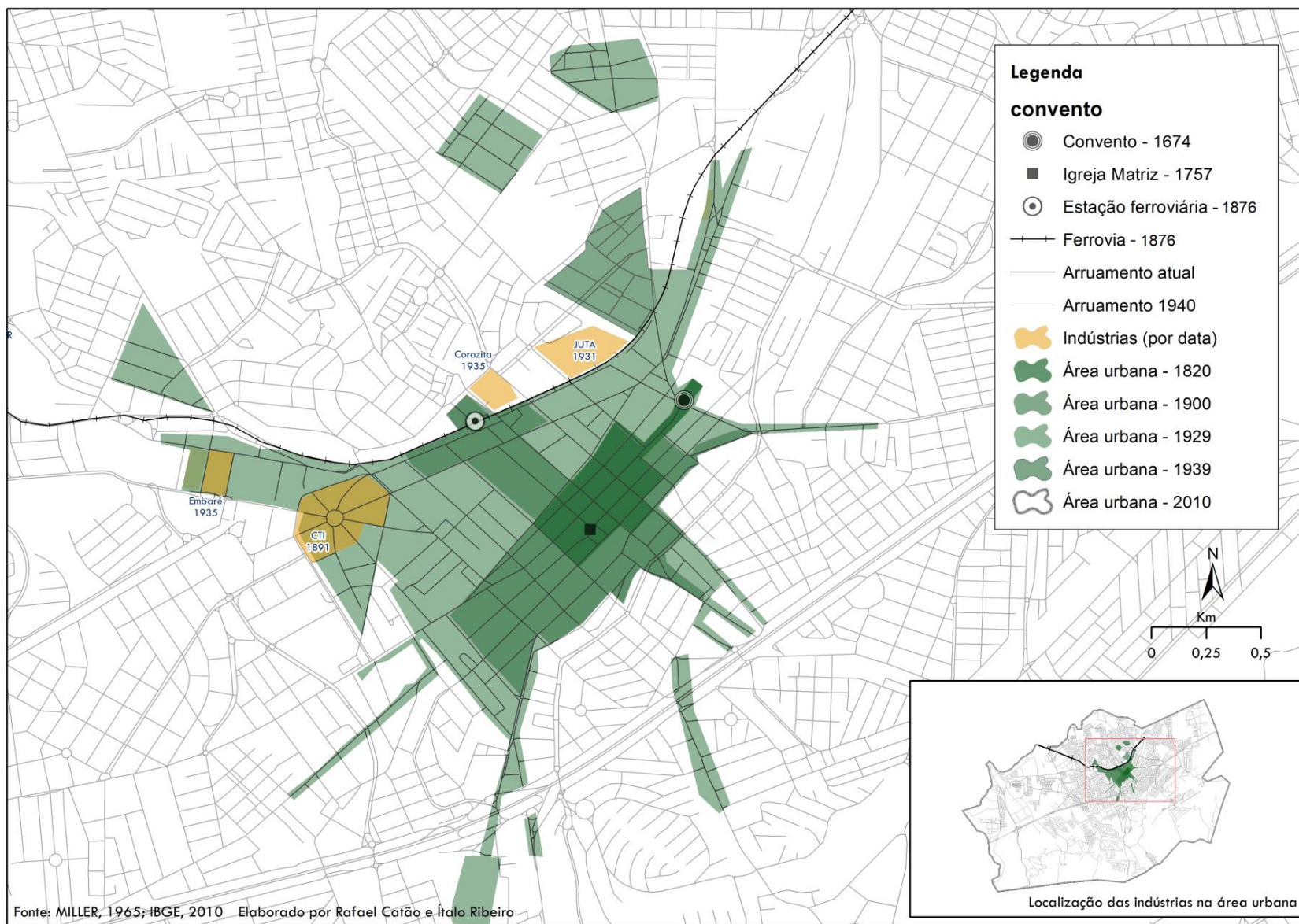
³⁵ Relatório de avaliação dos ativos da empresa FITEJUTA obtido por meio de acesso ao sítio na internet da Comissão de Valores Monetários – CMV: <<http://www.cvm.gov.br/>>. Acesso em 12 de out. de 2013.

proprietária da CTI. Inicialmente, sob a razão social Inglês de Souza Filho & Cia Ltda, atuava no setor alimentício com a produção de doces de leite e de frutas, geleias e sopas. Posteriormente, nos anos 1940, mudou o nome para Produtos Alimentícios Embaré e modificou a produção se especializando no segmento de doces; em 1963 a Embaré foi adquirida pela empresa Laticínios Lagoa da Prata, de Minas Gerais, encerrando suas atividades na cidade no ano de 1973³⁶. A fábrica de botões Corozita foi inaugurada no ano de 1935 por um imigrante italiano recém chegado à cidade e com larga experiência nesse segmento industrial. A fábrica permanece em atividade e atualmente produz botões para a indústria têxtil atuando em escala nacional³⁷.

³⁶ Informações obtidas junto ao sítio da empresa na internet e da Junta Comercial do Estado de São Paulo.

³⁷ Informação obtida através do sítio da empresa na internet.

Mapa 9. Evolução da área urbana entre o século XVII e XX



No mapa podemos observar que até o ano de 1820 o núcleo urbano de Taubaté estava restrito a um eixo que se segue do convento à igreja matriz, mais a sudoeste do sítio. Entre os anos de 1645 (elevação do povoado à categoria de vila) e 1820, Taubaté se constituiu como importante entreposto comercial e ponto de apoio aos colonizadores. Ainda em fins do século XVII sua posição foi reforçada pela instalação da Casa de Fundição, responsável por fundir o ouro vindo de Minas Gerais e que seguia para a Metrópole a partir dos portos do litoral norte paulista e sul fluminense (MÜLLER, 1965).

Ao longo do século XIX, a cidade passou por uma ampliação significativa de sua área urbana se comparada à estrutura que atingiu até o início desse século. Evidentemente, no período que se segue, sua expansão esteve fortemente condicionada aos desdobramentos das atividades efetivadas pela economia cafeeira, as quais permitiram o adensamento de atividades na área urbana, principalmente ligadas ao comércio do café (MÜLLER, 1969). Observamos no mapa que a estação ferroviária induziu a abertura de novas vias na cidade, configurando um novo eixo de expansão da cidade em sentido noroeste.

Foi significativo o número de pequenas fábricas de diversos setores de atividade instaladas na cidade de Taubaté ao longo das três primeiras décadas do século XX. No entanto, apesar dos diferentes estabelecimentos, as mais importantes empresas da cidade nesse período foram as têxteis.

Além da CTI, responsável por grande parte do crescimento urbano, pois a empresa era proprietária de grandes glebas no entorno da fábrica instalada na cidade e ditou parte dos vetores de expansão do tecido urbano no sentido oeste da cidade, a Companhia Tecelagem Taubaté também teve influência na expansão urbana por meio de loteamentos e construção de casas para seus funcionários. Até o ano de 1944 haviam sido construídas 430 unidades (RICCI, 2002). No Mapa 9 essa área compreende o setor norte da cidade, especificamente, as manchas que estão em descontinuidade com o tecido urbano.

As atividades industriais que se desenvolveram na cidade no início do século XX principiaram um novo direcionamento econômico, segundo uma lógica de produção distinta daquelas que predominaram na estrutura agroexportadora cafeeira. No entanto, os acúmulos propiciados pela economia cafeeira nessa porção do estado de São Paulo não foram suficientes para proporcionar uma maior diversificação das atividades industriais e impulso ao processo de industrialização na região (SOTO, 2000; LESSA, 2001).

A atratividade de capitais externos voltados às atividades industriais em Taubaté esteve muito mais atrelada a estratégias de particulares e de capitais associados na

constituição de empreendimentos do que pela capacidade local de geração de riquezas a partir das economias produzidas pela lógica capitalista de produção que marcou as atividades ligadas a economia cafeeira local/regional. Ainda, a partir dos autores citados, podemos inferir que parte dos investimentos em Taubaté decorreu das possibilidades de retorno em função das características da situação geográfica, pois o acesso a mercados consumidores e aquisição de matérias primas era facilitado pela proximidade dos maiores centros urbanos do país e dos principais entrepostos comerciais, sobretudo, pela conectividade proporcionada pela ferrovia. Esses fatores podem ter contribuído para que os investimentos realizados no período analisado pudessem se beneficiar da exclusividade de suas atividades em meio a uma estrutura econômica e social em depauperamento e construir, paulatinamente, as condições necessárias para ampliação da capacidade de produção.

Certamente, a economia cafeeira foi responsável por produzir os elementos fundamentais para o processo de desenvolvimento do capitalismo industrial no Brasil. No entanto, o conjunto de determinações que ampliaram o espaço econômico paulista e consolidaram os elementos fundamentais para o processo de industrialização não se assemelham com o contexto econômico e de desenvolvimento das atividades industriais no VPP. Se nas áreas de expansão das atividades do complexo cafeeiro as articulações entre as economias urbanas e rurais produziram um cenário favorável à acumulação de capital e possibilidades de inversão em diferentes setores da economia, no VPP as atividades industriais criaram, em larga medida, um adensamento de atividades nas áreas urbanas, embora, sem favorecer o acúmulo e inversões de capital a partir dessas relações (SOTO, 2000).

Segundo os dados acerca da produção de café, em meados do século XIX o VPP chegou a representar 88% da produção nacional, contudo, em 1920 essa atividade declinou para 4%, atestando, de acordo com Lessa (2001, p. 107), duas fases da região, como “berço da cultura do café”, marcada pelo trabalho escravo e “pelos barões do café” e outra, a decadência, que não era somente da atividade rural, mas de “uma elite tradicional que não soube acompanhar o ‘progresso’ que o ‘complexo cafeeiro’, conquistador de terras do Oeste, proporcionou não somente àquela região, mas, a todo o estado de São Paulo e Brasil”.

Assim, o estado teve um papel fundamental na realização de ações que permitissem a diversificação das atividades industriais no VPP e que beneficiaram também a cidade de Taubaté. Essas ações explicam, por exemplo, a mudança da centralidade econômica regional no decorrer da década de 1960, na qual São José dos Campos emerge como principal pólo de

atividades urbanas e industriais, cidade que não teve expressividade na produção e/ou beneficiamento de café no VPP (LESSA, 2001), tampouco atingiu nas primeiras décadas do século XX a quantidade e variedade de atividades que existiam nas cidades de Guaratinguetá, Lorena, Pindamonhangaba e Taubaté (MULLER, 1969).

Desse modo, no item que se segue trataremos de identificar os principais agentes envolvidos no processo de industrialização do VPP aliado ao contexto mais geral de industrialização do país.

2.3 O processo de industrialização do Vale do Paraíba paulista e a estruturação do setor industrial em Taubaté: agentes, escalas e processos

Segundo Müller (1969), nas três primeiras décadas do século XX as principais atividades industriais no VPP se circunscreviam às têxteis, ao beneficiamento de produtos agropecuários, principalmente laticínios, de madeira e alguns estabelecimentos de transformação de minerais não metálicos, com destaque para a produção de produtos cerâmicos.

Essa característica produtiva da indústria regional permaneceu até meados da década de 1950, quando houve a instalação de empresas do setor mecânico, metalúrgico e de bens de consumo duráveis (MÜLLER, 1969; LESSA, 2001). Embora o surgimento desses setores estivesse atrelado a um processo de modernização da indústria nacional, a instalação de algumas das principais empresas desses setores na região foi condicionada por projetos de planejamento estatal que incidiram sobre a região.

O planejamento estatal efetivado no Brasil foi fortemente atrelado ao capital privado nacional e internacional. Nesse contexto, em fins da década de 1930, durante governo Vargas, foi elaborado o primeiro plano para a região do Vale do Paraíba, que se encontrava em total decadência econômica. Esse plano denominou-se “**Das providencias preliminares para um programa de reerguimento econômico do Vale do Paraíba no Estado de São Paulo**”³⁸, sob o governo do interventor estadual Adhemar de Barros e apresentado na cidade de Taubaté, até então a principal cidade da região (LESSA, 2001).

O plano tinha como pressupostos econômicos potencializar e reorganizar a produção agropecuária na região, sob a supervisão e controle do IAC (Instituto Agrônomo de

³⁸ Decreto 9.716, de 9 de novembro de 1938 (LESSA, 2001, p. 87).

Campinas) e, por conseguinte, incentivar políticas de atração e investimentos dos setores industrial e comercial. O IAC, no que se refere ao planejamento estatal, concluiu o primeiro plano de cunho regional no Brasil, conhecido como “**Aspectos do Vale do Paraíba e de seu reerguimento no Governo Adhemar de Barros**”.

De acordo com Lessa:

Este plano orientou o governo no trato da questão agropecuária, propondo a ocupação das várzeas do Paraíba com horti-fruti-granjeiros e pecuária leiteira (Bacia leiteira do Paraíba), em minifúndios, que visava principalmente o mercado da Capital (LESSA, 2001, p. 90).

O projeto, constituído a partir das constatações dos problemas econômicos produtivos do VPP, teve resultados diretos para o setor agropecuário, produção e beneficiamento de leite como alternativas ao café (LESSA, 2001).

A industrialização na região foi impulsionada nos marcos dos grandes planos nacionais, a partir dos anos de 1950, principalmente com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra, no ano de 1951, que foi gestada ainda nos primeiros projetos desenvolvimentistas do Governo Vargas por meio do Plano Geral de Viação Nacional, de 1934. No entanto, os principais projetos de cunho estatal, municipal, estadual e federal, colocaram São José dos Campos como base territorial de parcela das intervenções governamentais para a industrialização do país, inclusive inserido no projeto de consolidação de uma indústria bélica como parte do encadeamento das atividades industriais que surgiam no país, setor que foi originado a partir da construção do CTA (Centro Técnico Aeroespacial), ligado às forças armadas, na década de 1940 (LESSA, 2001)³⁹.

As medidas tomadas pelo estado brasileiro na década de 1930, com foco no processo de desenvolvimento do capitalismo brasileiro, sob o Governo Vargas, constituíram as bases para a consolidação da indústria nacional, o país iniciou um processo de integração por meio da concentração e centralização de poder pelo governo federal, o qual passou a converter os problemas regionais em questões nacionais (NEGRI, 1996; POCHMANN, 2008).

No âmbito dos esforços do governo brasileiro em criar as condições para o desenvolvimento industrial do país, o consórcio entre o capital estatal e os privados nacional e internacional demarcou o surgimento de novas infraestruturas, legislação trabalhista e investimentos em indústrias de base, insumos e de consumo (OLIVEIRA, 1981; CANO, 1990). O Estado assumiu importante papel no processo de industrialização do país, seja por

³⁹ Maior detalhamento das intervenções territoriais a partir do planejamento estatal em São José dos Campos, ver Lessa (2001).

meio de investimentos no setor produtivo, em órgãos de apoio à indústria e na criação do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), como forma de fomentar novos investimentos privados (NEGRI, 1996)⁴⁰.

A partir do Plano de Metas, no governo Kubitschek (1956-1961), houve avanço acelerado da industrialização no país, consolidando-se posteriormente com a efetivação do II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) na década de 1970 (POCHMANN, 2008). No entanto, essa industrialização avançou segundo uma maior concentração de atividades industriais em São Paulo, sobretudo, pela instalação de empresas com grande capacidade de geração de atividades subsidiárias, como, por exemplo, o polo petroquímico de Cubatão, que se seguiu à construção da refinaria da PETROBRÁS, e os setores metal-mecânico e de bens duráveis, concentrados na Grande São Paulo (NEGRI, 1996).

Durante essa fase de industrialização pesada houve intenso processo de concentração industrial em São Paulo acompanhado do maior aprofundamento desse processo na Grande São Paulo. Segundo Negri (1996), a participação do estado de São Paulo no VTI (Valor de Transformação Industrial) nacional passou de 49% em 1949 para 58% em 1970. Entretanto, a Grande São Paulo, nesse mesmo intervalo, ampliou sua representação no VTI do estado de 72% para 75%.

Foi nesse contexto de industrialização pesada que as atividades industriais do VPP e de Taubaté passaram por uma maior diversificação, apresentando setores industriais ligados ao núcleo central da industrialização brasileira, o setor automotivo e metal-mecânico. Esse novo perfil foi gradualmente rompendo com o padrão de produção industrial centrado nas atividades têxteis e de beneficiamento de produtos agrários.

Na década de 1950 foram instaladas algumas das principais indústrias do VPP, as quais eram, principalmente, de capital multinacional ou estatal, e se concentraram em duas cidades da região: São José dos Campos e Taubaté (TRAJANO, 2009). Os principais investimentos de multinacionais em São José dos Campos foram: Johnson & Johnson (1953), setor químico; Ericsson (1954), telecomunicações; GM e a Eaton (1957), segmento automotivo; a estatal AVIBRÁS (1957), aeronáutica; cujas empresas, a exceção desta última, se tratavam da ampliação do número de unidades produtivas, pois já mantinham em período anterior unidades industriais na metrópole paulistana (MÜLLER, 1969; LESSA, 2001).

⁴⁰ Nas décadas de 1940-50 foram criadas a Cia Vale do Rio Doce; Fábrica Nacional de Motores; ACESITA – Cia Aços Especiais Itabira; PETROBRAS; além de órgãos, institutos e conselhos responsáveis por elaborar políticas públicas para o fortalecimento do mercado interno e para os avanços setoriais (NEGRI, 1996).

Em Taubaté foram instaladas duas empresas, a IQT - Indústrias Químicas Taubaté (1955), empresa fundada por acionistas da têxtil CTI; e a Mecânica Pesada (1956), do setor metal-mecânico, empresa do grupo francês Schneider (MÜLLER, 1969), que foi adquirida pela também francesa Alstom em 1985.

Já na década de 1960 evidenciava-se uma concentração das atividades industriais em poucas cidades da região, principalmente nas cidades de Jacareí, São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Lorena e Cruzeiro⁴¹. Nota-se, já naquele momento, a emergência de um padrão locacional que privilegiava as vias de transporte que cortavam esses municípios, primeiro a ferrovia, em seguida, a rodovia, com a implantação da estrada Rio – São Paulo, a qual passou pela reformulação do seu traçado e inaugurada sua primeira via no ano de 1951. Essa rodovia ainda passou por novas obras e teve sua duplicação finalizada no ano de 1967, embora não seja o principal fator da concentração, certamente está inserida no conjunto de determinações econômicas que contribuíram para uma maior concentração das atividades produtivas em parte desses municípios nas décadas que se seguiram.

A ascensão da produção industrial no VPP está inserida em um contexto mais geral que se refere ao processo de industrialização brasileira, que em poucas décadas, não somente desenvolveu a economia, mas transformou a sociedade brasileira, que passou a ser eminentemente urbana. Essa expansão da economia criou as condições necessárias para atender a demanda de um mercado consumidor em rápida expansão e as demandas do exterior, o que possibilitou a formação dos mercados de trabalho regionais e uma maior integração do país (SANTOS, 1993).

No entanto, Santos (1993) demonstrou que essa integração se realizou segundo uma concentração econômica e geográfica das atividades mais modernas e dinâmicas. O adensamento populacional e das atividades produtivas em alguns pontos do território, principalmente nas capitais e regiões metropolitanas, não se explica somente pelo movimento do capital privado, mas pela associação das diversas ações governamentais que incidiram, em

⁴¹ Nessas cidades destacam-se as empresas MAFERSA (1958), produtora de rodas e eixos ferroviários, em Caçapava; AISA (1959), metal mecânica produtora de blocos de motores para indústria automobilística localizada na capital, CEBRACE (1963), produção de vidros automotivos e em geral; em Jacareí destacam-se A SCHRADER do Brasil (1964) produção de válvulas automotivas e a FABARAÇO (1964), com produção de molas e arames de aço, e pequenas empresas do segmento químico, que além de abastecer as indústrias da capital e tinha parcela da produção exportada. Em São José dos Campos, nos anos seguintes se instalaram: a estatal Embraer (1969), Kodak (1972) e Phillips (1973). (MÜLLER, 1969; Pesquisa organizada pelo autor junto a FIESP; CIESP e JUCESP e bibliografia sobre o Vale do Paraíba).

grande parte, no direcionamento dos investimentos de frações do capital produtivo (CANO, 1990).

Diante de tal contexto, foram gestadas políticas⁴² federais e estaduais que objetivaram estimular a produção industrial no país – principalmente nos setores de insumos e bens de capital – e a reorganização espacial dessas atividades, utilizando os novos investimentos como instrumentos de desenvolvimento regional (TRAJANO, 2009). Contudo, em que pese especificamente às diretrizes do II PND, a desconcentração industrial ocorrida na década de 1970 não foi capaz de modificar a divisão territorial do trabalho nacional, pois as decisões locacionais ligadas ao capital industrial privado corresponderam a um conjunto de estratégias, e mesmo incentivos estaduais, como no caso do estado de São Paulo, que produziram uma série de especializações produtivas atreladas à produção industrial localizada na Grande São Paulo (CANO, 1990).

Foi por meio dessa dinâmica do processo de industrialização brasileira que buscamos situar o desenvolvimento industrial no VPP e Taubaté. A partir da década de 1960, Taubaté passou a abrigar um grande número de empresas do setor industrial, sobretudo, multinacionais. Nas décadas de 1960 e 1970, a indústria se consolidou como o principal setor de atividade econômica da cidade e promoveu a diversificação dos setores industriais

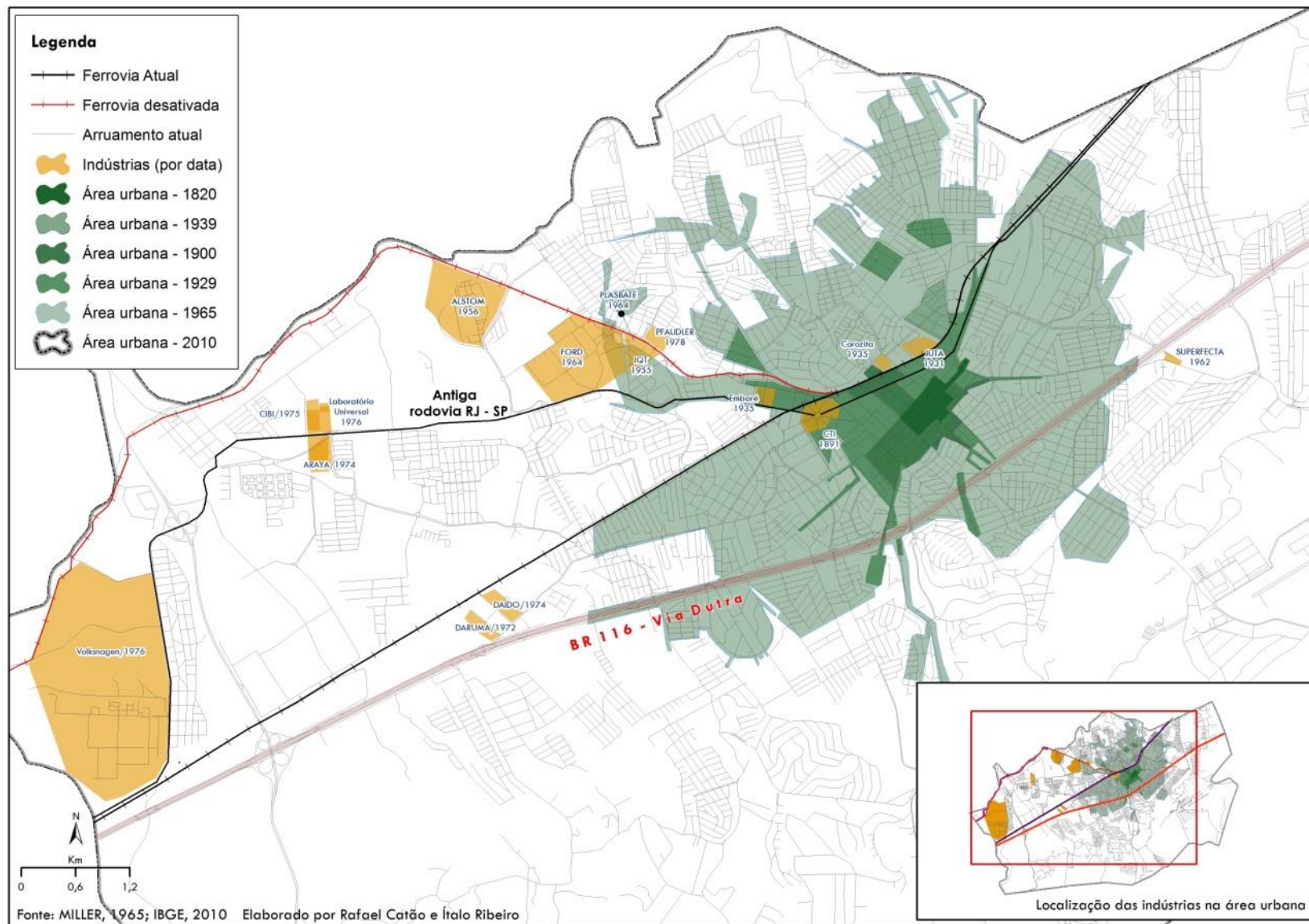
⁴² No âmbito do Governo Federal foi lançado no final de 1974 o II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), projeto de desenvolvimento inserido nas lógicas de crescimento econômico conduzidas por medidas intervencionistas do Estado brasileiro. Implementado entre os anos de 1975/79, durante o governo ditatorial do então presidente General Ernesto Geisel, o plano visava: consolidar o desenvolvimento da economia brasileira favorecendo novos investimentos nos setores industriais de base, devido aos “sinais de esgotamento do padrão de acumulação de bens duráveis” brasileiro, em função da saturação da capacidade ociosa de produção e do aumento dos preços da matéria prima importada e dos combustíveis, resultado dos efeitos do primeiro choque do petróleo; controle das substituições de importações, por meio de tarifas alfandegárias e linhas de financiamento que privilegiavam capitais privados voltados à produção de bens de capital; atuação do setor público nos segmentos de produção de petróleo, energia e insumos básicos, através de empresas estatais. Com II PND parte considerável da indústria nacional foi direcionada para regiões menos dinâmicas economicamente, principalmente através projetos regionais de grande magnitude através de empresas públicas (SC; RS; BA; PA; MG; SE; RN) e incentivos fiscais e financeiros ao setor privado. Para maiores detalhes ver: BRASIL (1974); Mantega (1997) e Fonseca & Monteiro (2007). No âmbito do Governo de São Paulo, a questão acerca da desconcentração e desenvolvimento regional remonta fins da década de 1960, e os principais planos foram a criação do GAT (Grupo de Análise Territorial) e o GDI (Grupo de Descentralização Industrial), aos quais se seguiram a criação de distritos industriais e incentivos fiscais para novos empreendimentos no interior do estado. Nos anos de 1970 o PROINDE (Plano Rodoviário de Interiorização do Desenvolvimento) que visava beneficiar as vias de transportes do interior, o PDUR (Plano de Desenvolvimento Urbano e Regional), o qual priorizava articular as suas ações junto as determinações do II PND, além dos planos que incidiram diretamente na região do VPP, o Plano Regional do Macro-Eixo Paulista e a criação do CODIVAP (Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba). Os programas oriundos desses grupos e políticas visavam a melhoria da qualidade de vida na RMSP e desencadear o adensamento das atividades econômicas no interior do estado. Para maiores informações: SÃO PAULO (1976); Negri (1996); Trajano (2009). Por fim, de acordo com Lencioni (2006), enquanto as ações do Governo federal buscavam direcionar a indústria para outros estados e regiões, o governo de São Paulo respondeu com incentivos para o direcionamento de novos investimentos no interior do estado.

tradicionais, principalmente o têxtil⁴³, setor que no ano de 1964, concentrava 42% dos 6.189 empregos ligados ao setor industrial na cidade (MÜLLER, 1969).

De acordo com o mapeamento realizado para identificar as principais indústrias instaladas na cidade até a década de 1970, vemos o paulatino crescimento do número de estabelecimentos a partir dos anos 1950.

⁴³ Com base nos dados do Registro Industrial (IBGE) do VPP no ano de 1964, Müller (1969) identificou que a produção de produtos têxteis era a principal atividade na escala da região, com maior número de estabelecimentos (33) e representava o maior percentual de empregos da indústria do VPP, absorvendo 34% dos 28.253 vínculos empregatícios do setor. No entanto, nos dados da autora há indicadores de surgimento de novos setores de atividade na região, os quais iriam, posteriormente, se consolidar como parte dos principais segmentos industriais do VPP, como os ramos metal-mecânico (27 estabelecimentos; 11% dos empregos) e a indústria química (24 estabelecimentos; 10 % dos empregos).

Mapa 10. Localização das principais indústrias de Taubaté entre o século XIX e os anos 1970.



Na década de 1950 observamos a instalação de dois estabelecimentos e, na década seguinte, a instalação de três, sendo que um desses estabelecimentos se trata de uma grande planta industrial que se refere a um setor estratégico do processo de industrialização brasileiro, o automotivo, com a inauguração da então fábrica da Willys Overland – empresa que três anos depois de sua inauguração passou ao controle da estadunidense Ford. A empresa funcionava basicamente com a atividade de fundição fornecendo peças para a montagem final do produto na matriz (MÜLLER, 1969), instalada em São Bernardo do Campo, no ano de 1952.

Nos anos de 1970 houve um significativo aumento do número de novas empresas instaladas na cidade, de maneira aproximada, entre as principais empresas que ainda mantêm suas atividades na cidade, conseguimos mapear seis importantes estabelecimentos, dentre esses está a unidade da Volkswagen, a segunda empresa do setor automotivo instalada na cidade.

Notamos no Mapa 10 uma clara evidência acerca do privilegiamento de áreas ao longo dos traçados das vias de transporte para a instalação de estabelecimentos industriais. Embora o antigo traçado da rodovia Rio – São Paulo seja margeado por algumas unidades industriais, a ferrovia exercia um papel fundamental para a escolha de áreas destinadas ao uso industrial, seja pela capacidade de transporte, pelo tipo das atividades produtivas ou pelas características do sítio, pois nesse período essas áreas estavam localizadas na franja urbana, condicionando, posteriormente, a expansão da área urbana da cidade.

Algumas das empresas que instalaram suas unidades produtivas ao longo desse traçado constituíram um eixo que aglutinou as maiores plantas produtivas da cidade, especificamente, empresas dos ramos metal-mecânico, como a Mecânica Pesada, atualmente Alstom, a estadunidense Pfaudler, e a automobilística Ford, empresas que se beneficiavam diretamente desse modal de transporte.

Esses segmentos industriais proporcionaram, além de uma nova feição para as atividades produtivas local e regional, pois se tratavam de ramos industriais com processos mais dinâmicos, com maior incremento de tecnologia nos processos produtivos e nos produtos e com diferentes intensidades na geração de cadeias produtivas, grandes transformações para as relações econômicas locais e regionais, como a maior diversificação do mercado de trabalho, ampliação das contratações no setor industrial, diversificação das atividades ligadas ao comércio e serviços e a materialização de uma economia urbana favorável a absorver investimentos posteriores de outros setores industriais, atraindo tanto

capitais locais e regionais, como, sobretudo, internacionais. Esse conjunto de determinações incidiu diretamente na dinamização das economias urbanas de Taubaté (também nos municípios do eixo do VPP), inclusive no ritmo de expansão e das infraestruturas urbanas, fortalecendo as condições locais para o estabelecimento das atividades industriais e promovendo maior extensão da divisão territorial do trabalho, claramente já direcionando para a concretização posterior de um perfil produtivo industrial centrado nas atividades produtivas dos segmentos metal-mecânico e automotivo.

Assim, podemos apontar que essa dinâmica só pode ser apreendida se articulada ao amplo conjunto de mudanças na estrutura produtiva do país ocorridas por meio dos grandes projetos e políticas de desenvolvimento industrial. Esses condicionaram os volumes de capitais investidos na região até meados fins da década de 1970, que por sua vez aglutinaram um somatório de elementos que atendem às demandas de produção do capital industrial – infraestrutura rodoviária, mão de obra com qualificação, fornecedores em âmbito regional – e a reprodução da força de trabalho. Evidentemente que a essas novas atividades e aos seus desdobramentos para as economias urbanas se associaram um novo conjunto de fatores que reposicionaram a situação geográfica dos municípios do eixo do VPP frente às determinações gerais de desenvolvimento das forças produtivas capitalistas no Brasil. Assim, o paulatino acúmulo de infraestruturas e o desencadeamento de processos espaciais no bojo da diversificação das atividades industriais da região permitiram uma revalorização das atividades econômicas regionais e consolidaram os principais vetores de expansão da economia regional, que a partir daquele momento centraram-se nas atividades industriais de produção de bens de consumo duráveis e de capital, em larga medida, por meio do estabelecimento do capital internacional e empresas estatais.

A partir de meados da década de 1980, as ações de sucessivos governos para tentar corrigir as desigualdades regionais não são mais suficientes para entendermos como se desenvolveu a reorganização da atividade industrial no estado de São Paulo, pois ao conjunto dessas ações se atrelam mecanismos mais gerais que modificaram as características da produção industrial da RMSP e de algumas áreas do interior paulista, inclusive o VPP.

A diminuição das atividades industriais daquela região foi acompanhada do aumento no interior, estendendo as articulações produtivas num espaço econômico mais amplo através de ações complementares e segundo especializações funcionais que redefiniram e tornaram

mais complexas a divisão territorial do trabalho na escala estadual. Esse processo é comumente chamado de desconcentração⁴⁴ industrial.

A mudança no padrão locacional das grandes unidades produtivas, principalmente a partir da década de 1980, expõe a capacidade de reorganização espacial do capital frente à queda dos rendimentos adicionais da indústria, impactados pelos efeitos das deseconomias de aglomeração na metrópole e pela maior competitividade capitalista. A retração do crescimento das atividades produtivas e diminuição no número de grandes estabelecimentos da RMSP, ligam-se, também, aos custos relacionados à necessidade de imobilização de capital como primeira etapa de consolidação dos processos de produção em um espaço caracterizado pela excessiva concentração de pessoas e atividades econômicas e, conseqüentemente, aos custos sociais da reprodução da força de trabalho (NEGRI, 1996).

As chamadas deseconomias de aglomeração, as quais conjugam diferentes fatores – problemas de infraestrutura e serviços urbanos, ambientais e sociais – que conduzem à diminuição ou mesmo o estancamento dos ganhos de escala gerados pelos processos aglomerativos são ressaltadas como parte das determinantes que incidiram na redistribuição territorial dos processos produtivos industriais (NEGRI, 1996).

Esse processo foi foco das análises geográficas de Sposito (2004) no esforço empreendido para compreender a urbanização no estado de São Paulo. Para a autora, esse processo guarda estreitas relações com os movimentos de concentração - desconcentração e centralização – descentralização do capital e chama a atenção para a adjetivação desses movimentos para compreendermos as contradições internas desse processo, o qual pressupõe as dinâmicas econômica e espacial.

A autora afirma que até meados da década de 1960 havia, na Grande São Paulo, um forte processo de concentração e centralização espacial, situação que se modificou na década de 1980, quando verificou um movimento de “desconcentração espacial dos capitais fixos” do setor industrial (p. 227). Assim, a autora esclarece que a evolução do número de estabelecimentos no interior, paralelamente à diminuição desses no aglomerado metropolitano, expressa um movimento de desconcentração espacial da atividade industrial,

⁴⁴ De acordo com Negri (1996), entre a década de 1970-1990, houve uma redução da participação das atividades industriais da RMSP no total do estado de São Paulo paralelamente ao aumento da participação do interior. Na RMSP a diminuição foi de 43,4% em 1970 para 26,2% em 1990, por outro lado, o crescimento das atividades da indústria no Interior passou de 14,7% para 23%. No conjunto do estado de São Paulo em relação à produção industrial nacional, a queda foi de 58,1% em 1970 para 49,2% em 1990. No que se refere ao VTI (Valor de Transformação Industrial) no estado, o autor demonstrou a diminuição desse indicador na RMSP, em 1970 representava 43,3% do estado, em 1990 declinou para 26,2%. No interior esse indicador teve aumento, passou de 14,7% em 1970 para 23% em 1990.

mas não somente, inclui que pelo padrão de localização dessas atividades, essa desconcentração espacial foi acompanhada pela reconcentração das atividades industriais nas áreas do entorno metropolitano.

Por outro lado, ao comparar os dados acerca da quantidade dos estabelecimentos industriais com a localização das sedes das empresas ou grupos empresariais, constatou que mesmo diante da diminuição do número de unidades produtivas, o que denota a desconcentração espacial, houve a manutenção da dinâmica de centralização espacial do capital na RMSP, tanto em relação ao estado de São Paulo, quanto em relação ao país, mesmo verificando uma leve queda dessa centralização em escala nacional.

A autora afirma que a partir da década de 1980 a concentração econômica do capital, que se fundamentou por meio de sua realização em grandes aglomerações no caso brasileiro, se efetivou estrategicamente através da desconcentração espacial das atividades e não pela descentralização espacial. A esse contexto se soma um processo de centralização econômica do capital, que se refere ao controle de ramos e setores de atividade, mercados e mesmo um dado território por um número cada vez menor de capitalistas (SPOSITO, 2004), isso pode ocorrer por meio de fusões e absorções de capitais, de empresas ou grupos, reorganizando a distribuição da propriedade desses capitais (LENCIONI, 2008).

O desenvolvimento desses processos no país está correlacionado a um conjunto de mudanças econômicas e sociais gestadas nos países de capitalismo avançado desde a década de 1950, que asseguraram aos diferentes capitais um constante processo de acumulação e concentração por meio das amplas taxas de lucro que favoreceram, principalmente, as grandes corporações industriais.

Todavia, a partir de meados de década de 1970, a crise do padrão de desenvolvimento do pós-guerra freou o processo de reprodução ampliada do capital e impôs às empresas e grandes corporações um novo padrão concorrencial, que segundo Harvey (2000), conduziu a ampliação territorial da atuação dessas grandes corporações empresariais. Por outro lado, pelas próprias características internas ao desenvolvimento das forças capitalistas de produção, o constante acúmulo de estruturas apropriadas à sua dinâmica de acumulação produziu um conjunto de condições materiais e econômicas que possibilitaram às grandes corporações à ampliação de seus mercados.

Nesse sentido, destacam-se os ciclos de intensa mudança tecnológica, inovações e melhoria de processos produtivos e de produtos; a constante diminuição de custos e o tempo do transporte de mercadorias e pessoas; avanços tecnológicos nas áreas de informação e

comunicação. Essas mudanças tiveram grande repercussão nas formas de organização da produção e determinaram as lógicas locais das empresas do setor industrial, pois permitiram a separação das tarefas de gestão das tarefas de produção. Esse complexo conjunto de determinações reestruturaram as dinâmicas das instâncias econômica e produtiva da sociedade, em escala global, por meio da flexibilização da organização da produção industrial e do trabalho, que paulatinamente veio a substituir a rigidez do modelo organizacional de produção fordista (HARVEY, 2000), e do crescente movimento de financeirização da economia, a partir da desregulamentação das atividades financeiras e do fortalecimento desses mercados no processo de valorização do capital (CHESNAIS, 2005). Em relação à organização espacial das atividades industriais, viu-se surgir novas estratégias locais das grandes corporações, principalmente àquelas que separam as funções produtivas, de chão de fábrica, das atividades de gestão.

Nesse sentido, Harvey (2000, p.92) aponta que:

A produção em outros locais que não a sede da empresa, que tivera início nos anos de 1960, tornou-se de súbito bem mais geral [...]. Seguiram-se a isso, a dispersão e fragmentação geográficas dos sistemas de produção, das divisões de trabalho e das especializações de tarefas, embora o mais das vezes em meio a uma crescente centralização do poder corporativo por meio de fusões, assunções agressivas de controle ou acordos de produção conjunta que transcenderam as fronteiras nacionais [...]. Tornou-se corriqueiro encerrar a produção num dado local e iniciá-la em algum outro.

No que se refere aos desdobramentos desses movimentos para a indústria paulista, Lencioni (1994; 1998; 2003) afirma que o processo de desconcentração industrial em São Paulo representou a conjugação de fatores referentes à reestruturação urbano-industrial, os quais possibilitaram transformações nos processos de metropolização – os elementos da aglomeração assumem uma forma mais dispersa, diferente de sua concepção clássica, da metrópole coesa – processos de concentração e centralização – que reforçam seus papéis de comando da dinâmica econômica e de gestão dos capitais – e a centralidade exercida por meio da geração de uma ampla rede de fluxos, que tornam relativas as medições do tempo e do espaço, “aproximando lugares distantes e distanciando lugares próximos” (2008, p. 8). Estes elementos estão no cerne dos processos que desencadearam a desconcentração da atividade industrial em direção a espaços seletivos, caracterizando o esgarçamento do tecido urbano metropolitano para as RA's do entorno.

Para a autora, a redução das atividades industriais da metrópole não diminuiu sua importância econômica, pois sua primazia frente ao espaço econômico nacional decorre da

capacidade de executar uma variada gama de serviços que integram amplos espaços a dinâmica de reprodução ampliada do capital. A redefinição das atividades econômicas da metrópole reafirmou sua centralidade pelo fornecimento de serviços superiores, de concentração de trabalho imaterial e de geração de diversos e intensos fluxos, características que reposicionaram sua primazia no sistema urbano brasileiro, pois conferiram a esse espaço metropolitano o controle e gestão dos capitais dispersos por meio da centralização do capital. Ressalta que a cisão territorial das atividades industriais, que separa as atividades de gestão das unidades de produção das grandes empresas, colaborou para uma maior concentração dessas atividades no espaço metropolitano.

Para a autora, houve uma seletividade espacial na mudança do padrão de localização das atividades industriais no estado de São Paulo, movimento que a autora chamou de desconcentração concentrada, pois as RA's mais próximas à RMSP registraram os maiores índices de atividades do setor industrial em comparação com as demais regiões do interior paulista. Ainda, afirma que em direção às áreas mais distantes da RMSP, que se seguem condicionadas pelos traçados das principais rodovias do estado, correspondem ao processo expansão metropolitana, pois muitas empresas sediadas nessas áreas do estado mantêm suas sedes ou escritórios em São Paulo (LENCIONI, 1998; 2003).

Sposito (1999), ao se ater mais especificamente à expressão espacial do processo de desconcentração espacial da atividade industrial em São Paulo, demonstrou que esse movimento ocorreu segundo uma seletividade espacial da produção, pois se seguiu segundo o que chamou de “eixos de desenvolvimento”⁴⁵. Para o autor, trata-se de uma estrutura espacial que aglutina elementos como infraestruturas de transportes, densa atividade industrial e núcleos urbanos com características industriais. Os espaços interioranos que apresentam tais características foram responsáveis pela absorção da maioria dos investimentos industriais a partir da década de 1990, segundo o autor.

Ainda, reforça a ideia já exposta por Lencioni (1998) e Sposito (2004) de que a desconcentração industrial está inserida em um cenário de progressiva centralização de capital na metrópole e ressalta que esses processos modificam as estruturas espaciais e territoriais segundo as necessidades de produção de grandes empresas, condição que incide nos “novos padrões de localização industrial”, os quais

denotam a formação de eixos de transporte e comunicações que são escolhidos pelas empresas, constituindo territórios que se diferenciam por

⁴⁵ Ver: Sposito (2002; 2007); Bordo (2006); Antunes (2009).

sua densidade de investimentos e de implantação de estabelecimentos industriais com fortes componentes tecnológicas (2007, p. 1).

Para o autor, os centros urbanos que receberam os novos investimentos estão localizados ao longo dos principais eixos de transporte rodoviário do estado de São Paulo, via de regra, de médio porte e localizados em aglomerações metropolitanas e não metropolitanas. Para Sposito (2007, p. 7)

A infra-estrutura de transporte e comunicações adequada e de qualidade propicia condições favoráveis para a dinâmica territorial dos centros urbanos situados nas proximidades dos eixos, principalmente no tocante à localização das mais diversas atividades industriais, com as empresas buscando reduções do tempo necessário aos deslocamentos de matérias-primas e mercadorias, bem como o aumento da competitividade produtiva (p.7).

Alguns desses centros urbanos passaram por profundas transformações econômicas e tiveram uma redefinição dos papéis que exerciam na rede urbana, segundo o autor, essa dinâmica é decorrente da alteração das relações entre as cidades paulistas, e entre estas e outras cidades do Brasil. Assim, tais centros urbanos assumiram uma nova condição que os tornaram capazes de realizar articulações de cooperação no circuito de produção industrial com diferentes espaços, em amplas escalas, redefinindo constantemente as dinâmicas da divisão territorial do trabalho e condicionando os direcionamentos dos novos investimentos industriais (SPOSITO, 2007).

O autor aponta que embora haja um movimento de reafirmação das novas funções da metrópole, em larga medida, coordenando a formação dos arranjos produtivos do interior do estado, alguns centros urbanos se notabilizam pelo grau de articulações e interações espaciais de diversas naturezas com cidades de diferentes portes em diferentes escalas que prescindem da mediação hierárquica da metrópole. Também destaca a emergência das cidades médias⁴⁶, enquanto cidades que passaram por alterações nos seus papéis urbanos ou intensificaram aqueles que já desempenhavam, ou seja, essas cidades ampliaram sua centralidade econômica em escala regional pela capacidade de realizarem complexas relações interescolares com diferentes agentes em escala global. Essas relações redefinem as características econômicas e sociais presentes nessas cidades e paulatinamente acumulam papéis e funções que possibilitam cada vez mais corresponderem às exigências de diferentes capitais.

⁴⁶ Ver Maria Encarnação Beltrão Sposito (2001; 2004; 2006; 2007) e Eliseu Savério Sposito (1996; 1999; 2006; 2007)

Abrimos esse debate, mesmo que brevemente, para tentarmos demonstrar que o tema comumente chamado de desconcentração industrial está correlacionado a dinâmicas e processos que vão além das formulações econométricas ligadas aos custos de localização em espaços densamente aglomerados. Ainda, o intento buscou alertar o leitor para a abertura de questões que esse debate enseja e para os diferentes referenciais pelos quais ele é abordado.

Conquanto nosso interesse seja compreender a expansão das atividades produtivas no estado de São Paulo e sua relação com região do VPP e Taubaté, vale ressaltar que o contexto delineado foi importante para compreendermos como esse conjunto de determinações econômicas e espaciais alteraram a divisão regional do trabalho e possibilitaram uma série de mudanças nos perfis produtivos de diferentes centros urbanos, inclusive do VPP, como foi o caso de Taubaté.

Desse modo, pudemos constatar que a industrialização nessa porção do estado esteve, até meados da década de 1970, em larga medida, condicionada às estratégias intervencionistas em âmbito governamental que condicionaram investimentos produtivos em setores chaves para a industrialização brasileira. Entretanto, no período que se seguiu, o aumento da atividade industrial na região correspondeu às demandas de maior rentabilidade do capital produtivo, fato que consubstanciou uma valorização desigual do espaço interiorano reconcentrando parte considerável da indústria paulista ao longo das rodovias que ligam a capital ao interior, principalmente nas Regiões Administrativas que circundam a RMSP.

Na tabela a seguir podemos observar o movimento no número de estabelecimentos industriais entre as diferentes áreas do estado de São Paulo, entre meados da década de 1980 e o início dos anos 2010. Nela podemos observar a ampliação do número de estabelecimentos industriais nas áreas interioranas do estado, sobretudo, no entorno imediato da RMSP. Enquanto essa apresenta uma elevação diminuta, ou seja, frente aos números das demais RA's do estado, a RMSP teve pouco crescimento das atividades industriais ao longo do intervalo considerado na tabela 6.

Tabela 6. Evolução percentual dos estabelecimentos da indústria de transformação nas Regiões Administrativas de São Paulo e na RMSP, 1985 – 2012. 1985 = 100%; Demais anos, porcentual acumulado em relação ao ano de 1985

| Regiões | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2012 |
|--------------------------------------|---------------|-------------|-------------|-------------|--------------|--------------|
| RMSP | 30.864 | -5 | 24 | 15 | 22 | 41 |
| Franca | 924 | 75,5 | 84,3 | 137,6 | 236,3 | 288,3 |
| Central | 1.185 | 47,3 | 68,3 | 79,7 | 110,4 | 176,3 |
| Sorocaba | 2.268 | 46,5 | 62,4 | 83,9 | 112,7 | 175,4 |
| São José dos Campos | 1.172 | 63,5 | 80,2 | 82,7 | 111,1 | 171,7 |
| Araçatuba | 815 | 45,3 | 53,7 | 85,5 | 109,4 | 169,2 |
| São José do Rio Preto | 1.635 | 40,7 | 42,8 | 78,1 | 112,7 | 168,8 |
| Campinas | 7.737 | 44,6 | 60,2 | 82,7 | 111,8 | 165,7 |
| Bauru | 1.119 | 43,1 | 72,2 | 92,9 | 122,3 | 160,9 |
| Ribeirão Preto | 1.190 | 36,1 | 57,0 | 66,0 | 101,5 | 160,1 |
| Marília | 1.015 | 36,3 | 52,8 | 65,1 | 79,4 | 105,8 |
| Barretos | 339 | 41,3 | 27,7 | 45,1 | 61,4 | 88,8 |
| Presidente Prudente | 872 | 37,7 | 35,9 | 42,1 | 51,9 | 75,9 |
| Registro | 182 | 45,1 | 6,0 | 7,7 | 3,8 | 29,1 |
| Santos | 974 | 32,0 | 32,6 | -1,0 | -0,5 | 24,2 |
| Total das RA's (excluso RMSP) | 21.427 | 45,2 | 58,3 | 76,9 | 106,3 | 157,5 |

Fonte: MTE-RAIS (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais). Org: Ítalo Franco Ribeiro. *Inclusos os municípios que fazem parte das respectivas Regiões Metropolitanas.

O presente conjunto de dados evidencia que a RA de Franca foi a que mais recebeu novos estabelecimentos industriais. Segundo os dados da RAIS, esse aumento foi fortemente concentrado na cidade de Franca, que absorveu 78% da indústria regional, com alto grau de especialização no setor calçadista, o qual representa 65% das atividades industriais dessa cidade; em seguida, em menor medida está a produção de insumos para o segmento calçadista, como borracha e couro, com 7%.

Um segundo grupo pode ser destacado na tabela como regiões que tiveram importante acréscimo nas atividades industriais e registraram um aumento acima da média do estado, se referem às RA's Central, Sorocaba, São José dos Campos; Araçatuba, São José do Rio Preto, Campinas, Bauru e Ribeirão Preto.

No que tange às RA's localizadas mais ao interior do estado, descoladas da lógica de localização industrial mais aproximada da metrópole paulista, a RA Central tem na cidade de São Carlos o principal centro industrial, com 24% das atividades da região, dos quais 22% referem-se à indústria metalúrgica, 16% do ramo de alimentos e bebidas e 14% da indústria mecânica.

Os dados acerca da RA de Bauru exibem significativa importância de duas cidades, Jaú e Bauru, com 27% e 25% da indústria regional, respectivamente. Na cidade de Jaú a

indústria de calçados apresenta 48% das atividades, seguidas pelos ramos têxtil 11% e o mecânico, 10%. Em Bauru a produção industrial é bem mais diversificada, o segmento de alimentos e bebidas representa 21%, o metalúrgico 12%, papel e gráfica 11% e o mecânico 10%. Na RA de Araçatuba, a cidade de Birigui concentra 40% da indústria regional, com 47% dessa no segmento calçadista e 20% no segmento têxtil.

A cidade de São José do Rio Preto absorve 36% das atividades da RA. A indústria local apresenta uma distribuição das principais atividades em 5 ramos, sendo que o principal é o têxtil, com 19% dos estabelecimentos. Os demais ramos são o de alimentos e bebidas 15%, o metalúrgico 13%, produção de borracha, fumo e couros 11% e de madeira e mobiliário, com 10%.

Na RA de Ribeirão Preto, a cidade de Ribeirão Preto concentra 51% da indústria regional. Apesar do setor de alimentos e bebidas apresentar o maior percentual das atividades secundárias local, com 18%, a indústria nessa cidade conta com ampla participação dos demais setores de transformação industrial, os quais apresentam a seguinte composição: metalúrgica 13%; papel e gráfica, química e borracha, fumo e couros 11%; e as indústrias mecânica e têxtil 10%.

As RA's que tiveram um crescimento abaixo da média apresentada no conjunto do estado são Marília, Barretos, Presidente Prudente, Registro e Santos, além da RMSP. No entanto, destacamos que a RA de Marília registrou um patamar de crescimento acima das demais, mesmo estando abaixo da média do estado, apresenta um nível de crescimento em suas atividades industriais em uma faixa acima dessas regiões.

Nessa RA constatamos que a cidade de Marília é responsável por 24% da produção industrial da região. Suas principais atividades são a produção de alimentos e bebidas (22%), metalúrgica (16%) e mecânica (11%). Por fim, pelos números apresentados, as demais RA's podem ser agrupadas como aquelas que apresentaram uma distribuição do crescimento das atividades industriais bem abaixo do restante da média estadual, embora, reforçamos, com aumento no número de estabelecimentos industriais.

Ao apresentarmos esses dados priorizamos efetuar um exercício metodológico que fosse capaz de nos indicar um movimento temporal e espacial das atividades industriais no estado de São Paulo. Com esse procedimento, embora muito limitado pelas características de sistematização dos dados que cobrem essa amplitude temporal, pois nos escapam uma maior desagregação para caracterizarmos com mais especificidades os ramos industriais localizados nas regiões e nas cidades, pudemos mesmo assim verificar que o crescimento das atividades

industriais no interior do estado, acompanhado pela diminuição dessas na RMSP, não se restringiram às RA's do entorno imediato da RMSP.

Conquanto os números demonstrem uma grande concentração da atividade industrial na RMSP e nas RA's que a circundam – Santos, Sorocaba, Campinas, São José dos Campos, incluso nesse recorte a RA de Registro – as demais regiões do estado passaram a responder por 23,3% do número de estabelecimentos industriais, os quais no ano de 1985 representavam 17%. As RA's do entorno da metrópole passaram de 24% em 1985, para 30% em 2012, enquanto a RMSP declinou de 59% para 46% nesse mesmo intervalo.

Esse movimento demonstra que os argumentos dos autores que buscaram interpretar esse processo, aqui apresentados de forma resumida, em muito se complementam, pois ao passo que podemos pressupor uma maior integração das funções metropolitanas ao conjunto da rede urbana do estado, houve também um reforço das atividades industriais em algumas cidades do interior paulista, situação que nos permite considerar a tese encampada por Sposito (2007).

A concentração de atividades industriais em poucas cidades dessa porção do estado sugere o fortalecimento das funções econômicas desses espaços e a maior capacidade para responder às demandas de reprodução do capital, principalmente de setores industriais mais tradicionais, como têxtil, calçadista, produção de couros, processamento e beneficiamento de alimentos e bebidas, além de alguns ramos mais dinâmicos com incidência de maior valor agregado, como o mecânico e metalúrgico, embora em menor medida que àqueles, e em um número reduzido de cidades.

A primazia de algumas dessas cidades em relação às regiões em que estão inseridas denotam a competência cada vez maior de articularem as atividades econômicas em diferentes escalas e polarizarem mercados regionais. As complexas interações espaciais estabelecidas correspondem às necessidades mais gerais de reprodução capitalista que se reforça a partir de um aprofundamento da divisão territorial do trabalho, que insere no circuito de produção industrial esses espaços por meio de uma simultaneidade de relações, principalmente complementares, produzindo diferentes arranjos produtivos e especializações.

Esse cenário complexo pode ser apreendido pela expressiva concentração das atividades e ramos industriais em algumas poucas cidades em grande parte das RA's descritas. Mesmo com as limitações impostas pela metodologia de exposição dos dados, que não permitem estabelecer a especificidade dos ramos industriais porque são agrupadas segundo atividades correlatas, podemos observar que as áreas que concentram as atividades

industriais de maior valor agregado e atreladas a um circuito de produção com maior intensidade de capital são a RMSP e seu entorno, como pode ser visualizado na tabela a seguir.

Tabela 7. Participação (%) das RA's e da RMSP no total dos subsetores da indústria de transformação em atividade no Estado de São Paulo, 2012.

| SUBSETORES | Interior¹ | Entorno² | RMSP³ |
|-------------------------|-----------------------------|----------------------------|-------------------------|
| Mineral não Metálico | 29,5 | 48,3 | 22,2 |
| Indústria Metalúrgica | 19,1 | 35,0 | 45,9 |
| Indústria Mecânica | 20,1 | 36,1 | 43,8 |
| Elétrico e Comunicações | 14,5 | 25,2 | 60,4 |
| Material de Transporte | 16,6 | 33,4 | 50,1 |
| Madeira e Mobiliário | 31,7 | 34,7 | 33,6 |
| Papel e Gráfica | 17,9 | 24,1 | 58,0 |
| Borracha, Fumo, Couros | 23,5 | 24,7 | 51,8 |
| Indústria Química | 16,1 | 30,5 | 53,5 |
| Indústria Têxtil | 19,0 | 25,6 | 55,4 |
| Indústria de Calçados | 93,7 | 2,1 | 4,2 |
| Alimentos e Bebidas | 27,9 | 35,3 | 36,8 |
| Total | 23,5 | 30,7 | 45,8 |

Fonte: MTE-RAIS (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais). Org: Ítalo Franco Ribeiro. ¹ **Interior**: RA's de Franca, Central, Araçatuba, Bauru, Registro, S. J. do Rio Preto, Ribeirão Preto, Marília, Presidente Prudente, Barretos. ² **Entornos**: RA's de Sorocaba, S. J. dos Campos e Campinas. ³ **RMSP**: Região Metropolitana de São Paulo. * Inclusive os municípios que fazem parte das respectivas Regiões Metropolitanas.

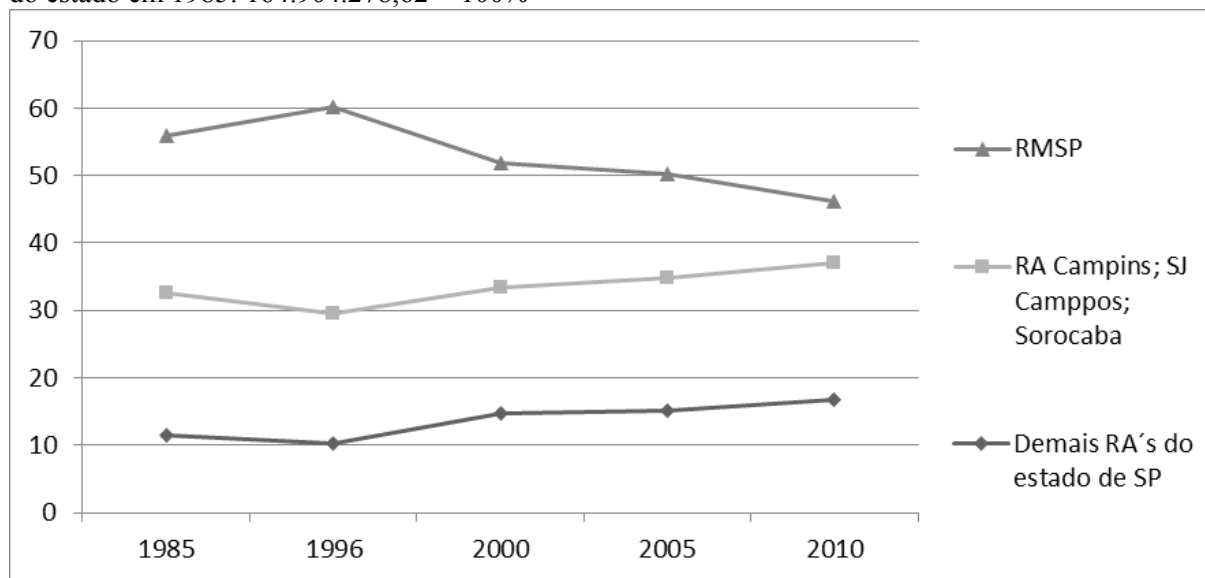
A partir da tabela 7 podemos observar que as regiões mais distantes da RMSP têm forte participação em setores industriais de produção com baixo valor agregado, como são os casos dos segmentos de alimentos e bebidas, calçadista, madeira e mobiliário. Por outro lado, as regiões denominadas arbitrariamente como “Entorno” apresentam os ramos industriais com produção de maior valor agregado e com maior incremento tecnológico, influenciando diretamente nos valores de transformação industrial.

Apesar dos altos índices de crescimento da atividade industrial no que chamamos de Interior, como observado para as regiões de Franca, Central, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, Araçatuba e Bauru, regiões que tiveram um crescimento acima da média estadual, o crescimento das atividades industriais nas regiões que classificamos como Entorno têm maior participação no valor adicionado da indústria. Evidentemente, isso não se refere somente aos ramos industriais, mas também à quantidade de estabelecimentos.

O gráfico 1 demonstra como evoluiu a participação dessas diferentes regiões no valor adicionado industrial. O movimento revela ainda uma forte participação da RMSP no total estadual seguida pelas regiões do entorno metropolitano. Por outro lado, o crescimento

auferido pelas regiões do interior do estado não refletem o mesmo movimento no valor da produção, revelando que a produção industrial paulista está fortemente concentrada na RMSP e nas RA's de Campinas, São José dos Campos, Sorocaba, e em menor medida, na RA de Santos.

Gráfico 1. Participação percentual das regiões do estado no valor adicionado da indústria. Total do VA do estado em 1985: 164.904.278,62 = 100%



Fonte: IPEADATA.Org: Ítalo Franco Ribeiro. Observação: Valores em R\$, a preços do ano 2000; Deflator Implícito do PIB nacional (IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

O gráfico demonstra um movimento semelhante para as RA's do Entorno e do Interior, com uma queda no valor da produção industrial entre os anos de 1985 - 1996 e recuperação nos anos que se seguiram, com um crescimento maior para as regiões do entorno metropolitano. Já a RMSP demonstra o inverso, aumento do valor no primeiro intervalo e significativa queda das atividades após o ano de 1996, confirmando o que os autores aqui citados já apontaram, queda na participação industrial da metrópole, contudo, ainda como o principal centro industrial do país.

Todo esse movimento demonstra escalas diferentes do processo de desconcentração espacial da atividade industrial em São Paulo. O que nos interessa tem sido demonstrar como esse processo se efetivou mudando ou reafirmando as características produtivas de diferentes regiões do estado para sabermos quais foram os seus desdobramentos para a dinâmica industrial de Taubaté, definindo seu perfil econômico, consolidando características produtivas que a diferencia de outras cidades e a integrando de maneira específica no conjunto de transformações da divisão territorial do trabalho.

Como já registramos para outras regiões do estado, o aumento das atividades industriais no VPP também assumiu uma forma bastante concentrada. Como foi descrito por Sposito (2007), as decisões locacionais do setor privilegiaram as estruturas viárias, a quantidade e qualidade de serviços oferecidos por centros urbanos e as atividades industriais e comerciais existentes na região.

Portanto, a concentração das infraestruturas necessárias para as atividades do maior polo industrial do país, na RMSP e seu entorno, permitiu à região do VPP acumular uma parte significativa dessas infraestruturas e ao mesmo tempo beneficiar-se da sua disposição na região. Ao associar a densidade dessas infraestruturas e o novo padrão de produção industrial às características dos centros urbanos localizados na região, fica nítida a inserção dessa região à expansão territorial do circuito de produção da indústria. Junto à RA de Sorocaba, a RASJC – Região Administrativa de São José dos Campos⁴⁷, localizada no entorno da RMSP -, foi a que mais recebeu novos empreendimentos industriais ao longo dos últimos 25 anos. No entanto, as características intrarregionais guardam grandes diferenças quanto à distribuição territorial da indústria, o que rebate diretamente no aprofundamento da divisão territorial do trabalho na escala da rede urbana que se sobrepõe àquela escala regional.

Como já demonstrado no capítulo 1 desse trabalho, a dinâmica econômica regional é bastante concentrada nos municípios do eixo do VPP, principalmente em São José dos Campos e Taubaté. Por meio de trabalho de campo⁴⁸ pudemos visualizar grande quantidade de empresas localizadas às margens da rodovia Dutra, em seu trecho paulista, até a altura do município de Guaratinguetá, o qual dista aproximadamente 180 km da capital, tornando mais rarefeita a presença de empresas localizadas às margens dessa rodovia a partir desse trecho, no km 58, sentido SP-RJ.

⁴⁷ Essa RA integra 39 municípios. Disponível em: <<http://www.planejamento.sp.gov.br/index.php?id=50&idd=151#descricao>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

⁴⁸ Trabalho de campo realizado em outubro de 2013.

Tabela 8. Evolução dos estabelecimentos industriais na RA de São José dos Campos.

| Municípios | 1985 | | 1990 | | 1995 | | 2000 | | 2005 | | 2012 | |
|---------------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|
| | estabs | % | estabs | % | estabs | % | estabs | % | estabs | % | estabs | % |
| Caçapava | 45 | 4 | 68 | 4 | 77 | 4 | 88 | 5 | 102 | 5 | 124 | 4 |
| Guaratinguetá | 81 | 7 | 137 | 8 | 119 | 6 | 112 | 6 | 121 | 5 | 151 | 5 |
| Jacareí | 148 | 14 | 197 | 11 | 184 | 10 | 182 | 9 | 220 | 10 | 284 | 10 |
| Pindamonhangaba | 67 | 6 | 116 | 7 | 125 | 7 | 126 | 6 | 169 | 7 | 213 | 7 |
| São José dos Campos | 229 | 21 | 388 | 22 | 480 | 26 | 544 | 28 | 652 | 28 | 929 | 32 |
| Taubaté | 134 | 12 | 209 | 12 | 226 | 12 | 236 | 12 | 305 | 13 | 384 | 13 |
| Demais municípios | 403 | 36 | 636 | 36 | 646 | 35 | 654 | 34 | 744 | 32 | 847 | 29 |
| Total RA | 1.107 | 100 | 1.751 | 100 | 1.857 | 100 | 1.942 | 100 | 2.313 | 100 | 2.932 | 100 |

Fonte: MTE-RAIS (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais). Org: Italo Franco Ribeiro.

Foi possível perceber a grande concentração das atividades industriais nos municípios que se localizam ao longo do eixo da via Dutra/BR-116 (os centros urbanos podem ser observados no mapa 1). A desigualdade regional apresentada nos dados anteriores e, também, na tabela 1 do capítulo inicial desse trabalho, representa a seletividade espacial do desenvolvimento das atividades industriais na RA de São José dos Campos. Como é possível perceber na tabela 8, os municípios localizados no eixo do VPP são responsáveis por 71% dos estabelecimentos industriais da região, com destaque para São José dos Campos, que manteve uma tendência de crescimento das atividades durante todo o período. Em geral, nos demais municípios listados houve muito mais uma estabilidade da participação no conjunto da indústria da região do que variações significativas no peso dessas atividades para cada um deles.

Vale ressaltar o aumento significativo dos números absolutos, pois revelam um intenso adensamento das atividades industriais na região que, em um intervalo de 25 anos, cresceram pouco mais de duas vezes e meia, o que denota o fortalecimento das funções industriais da região, principalmente dos municípios do eixo do VPP, com a extensão das atividades industriais ao longo de um trecho de aproximadamente 100 km, entre Jacareí e Guaratinguetá.

A seletividade espacial da atividade industrial no estado de São Paulo nos permite compreender parcela das estratégias locacionais do setor. Como observado, estruturas viárias que garantem maior fluidez aos deslocamentos e conectam cidades e regiões no circuito de produção de mercadorias são valorizadas e se constituem em vantagens competitivas para diferentes tipos de atividades industriais. Tais estruturas em associação à densidade de

relações econômicas que emergem em diferentes centros urbanos da rede de cidades paulistas nos permite inferir que essas vantagens de localização comportam, em diferentes graus, a diminuição dos custos de produção ou aumento das taxas de lucros desses agentes.

De tal modo, ao buscarem localizações privilegiadas em que possam conferir maior competitividade aos seus empreendimentos, esses agentes econômicos produzem uma série de diferenciações e desigualdades entre as regiões, cidades e as cidades de uma dada região. Essa produção de desigualdades conforma o movimento incessante de redefinição da divisão territorial e regional do trabalho paralelamente à criação de possibilidades distintas de reprodução do capital industrial no estado, seja em termos de fatores ou recursos. Essa dinâmica está no cerne da criação das diferenciações e especializações espaciais na medida em que elegem e constituem arranjos espaciais para o desenvolvimento de suas atividades.

A constante e mais acelerada redefinição da divisão territorial do trabalho e do reposicionamento de diferentes espaços no circuito de produção industrial só podem ser compreendidas à medida que lançamos nossos olhares a um contexto mais geral de transformações no ciclo de reprodução do capital, que pressupõe ampliação das escalas de atuação da produção.

Desse modo, dinâmicas que combinam a reestruturação dos processos industriais, a mundialização da economia com predomínio das atividades financeiras e um conjunto de intervenções em seletivos espaços para garantir um ambiente favorável para a consecução das etapas do processo de produção – produção, distribuição, circulação e consumo – estabelecem os pressupostos fundamentais para compreendermos a dinâmica capitalista de produção da desigualdade espacial (HARVEY, 2004a; 2005).

O contexto que delineamos está inserido nas reflexões teóricas referentes ao processo de desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo. No âmbito da Geografia os principais referenciais são os estudos de Smith (1988) e Harvey (2004a; 2004b, 2005) e, complementarmente, podemos inserir nesse contexto Brandão (2007) ao realizar uma leitura crítica acerca dos estudos regionais. No entanto, a origem dessa formulação está relacionada às reflexões de Lenin sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia e, posteriormente, sistematizado e ganhando corpo teórico sob o exame de Trotsky, a qual é denominada como Lei do desenvolvimento desigual e combinado (COGGIOLA, 2004).

Resumidamente, as análises elaboradas por Trotsky buscaram demonstrar as contradições no desenvolvimento do capitalismo nos países sob dominação das práticas imperialistas em comparação com o histórico de seu desenvolvimento nos países em que esse

sistema já havia se consolidado (LOWY, 1995). Essa formulação teórica surge na tentativa de compreensão das contradições internas às lógicas econômicas e sociais de países de capitalismo periférico, não impelidas a percorrer os mesmo estágios de desenvolvimento das nações hegemônicas, pois o desenvolvimento das forças capitalistas se fez por meio de saltos e ritmos distintos, levando a uma combinação particular de elementos modernos externos junto aos elementos pretéritos internos, produzindo particularidades distintas. Como esta teoria se liga a um complexo de determinações mais gerais no âmbito de reprodução do capitalismo, adquire um escopo explicativo aplicável a outros contextos econômicos de países de capitalismo atrasado (LOWY, 1995; COGGIOLA, 2004).

A lei do desenvolvimento desigual e combinado centrou-se em fornecer nexos explicativos sobre a possibilidade de transformação social e política no âmbito de formações econômico sociais de capitalismo atrasado. “Segundo Trotsky, a resolução por uma classe dos problemas que são próprios de outra é um dos fenômenos típicos do desenvolvimento desigual e combinado em país atrasado” (COGGIOLA, 2004, p.7).

De outra maneira, a teoria do desenvolvimento geográfico desigual buscou evidenciar as determinações mais gerais que incidem na produção diferenciada dos espaços no processo de desenvolvimento do capitalismo.

É por meio de uma geografia histórica do capitalismo que Harvey buscou correlacionar o processo de acumulação do capital com uma estrutura imbricada de relações espaciais. O autor considera que a produção desigual do espaço é fundamental para a dinâmica de acumulação e reprodução do capital, pois o próprio sistema é dinâmico e expansível (HARVEY, 2005).

Harvey (2004a; 2005, p. 44), afirma que o processo de acumulação capitalista está intimamente ligado à questão geográfica. Apoiando-se em Marx, demonstra que o crescimento econômico é um processo repleto de contradições internas que não raro sobrevém em forma de crises dada à “natureza caótica da produção de mercadorias sob o capitalismo competitivo”.

Em análise das diversas tensões no processo de acumulação que irrompem em crises, ressaltou que essas têm como pressuposto expandir a capacidade de produção para a renovação do processo de acumulação, colocando-a em um patamar superior ao anterior. No entanto, nesse novo nível de racionalização da acumulação, a intensificação da atividade social em uma estrutura espacial não é capaz de absorver os novos níveis de produção, pois

são progressivamente ampliados, sendo necessária, nesse contexto, a expansão geográfica do processo de acumulação (HARVEY, 2005).

O desenvolvimento das forças capitalistas de produção teria cessado se não fossem as possibilidades referentes à sua expansão geográfica, à reorganização espacial e ao desenvolvimento geográfico desigual. Os constantes “ajustes espaciais” são realizados para conter as contradições internas do capital, que tem na “hiperacumulação de capital numa área geográfica específica” uma de suas expressões mais marcantes (HARVEY, 2004a).

Harvey explica que o capital tende a se localizar em áreas onde consigam obter maiores taxas de lucro num contínuo movimento no qual projeta uma série de desvalorizações em algumas localizações em favor de outras. Segundo o autor (HARVEY, 2004b), “os processos interativos de troca no espaço” (2004b, p.82 - 83), conformam divisões territoriais e espaciais do trabalho à medida que diferentes localizações favorecem a diminuição dos custos necessários de circulação agregando diferentes atividades em determinados pontos do espaço.

a atividade capitalista produz o desenvolvimento geográfico desigual, mesmo na ausência de diferenciação de dotação de recursos e de possibilidades, fatores que acrescentam seu peso à lógica das diferenciações e especializações regionais.

Em relação a essa condição fundamental da acumulação capitalista, Smith (1988) aponta que o desenvolvimento desigual do capitalismo ocorre segundo a imbricação contraditória entre a tendência a diferenciação e a tendência a igualização, produzindo diferentes escalas de atuação do capital. O autor ressalta que a tendência à diferenciação está correlacionada à divisão territorial do trabalho e social do capital, assim sendo, a escala do urbano é constantemente redefinida por meio dos diferentes processos de concentração e centralização espacial de frações do capital, criando densidades ao mesmo tempo em que cria desníveis entre as localizações.

Para o autor, o desenvolvimento geográfico das áreas que propiciam altas taxas de lucro favorece o nivelamento do desenvolvimento das condições de produção e das forças produtivas que nelas se localizam. Essa tendência a igualização dos níveis de desenvolvimento promove o acirramento da concorrência capitalista e age de maneira inversamente proporcional nas taxas de lucros, que tendem à paulatina diminuição. Desse modo, a concorrência força capitalistas individuais a buscarem dentro dessa estrutura espacial locais em que os custos sejam diminutos ou os lucros maiores. O capital excedente muda de

um lugar em função das oportunidades de lucro que ainda não foram esgotados em outro (SMITH, 1988; HARVEY; 2004b).

Vantagens em termos de localização desempenham para capitalistas individuais um papel semelhante aos derivados das vantagens tecnológicas, e em certas situações essas vantagens podem substituir-se entre si (...) o comportamento competitivo gera também um estado de perpétuo movimento e de instabilidade crônica na distribuição espacial de atividades capitalistas, na medida em que os capitalistas buscam localizações superiores (isto é, de menor custo). A paisagem geográfica da produção, da troca, da distribuição e do consumo capitalistas nunca está em equilíbrio (HARVEY, 2004b, p. 83 – 84).

Essa dinâmica rompe com o chamado “equilíbrio espacial” da acumulação de capital, pois suas frações buscam a expansão geográfica como solução para um novo processo de acumulação ou novos setores de atividade mais rentáveis. Assim, a igualização redefine novos patamares de diferenciação geográfica.

Se a escala do espaço urbano é intimamente ligada ao processo de diferenciação, o global se refere à igualização, “pois essa escala é definida no nível das relações de produção”. (p. 202).

A interpenetração dos movimentos de igualização e diferenciação repercutem em ajustes espaciais, que por sua vez, imprimem aos Estados-nação uma série de adaptações, tanto legais quanto estruturais, para que correspondam às necessidades de expansão geográfica dos mercados e do processo de reprodução. A escala nacional, portanto, é um produto menos direto das tendências contraditórias de diferenciação e igualização, pois a produção dessa escala corresponde às “injunções da competição dos diferentes capitais no mercado mundial” (p. 204).

È com base nessas dinâmicas que Harvey (2004a p, 80) afirma que o capitalismo não pode sobreviver sem seus ajustes espaciais, pois “tem recorrido repetidas vezes à reorganização geográfica como solução parcial para suas crises e impasses, construindo assim uma geografia a sua imagem e semelhança”. E conclui:

O capitalismo produz uma paisagem geográfica (de relações espaciais, de organização territorial e de sistemas de lugares ligados por meio de uma divisão global do trabalho e funções) apropriada à sua própria dinâmica de acumulação num momento particular de sua história, simplesmente para ter que reduzir a escombros e reconstruir essa paisagem geográfica a fim de acomodar a acumulação num estágio ulterior (p. 87).

O desenvolvimento geográfico desigual se constitui enquanto produto e condição das atividades de capitalistas de produção. Assim, a paisagem geográfica das atividades capitalistas está marcada por contradições e tensões que avultam a sua permanente instabilidade diante das intensas dinâmicas, interações e intervenções que advêm das lógicas expansionistas da infundável acumulação de capital no espaço e no tempo. Conclui Harvey (2004b, p. 88) “esta é a história da destruição criativa inscrita na paisagem da geografia histórica completa da acumulação de capital”.

As intrincadas relações entre a dimensão espacial e o processo desenvolvimento capitalistas também foram foco das análises no campo da economia política do desenvolvimento efetuadas por Brandão (2001). O autor propõe uma abordagem analítica dos movimentos desiguais de acumulação de capital nas escalas urbano-regional por meio de uma mediação articulada daquilo que chamou de processos de homogeneização, integração, polarização e hegemonia.

A partir de uma leitura crítica dos estudos regionais chamou a atenção para necessidade de reposicionar o conceito de homogeneização utilizado nesses estudos. Assim, propõe ele que o processo de homogeneização não se circunscreve aos limites que demarcam um conjunto coeso de feições regionais, ao contrário, sua proposta recai justamente na ampliação dos limites que se abrem para a valorização do capital, pois afirma que o capital “busca valorizar-se sem confinamentos regionais/espaciais” (p. 72).

Desse modo, apresenta como elemento central dessa análise as determinações materiais e humanas mais simples que possibilitam a afirmação do capital em geral, as condições de base que permitam a sua reprodução ampliada. Com isso, explica que não se deve buscar nas estruturas físicas da paisagem geográfica as condições homogêneas para o desenvolvimento dessa dinâmica, pois os processos de homogeneização do qual está tratando tem como pressuposto as imposições mais gerais do capital como ponto de partida da acumulação capitalista, por exemplo: a capacidade de incorporar massas humanas à sua dinâmica, atração e subordinação (social e de unidades societárias) dos entes à orbita do mercado, a superação das fricções espaço temporais para a continuidade do seu movimento etc. Esses fatores se constituem enquanto pressupostos basilares na construção de um espaço unificado de valorização do capital. O autor alerta que o processo de homogeneização não pode ser atrelado ao nivelamento das desigualdades, pelo contrário, ele as aprofunda, pois está relacionado à lógica contínua de valorização do valor, superando barreiras que tendem a frustrar ao processo de acumulação.

No estágio da integração está em jogo os processos de acumulação de capital em um contexto amplo de concorrência intercapitalista. A integração se caracteriza por um processo contínuo que recondiciona e adapta as estruturas produtivas das economias que se formaram no estágio anterior às determinações de diversas frações do capital que se formaram em diferentes escalas. Assim pode-se dizer que na esteira de uma maior densidade de atividades econômicas há um acirramento da concorrência inter-regional ao passo que se vislumbra processos interdependentes e complementares que se vinculam a diferentes circuitos produtivos, constituindo uma divisão inter-regional do trabalho. Nesse ambiente de complexas interações e de processos concorrenciais e complementares, o autor afirma que podem surgir condições tanto para o aumento das potencialidades quanto das vulnerabilidades das diferentes regiões, pois a partir da consolidação do processo de integração ocorre a supressão da independência e autonomia dos lugares tornando impossível, no âmbito de uma dada região, a constituição de uma matriz produtiva densa e integradora, ou em outros termos, regionalmente completa. O autor conclui afirmando que aos espaços menos complexos e dinâmicos resta uma inserção especializada e complementar nas “cadeias produtivas constitutivas da ‘matriz produtiva nacional’, as quais, por sua vez, encontram-se subordinadas à economia dos polos centrais da acumulação” (p. 79 – 80).

A polarização, terceira dimensão dos processos espaciais de acumulação de capital é decorrente da própria natureza desigual e combinada do desenvolvimento capitalista. Porquanto o processo de integração remete à ideia de enquadramento, o de polarização nos dá à de hierarquia, pois o desenvolvimento das forças produtivas acarreta numa variada gama de processos complementares e contraditórios que denotam diferentes polarizações, ou seja, estruturas de dominação fundadas na assimetria e irreversibilidade que derivam dos processos de concentração e centralização espacial do capital. Contudo, adverte, o desenvolvimento do capital redefine continuamente as estruturas espaciais, produz uma série de elementos e dinâmicas que reposicionam tanto os padrões de articulação entre os espaços quanto às forças de polarização.

É dentro desse contexto amplo que o autor insere o último elemento fundante das relações entre o espaço e o capital, a hegemonia. Essa noção remete ao poder que diferentes agentes exercem ao ditar, delimitar, reconfigurar e mesmo “negar domínio de ação e raio de manobra de outrem” (p. 84). Nesse sentido, aponta que o poder de hegemonia colabora para a apreensão de questões relativas às alianças políticas de diferentes agentes e

frações do capital responsáveis por dar uma base social ao Estado a fim de que suas ações privilegiem as estruturas econômicas e sociais de classe.

É com base nessas prerrogativas que julgamos ser viável estabelecer uma relação entre os processos espaciais e uma base teórica que nos permita refletir acerca das dinâmicas econômicas e produtivas abordadas até o momento nesse trabalho.

Embora se afigure de maneira desconexa rompendo com uma leitura linear que facilite maior compreensão do leitor do que se pretende com o texto, acreditamos que essa atitude decorre de uma tentativa não condicionar previamente nossa leitura da realidade espacial, embora, em muito tenha instrumentalizado nossas ações de pesquisa.

Ao nos apoiarmos nesses referenciais acreditamos ter sido possível situar o nosso objeto de estudo, a dinâmica econômica e seus desdobramentos socioespaciais, num conjunto complexo de relações e determinações que constantemente, ao longo de pouco mais um século, incidiram de maneira contraditória reposicionando e tornando mais complexos os papéis e funções da cidade de Taubaté na divisão territorial do trabalho nos diferentes contextos econômicos da história recente do país.

Desse modo, mais do que enquadrar e classificar os processos espaciais nas formulações teóricas e conceituais dos autores citados no texto, queremos demonstrar que a teoria do desenvolvimento desigual e combinado colabora para interpretarmos as dinâmicas e processos que transformaram Taubaté em importante ponto no circuito espacial de produção industrial brasileira.

Dito isso, com o intuito de fornecer uma leitura mais integradora do perfil produtivo econômico de Taubaté, no capítulo a seguir iremos ressaltar as mudanças pelas quais a indústria vem passando desde os anos finais do século passado até os dias atuais. Para tanto, privilegiamos uma abordagem que se centra na mudança de um dos elementos mais importantes do setor, o emprego industrial.

TERCEIRO CAPÍTULO

Mudanças na indústria de Taubaté: a globalização, a reestruturação produtiva e o emprego

O capítulo que se inicia tem por finalidade demonstrar o comportamento do setor industrial de transformação na região do Vale do Paraíba Paulista, com maior ênfase ao município de Taubaté, pela ótica do emprego formal abrangendo uma série histórica entre os anos de 1985 e 2012. A adoção desse procedimento visou buscar interpretações possíveis acerca das atividades industriais realizadas no município de Taubaté e, também, elucidar as mudanças na indústria local a partir da dinâmica do emprego fabril.

Iniciaremos esse capítulo, no entanto, a partir da compreensão mais geral acerca das transformações estruturais no processo de acumulação capitalista, que tiveram rebatimentos diretos nos processos de organização, produção e, conseqüentemente, na estrutura do emprego industrial, ou seja, a partir de um conjunto de dinâmicas que caracterizaram uma série de reestruturações no âmbito do sistema capitalista em escala global e principiaram o que se convencionou classificar de Terceira Revolução Industrial.

Essa postura tem por objetivo evidenciar as escalas desse processo e, por meio delas, buscar mediações para compreendermos as particularidades que se efetivam pela imbricação de fatores externos ao acúmulo histórico de determinações materiais e imateriais nos lugares.

Metodologicamente, a escolha da série histórica frisada teve como premissa corroborar com o eixo de discussão que buscamos efetivar ao longo do texto, aglutinar, no delineamento dos argumentos, fatores externos e internos para assim obtermos uma visão das especificidades produzidas por processos generalizados. Nesse sentido, para operacionalizar os dados acerca da indústria a partir do entendimento dos processos que requalificaram o setor no estado de São Paulo, iremos realizar comparações entre as características do emprego local em relação a outras escalas, principalmente em referência à Região Administrativa de São José dos Campos e, de maneira a complementar as nossas análises, teremos como foco de comparação os dados acerca do emprego industrial da Região Metropolitana de São Paulo.

Esse procedimento tem como objetivo traçar o perfil do emprego industrial local, portanto, da indústria local. Assim privilegiamos, por um lado, analisar as variações no número de empregos ao longo da série estipulada e destacar como as variações mais gerais produzem desigualdades entre os lugares e, por outro, observar as variações dos rendimentos médios do emprego nessas diferentes escalas, colaborando para complementar o perfil das atividades industriais em Taubaté.

3.1 Globalização do capital e reestruturação produtiva: reorganização da atividade produtiva e transformações do emprego fabril

A expansão do desenvolvimento econômico estadunidense no período do pós II Guerra Mundial e os processos que fundamentaram a ampliação das escalas da sua produção industrial possibilitaram o surgimento e o desenvolvimento da produção industrial em diferentes países, inclusive aqueles considerados periféricos, e fortaleceu o poderio das grandes corporações empresariais transnacionais e entidades supranacionais (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006).

O período entre o pós-guerra e os primeiros anos da década de 1970 demarcam os anos de grandes conquistas para os países do centro da economia mundial, sobretudo os Estados Unidos. Nesse período, a disponibilidade de matérias-primas, energia barata, construções infraestruturais, oferta de produtos industrializados, demanda aquecida, produção tecnológica, gastos públicos tanto no setor militar quanto em áreas sociais, sob intervenções políticas do Estado keynesiano de Bem Estar Social, viabilizaram a ascensão de uma série de grandes corporações industriais que se consolidaram internacionalmente, principalmente, em regiões de grande produção da economia mundial (HARVEY, 1992),

Em fins da década de 1960, o modelo de desenvolvimento capitalista constituído sob a forte presença do Estado e sustentado pelo longo ciclo de crescimento econômico entrou em crise e apresentou uma profunda recessão, a qual combinou, pela primeira vez, baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação (ANDERSON, 1995).

Em meio a um contexto de grandes transformações econômicas e sociais, o recuo dos pressupostos do Estado de Bem estar social foi acompanhado pela retomada dos princípios políticos e econômicos de raízes liberais, articulados em torno do ideário neoliberal.

O pensamento neoliberal fez parte de uma crítica gradual que ganhava escopo frente à crise fiscal do Estado intervencionista de bem estar social, cuja crise, para os partidários do neoliberalismo, estava fortemente atrelada aos gastos sociais e ao poder excessivo de sindicatos e do movimento operário, que na verdade, se trataram dos avanços sociais por meio das conquistas trabalhistas junto ao modelo fordista/taylorista. Contudo, para os neoliberais, o pacto social do trabalho do pós-guerra e as ações do Estado de bem estar social afligiram as bases de acumulação capitalista, com a intensa queda dos lucros das empresas, e desencadearam processos inflacionários que suscitaram uma crise generalizada nas economias de mercado. A saída, então, recairia em amplos ajustes fiscais com o objetivo de conter os

gastos sociais do Estado de bem estar social e de diminuição de impostos, esse mecanismo serviria para incentivar os investimentos dos grandes agentes econômicos, agenda contrária, portanto, das ações keynesianas de redistribuição social, que para os neoliberais, deformaram o curso normal da acumulação e do livre mercado (ANDERSON, 1995).

Muitos foram os fatores que se avolumaram e provocaram profundas transformações no padrão de desenvolvimento capitalista do pós-guerra e contribuíram para o processo de globalização. As políticas neoliberais e de desregulações que se espalharam em escala global entre os anos de 1980 e 1990 foram decisivas para o desenvolvimento desse processo (HAESBAERT, PORTO-GONÇALVES, 2006). No entanto, ao que nos interessa nesse texto, iremos focar em duas características que transformaram o contexto e principiaram o processo de globalização do capital: a financeira e a produtiva.

Na esfera econômica, os sinais da crise que se instalava podem ser evidenciados a partir da década de 1960 e início dos anos 1970, marcados pela estagflação e a instabilidade financeira da economia estadunidense, colocando em xeque os arranjos institucionais que forjaram o padrão de desenvolvimento “virtuoso” do pós-guerra (MATTOSO, 1996; BELLUZZO, 2005).

Os principais fatores que desencadearam profundas transformações econômicas do período criando as bases para a mundialização do capital financeiro foram a acumulação financeira, com os primeiros sinais de alerta postos pelo mercado de eurodólares, principalmente a partir da década de 1950 e, posteriormente, o fim do regime monetário que regravava o conjunto de relações comerciais e financeiras internacionais, o acordo de Bretton Woods⁴⁹ (CHESNAIS, 2005).

De acordo com Chesnais (2005, p. 46), o processo de mundialização financeira teve por base os seguintes fatores: a) “a desregulamentação ou liberalização monetária e financeira”, que abriu novos mercados às operações financeiras; b) “descompartmentalização dos mercados financeiros”, que incidiu tanto nos mercados internos, com a (des)especialização dos bancos e com a ampliação da concorrência, quanto nos mercados externos, por meio da liberação de novas modalidades de aplicações financeiras: mercados de

⁴⁹ O acordo de Bretton Woods foi formulado por meio da Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas, realizada em julho de 1944. Essa conferência teve por objetivo definir um conjunto de regras para regular a política econômica internacional e promover a estabilidade econômica do pós-guerra. Foi a partir do acordo de Bretton Woods que foram criadas as instituições financeiras responsáveis por mediar o sistema internacional de financiamentos e pagamentos (FMI – Fundo Monetário Internacional; BIRD – Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento). Para mais informações ver: MATTOS (2001); (BELLUZZO, 1995).

câmbios, títulos públicos, operações e inserção de operadores e empresas estrangeiras na bolsa de valores.

Para complementar essas afirmações, Belluzzo (2005, p. 8 - 9) aponta que as medidas de desregulamentação financeira e liberação de mercados colaboraram para a derrocada do sistema de Bretton Woods. Nesse sentido ressalta que os fenômenos mais importantes desse período, responsáveis por tal ruptura foram: a) subida do patamar inflacionário e a consequente elevação das taxas de juros; b) criação do euromercado e mercados internacionais financeiros, impulsionados pela liquidez de dólares em função da balança negativa de pagamentos dos EUA e, ainda, “pela reciclagem dos petrodólares” e; c) “substituição das taxas fixas de câmbio por um ‘regime’ de taxas flutuantes”.

Mattos (2001) ressalta as instabilidades do regime ligado ao sistema financeiro e de relações comerciais de Bretton Woods, o qual ficou conhecido como o *Dilema de Triffin*. Segundo o autor, dada a crescente elevação das reservas em dólar de alguns países e o volume de ouro em poder dos Estados Unidos, esse dilema apontava cada vez mais para a falta de credibilidade dos Estados Unidos em manter a conversibilidade do padrão ouro-dólar, garantida por meio dos *déficits* em sua balança de pagamentos.

Esse cenário foi desenhado a partir da recuperação das economias e da recomposição dos complexos industriais dos países fortemente atingidos pelo conflito militar da II Guerra Mundial, dentre esses se destacam a Alemanha e Japão, que reconfiguraram seus setores industriais com base em alto padrão de competitividade, além de uma industrialização periférica e o desenvolvimento de economias nacionais autônomas (BELLUZZO, 1995).

Para Harvey (2004, p. 89) tais desregulamentações se caracterizaram como reações forçadas dos Estados Unidos “à estagflação que então ocorria no nível doméstico e ao colapso do sistema de comércio e troca internacional de Bretton Woods”. Para o autor, o acordo de Bretton Woods, que havia sido um sistema global largamente controlado de maneira hierárquica pelos Estados Unidos, passou a ser configurado por um sistema também global, contudo descentralizado, cujo controle se dava pelas regras de mercado, “sistema que tornou bem mais voláteis as condições financeiras do capitalismo” (p. 89).

Resumidamente, esses foram alguns dos principais fatores de transformação que redefiniram o padrão econômico internacional em fins do século XX e colocaram um ponto final no virtuoso modelo de desenvolvimento capitalista, pautado na reprodução de capital na esfera do setor produtivo, que marcaram os anos 1950-1970. O processo de financeirização da economia capitalista gerou fortes desequilíbrios no crescimento dos mercados financeiros, de

bens e serviços, foi responsável pela instabilidade monetária e cambial e promotor de grandes investimentos em setores inovadores, potencializando a reestruturação (POCHMANN, 2006; CHESNAIS; 2005)

Os processos que alicerçaram as bases para a internacionalização da economia sob um predomínio do capital financeiro desregulado trouxeram em seu bojo um novo padrão concorrencial intercapitalista (MATTOSO, 1996). Se no período anterior, as condições econômicas e materiais foram favoráveis à reprodução do capital produtivo de base fordista, a partir da década de 1970 se esquadrinhou um cenário cujas marcas mais evidentes foram: 1) forte retração da demanda, decorrente dos deliberados ajustes macroeconômicos na economia capitalista; 2) queda das taxas de lucro, dentre outros elementos causadores, a elevação do preço da força de trabalho, que incidiu diretamente na redução dos níveis de produtividade do capital; 3) acirramento da concorrência intercapitalista, principalmente pela expansão da produção alemã e japonesa; 4) esgotamento do padrão fordista de produção, pela incapacidade de responder à queda da demanda; 5) crise fiscal do Estado capitalista, com a diminuição dos gastos públicos e sua transferência para o setor privado (ANTUNES, 2009).

Esses foram os contornos mais gerais da crise que se instalava no centro dinâmico da economia capitalista a partir dos anos 1970, os quais determinaram os novos ciclos de transformações estruturais dos sistemas produtivo e econômico internacional (HARVEY, 2004).

Segundo Mattoso (1996), a contínua busca por maiores ganhos das empresas fordistas ocorria em função da identificação de economias de escalas para a manutenção dos grandes volumes de produção em massa. Essa lógica de funcionamento privilegiou o aumento das exportações, embora ainda muito integradas ao mercado interno. Esta situação foi revertida a partir do momento em que o padrão de desenvolvimento estadunidense passou a dar maiores sinais de esgotamento de sua dinâmica, acentuando mecanismos de sobreacumulação, que por sua vez estimularam a crescente concorrência em escala internacional.

As baixas taxas de crescimento econômico associadas aos elevados custos da energia – principalmente a partir dos choques do petróleo nos anos 1970 – e com taxas de desemprego em níveis crescentes nos países de capitalismo avançado (HARVEY, 2004b) solaparam as bases de organização da produção fordista/taylorista⁵⁰.

⁵⁰ Segundo Pinto (2010), o taylorismo decorre das técnicas e métodos de trabalho propostos por Frederick Winslow Taylor (1856-1915) como forma de racionalização das tarefas de trabalho no processo de produção de bens e mercadorias. Como efeito, realizou a determinação do tempo real gasto para realizar cada operação de

Segundo Antunes (2009), os principais elementos que caracterizavam o fordismo do pós-guerra eram:

- ✓ A produção em massa de mercadorias: o principal objetivo dessa estrutura produtiva organizada recaía na produtividade, ou seja, para alçar a ampliação dos mercados era necessária a contínua redução nos custos de produção, que se fazia por meio da produção homogeneizada, enormemente verticalizada e por meio de grande contingente de trabalhadores em estruturas industriais de grandes dimensões;
- ✓ Racionalização do trabalho individual: rigidez das tarefas, individualizadas ao longo de linhas de produção, forte controle do trabalho, com diferentes níveis de hierarquização internos à empresa;

A combinação desses dois métodos criou um paradigma produtivo (embora tenha combinado os métodos tayloristas, é comumente chamado de fordista) que foi amplamente difundido nos países de economia capitalista avançada até meados da década de 1970, contudo, diante das intensas mudanças em diversas instâncias do capitalismo, a rigidez estrutural do fordismo tornou-se um entrave para repor os patamares de acumulação existentes no período anterior (ANTUNES, 2009).

Diante da intensa disputa por mercados e da progressiva dinâmica do capital financeiro, as grandes empresas multinacionais (EUA; Alemanha; Japão) voltaram-se para o mercado internacional apoiadas na elevação da produtividade e competitividade. A partir dos anos 1980 essa disputa capitalista engendrou novos padrões tecnológicos que acentuaram os ganhos de produtividade e gradualmente constituíram um novo padrão produtivo.

A articulação e difusão de inovações no âmbito do centro frouxo⁵¹ da economia capitalista deflagraram transformações nos processos produtivos a partir de um conjunto de novas tecnologias que, além de fazerem emergir um novo paradigma produtivo, propiciaram uma ampla reformulação dos processos de acumulação por meio da reestruturação mundial do capitalismo, pela Terceira Revolução Industrial (ANTUNES, 2009; MATTOSO, 1996).

Para Mattoso (1996), a Terceira Revolução Industrial irrompeu uma verdadeira ruptura com o paradigma produtivo de cunho fordista e trouxe à tona um novo padrão de

trabalho, através do qual foi possível estabelecer padronizações para diminuir operações e gestos desnecessários, o que implicaria na redução do tempo de execução das tarefas para cada tipo de atividade. Resumidamente, o taylorismo é a cronometragem do tempo de trabalho no interior do processo de produção.

⁵¹ Termo utilizado por Milton Santos em entrevista concedida ao documentarista Tendler (2007) para designar as grandes corporações com capitais sediados na Europa, Estados Unidos e Japão. Para conferir: TENDLER, Sílvio. Encontro com Milton Santos: O Mundo Global visto do lado de cá [filme-vídeo]. Produção de Sílvio Tendler e Ana Rosa Tendler por Caliban Produções Cinematográficas, direção de Sílvio Tendler. São Paulo, Caliban Produções, 2006. DVD, 89 min. Documentário.

produção, tecnológico e organizacional que, ao se consolidarem, estabeleceram conflitos não somente com o paradigma produtivo fordista, mas com as relações sociais, salariais e com o padrão de consumo anterior.

Segundo Antunes (2009), a crise fez com que, dentre diversos desdobramentos, o capital implementasse um extenso processo de reestruturação visando recuperar seu ciclo reprodutivo. Foi nesse contexto que o toyotismo, modelo de produção de origem japonesa alternativo ao fordismo, e a era da acumulação flexível emergiram no ocidente.

Em relação à acumulação flexível, Harvey (1992, p. 140) explica que ela foi

marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado "setor de serviços", bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas.

Nesse novo momento de acumulação flexível, novos processos industriais fizeram parte das diversas experiências de implementação de novos métodos e procedimentos inovadores e tecnológicos que configuraram a reestruturação produtiva. Em meio à produção de caráter fordista outros processos produtivos foram inseridos na indústria de diferentes regiões e continentes, como o neofordismo, neotaylorismo e pós-fordismo, oriundos das experiências da Terceira Itália, o kalmarismo na Suécia, da região de Kalmar, e ainda, experiências originadas no Vale do Silício nos Estados Unidos e de regiões da Alemanha (ANTUNES, 1999).

No entanto, dentre essas diferentes imbricações de novos processos inseridos no contexto de reestruturação produtiva, o toyotismo, modelo japonês de organização da produção, foi o qual melhor se adaptou às exigências estruturais do mercado e da economia, tornando-se o modelo predominante no processo de reprodução do capital industrial (ALVES, 2007; ANTUNES, 1999). Apoiado em Coriat (1994), Antunes (1999) expõe algumas das fases constitutivas do modelo japonês que instituiu o toyotismo,

Primeira: a introdução, na indústria automobilística japonesa, da experiência do ramo têxtil, dada especialmente pela necessidade de o trabalhador operar simultaneamente com várias máquinas. Segunda: a necessidade de a empresa

responder à crise financeira, aumentando a produção sem aumentar o número de trabalhadores. Terceira: a importação das técnicas de gestão dos supermercados dos EUA, que deram origem ao kanban. Segundo os termos atribuídos a Toyoda, presidente fundador da Toyota, "o ideal seria produzir somente o necessário e fazê-lo no melhor tempo", baseando-se no modelo dos supermercados, de reposição dos produtos somente depois da sua venda. Segundo Coriat, o método kanban já existia desde 1962, de modo generalizado, nas partes essenciais da Toyota, embora o toyotismo, como modelo mais geral, tenha sua origem a partir do pós- guerra. Quarta fase: a expansão do método kanban para as empresas subcontratadas e fornecedoras (CORIAT, 1992, p. 27-30 apud ANTUNES, 1999, p. 23-24).

Esse conjunto de técnicas e tecnologias inseridas no âmbito da produção industrial possibilitou às grandes empresas modificarem suas bases produtivas tornando-as mais flexíveis em função das variações da demanda, das exigências dos mercados, das oscilações econômicas, de um novo padrão concorrencial internacional e responderem às imposições dessas determinantes a um custo total da produção cada vez mais baixo. Ao adotarem esse padrão de produção flexível puderam readequar todo o conjunto industrial, pois foram favorecidas por uma ampla gama de fornecedores subcontratados e organizados em rede (ANTUNES, 1999).

O desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação, além da progressiva redução dos custos dos transportes, permitiu também a conformação em rede dos grandes complexos industriais, ou seja, a grande empresa fordista, fortemente verticalizada, deu lugar à empresa flexível horizontal, com a separação das tarefas e processos em diversas unidades dispersas, em escala global, embora articuladas, segundo as estratégias dos grandes grupos econômicos.

Nesse sentido, Harvey (2004) comenta,

Alteraram-se as formas de produção e organização (em particular do capital multinacional), ainda que muitos pequenos empreendedores também tenham aproveitado novas oportunidades, fazendo abundante uso dos custos reduzido dos transportes de mercadorias e informações. A produção em outros locais que não a sede da empresa, que tivera início nos anos de 1960, tornou-se de súbito bem mais geral (...) Seguiram-se a isso a dispersão e a fragmentação geográficas dos sistemas de produção, das divisões do trabalho e das especializações de tarefas, embora o mais das vezes em meio a uma crescente centralização do poder corporativo por meio de fusões, assunções agressivas de controle ou acordos de produção conjunta que transcenderam as fronteiras nacionais (p. 92).

No entanto, as novas práticas de organização produtivas se desdobraram na reformulação da organização do trabalho e até mesmo com a “ruptura do compromisso social

e das relações/instituições econômicas, sociais e políticas” constituídas no ciclo de desenvolvimento do capitalismo estadunidense do pós-guerra (MATTOSO, p. 69).

O autor afirma que tais mudanças alteraram o cerne do processo produtivo e do trabalho, tanto direto quanto indiretamente envolvidos na produção, o que gerou restritas relações de trabalho e acentuou as características de exclusão econômica e social, as quais recriaram a situação aparentemente superada durante os anos do pós-guerra.

De acordo com Antunes (2009), essa estrutura industrial fundamentada nos padrões flexíveis, com maior inserção de tecnologia nos processos de produção, demandou novas modalidades de trabalho como pressuposto da progressiva concorrência e da competitividade.

As novas modalidades de relações de trabalho e de gestão da força de trabalho tiveram como prerrogativa a sua flexibilização a partir da multifuncionalidade; do trabalho em equipe por meio de células de produção e uma série de modalidades de vínculos, como terceirizações, banco de horas, trabalho em tempo parcial, que desmantelaram a grande parte dos empregos diretos na indústria ao passo que aumentaram no setor de serviços, tanto nos países do centro da economia capitalista como nos países periféricos.

Essa estrutura laboral compreende os objetivos empresariais de adequar a força de trabalho às flutuações econômicas, à expansão e retração da demanda, tornando os processos de produção mais enxutos e constrictos. Contudo, essas medidas vêm acompanhadas de uma verdadeira desestruturação do mercado de trabalho, da grande queda do emprego fabril e de novas modalidades precarizadas de trabalho (ANTUNES, 2009). Diante disso, observa-se que a eclosão da Terceira Revolução industrial se coloca em uma fase complexa do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas em que há o distanciamento entre crescimento econômico e elevação do emprego (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006).

O processo de reestruturação nas grandes empresas dos países capitalistas avançados buscaram amalgamar flexibilização do uso do capital e do trabalho como recurso para uma série de objetivos, dentre eles, a redução dos custos, da ociosidade e também dos riscos cada vez maiores causados pela constante instabilidade financeira e dos mercados. Além disso, as medidas neoliberais voltadas para a diminuição das regulamentações em diferentes níveis da atividade econômica, sejam setoriais ou nacionais, impactaram em diversas dimensões o mundo do trabalho (POCHMANN, 1999).

Os problemas referentes à desestruturação do mercado de trabalho, sobretudo, o emprego industrial, são produtos diretos da chamada Terceira Revolução Industrial. Esses

correspondem à mudança no jogo das relações de poder em escala mundial, cada vez mais centrado nos capitais financeiros e de grandes corporações multinacionais e do descompromisso dos organismos internacionais com estabilidade econômica mundial, pois são gerentes dessa economia, em especial do capital financeiro, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (POCHMANN, 1999; HAESBAERT, PORTO-GONÇALVES, 2006).

Pochmann (1999) afirma que o processo de abertura e liberalização dos mercados na América Latina na década de 1980, sob inspiração dos organismos financeiros internacionais, associados às políticas de integração econômica e comercial de caráter multilateral, mais do que favorecer uma harmonização das políticas para o mercado de trabalho, se referiram a elaboração de políticas voltadas à flexibilização de um mercado de trabalho já heterogêneo e flexibilizado, ou nas palavras do autor, uma simples harmonização por baixo, as quais tiveram como parâmetro os países de menores salários, de baixa produtividade e restrita participação sindical.

Dessa forma, se ampliam para outros espaços e segmentos, não somente da indústria, mas também de outras atividades econômicas, o predomínio das características de organização empresarial toyotista (ANTUNES, 2009). Em meio a esse conjunto complexo de reestruturações que caracterizaram a Terceira Revolução Industrial, viu-se um movimento de internacionalização econômica e da produção que inseriu novas áreas em diferentes regiões do planeta nas lógicas de acumulação flexível do capital, conjuntamente com as políticas de cunho neoliberais.

No que tange ao setor industrial, pode-se dizer que a incorporação dessas áreas ocorreu segundo as necessidades de reprodução ampliada das economias centrais do capitalismo, por meio de novas e mais complexas unidades produtivas imbuídas dos novos processos tecnológicos poupadores de força de trabalho, os quais se tornaram predominantes nas novas formas de organização das grandes empresas multinacionais.

Diante dessa breve exposição, podemos afirmar que os processos e dinâmicas que deflagraram a Terceira Revolução Industrial não se restringiram às transformações no conjunto das atividades produtivas, lançaram novos contornos econômicos, políticos e sociais em amplas escalas. A emergência dos novos modelos produtivos está articulada a uma nova redefinição internacional do trabalho que envolve a reestruturação econômica em escala global.

As transformações nas diferentes cadeias de produção industrial espalhadas pelo mundo foram graduais, ou mais precisamente, efetivadas de maneira desigual e combinadas, mesclando elementos do “velho” e do “novo” e impactando de forma diferenciada as empresas, os setores econômicos e a própria economia dos países e regiões. É gestado, portanto, uma nova divisão internacional – mas também regional e territorial – do trabalho cujas novas formas de interações e espacialidades podem contribuir para compreendermos as mudanças em curso, principalmente se nos atentarmos aos desdobramentos dos novos pacotes técnicos e normativos adotados pelas empresas industriais para a dinâmica dos empregos industriais.

Como pudemos destacar ao longo do presente trabalho, a indústria de Taubaté tem um perfil produtivo voltado à produção de bens duráveis, intermediários e, em menor medida, bens de capital, principalmente ligados aos setores automotivo e metal-mecânico a partir da forte presença de capitais multinacionais à frente das empresas desses setores instalados na cidade. As atividades industriais surgiram na cidade em fins do século XIX, por meio, principalmente, do setor têxtil, que contou com a associação de capitais locais e extra locais em sua fase inicial.

No entanto, o aprofundamento das atividades e a diversificação do setor têxtil contaram, inicialmente, com os grandes programas de desenvolvimento da indústria nacional efetivados pelo governo brasileiro, com a instalação de grandes plantas industriais do segmento automotivo e mecânico e algumas empresas, de dimensões físicas menores que as anteriores, do ramo químico. Uma terceira fase dessa industrialização ocorreu a partir da década de 1980, momento que houve a ampliação das atividades industriais de Taubaté por meio de um amplo processo de reorganização das atividades produtivas no estado de São Paulo, processo decorrente das transformações mais gerais do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, as quais aprofundaram a dinâmica industrial no estado e conferiram o perfil produtivo da indústria de Taubaté do qual já tratamos.

A seguir, pretendemos apontar as mudanças em curso na indústria local a partir da dinâmica do emprego no setor. Nesse sentido, realizaremos uma breve exposição sobre os desdobramentos dessa complexa trama de processos que irrompeu a chamada Terceira Revolução Industrial para a indústria brasileira e, posteriormente, nos deteremos mais especificamente às mudanças na indústria de Taubaté a partir da dinâmica dos empregos nesse setor.

3.2 Evolução dos empregos formais na indústria de transformação no Brasil

A década de 1980 assinalou o estancamento do dinamismo da economia industrial do país frente à emergência do novo padrão produtivo que recém chegava ao país. Foi nessa mesma década que a indústria brasileira rompeu com o ritmo de desenvolvimento do setor vigente desde a década de 1950, período em que o Estado brasileiro exercia papel importante nos investimentos diretos no setor industrial e no direcionamento de recursos para o setor privado, que formavam o tripé do padrão de acumulação do país: o setor privado nacional, o internacional e a forte presença do Estado nas atividades industriais. A economia do país, até então densamente industrializada e com importante participação no cenário internacional, foi fortemente impactada pelas novas estratégias do capital internacional e, principalmente, pela emergência da Terceira Revolução Industrial.

Esse contexto revelou o gradativo esgotamento da capacidade do Estado em conduzir o ritmo de crescimento econômico nacional. Diante do constante distanciamento do capital internacional, decorrente dos interesses do capital externo em meio à onda de reestruturações nos países do centro frouxo da economia mundial, sobreveio a ruptura do financiamento externo e os desequilíbrios das contas públicas. Ao fim da década de 1980 o Estado já se encontrava fortemente debilitado, tanto financeiramente quanto no âmbito político institucional, situação que favoreceu a inserção do ideário neoliberal no país, provocando grande desestruturação dos ativos nacionais e da economia nos anos iniciais da década de 1990 (MATTOSO, 1995).

As medidas macroeconômicas de cunho liberal realizadas pelo governo brasileiro pós 1990 promoveram mudanças significativas na cadeia produtiva do país. As políticas neoliberais provocaram uma série de mudanças na condução política e econômica brasileira, pois no período se viu o processo de enxugamento das funções do Estado e uma série de desregulamentações, como a econômica (desnacionalização e fusões de grandes empresas), a financeira (redução de tarifas, ampliação do comércio externo e das entradas de capitais financeiros), e a comercial (redução de tarifas, ampliação do comércio externo através da entrada corrente de produtos estrangeiros no mercado nacional), cujas medidas, além de acirrar a concorrência, geraram restrições para novos investimentos e mesmo a supressão de inúmeras empresas nacionais, inevitável, portanto, a liquidação expressiva de postos de trabalho formal e a subsequente desestruturação do mercado de trabalho. Em meio a essas

medidas ressalta-se o paulatino processo de reestruturação produtiva em curso no país (SINGER, 2001; POCHMANN, 2008; 2012; MATTOSO, 1995).

A eliminação de postos de trabalho na indústria brasileira decorre de uma ampla reforma econômica e da inserção das atividades produtivas, localizadas no país, em um novo quadro concorrencial, surgido a partir da crise que pairou sobre o padrão de acumulação dos países centrais na década de 1970. No entanto, foi a partir da década de 1990 que o mercado de trabalho brasileiro sofreu os impactos das modificações que incidiram diretamente na estrutura econômica e produtiva nacional, sobretudo, no segmento industrial da economia, o qual reduziu estruturalmente o número de empregos formais.

Para termos uma compreensão mais concreta desse processo, inicialmente demonstraremos dados acerca da dinâmica do setor industrial na década de 1990. Advertimos ao leitor que os dados da tabela, bem como a seleção da série histórica foram selecionados com o objetivo de apresentar a diminuição dos empregos industriais exclusivamente nos anos de 1990, década em que foram observados diferentes impactos da globalização no país. Para tanto, utilizamos o ano de 1989 apenas como um padrão de comparação em relação aos anos que se seguem na década seguinte. Reafirmamos que essa comparação é, por um lado, uma demonstração de como a indústria no país se reformulou impactando diretamente a estrutura do emprego e, por outro, uma maneira de justificar nossas pretensões de expor as mudanças no perfil industrial a partir da dinâmica do emprego formal no setor.

Tabela 9. Evolução do emprego formal na indústria de transformação, segundo subsetores de atividade. Brasil, 1989 – 1999. Ano de 1989 valor absoluto = 100; Demais anos, percentual.

| Subsetores (IBGE) | 1.989 | 1990 | 1994 | 1999 |
|-------------------------------------|------------------|-------------|-------------|-------------|
| Minerais não metálicos | 361.236 | 86 | 67 | 74 |
| Metalúrgica | 678.820 | 84 | 82 | 70 |
| Mecânica | 443.971 | 83 | 71 | 57 |
| Material elétrico e comunicações | 372.935 | 88 | 60 | 46 |
| Material de transporte | 427.504 | 88 | 79 | 65 |
| Madeira e do mobiliário | 394.690 | 86 | 87 | 95 |
| Papel, papelão, editorial e gráfica | 342.107 | 93 | 87 | 87 |
| Borracha, fumo, couros | 416.438 | 89 | 61 | 50 |
| Química | 582.005 | 88 | 86 | 82 |
| Têxtil | 916.112 | 91 | 83 | 70 |
| Calçados | 266.472 | 85 | 90 | 79 |
| Alimentos e bebidas | 949.364 | 96 | 103 | 100 |
| Total | 6.151.654 | 89 | 82 | 75 |

Fonte: MTE-RAIS/CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Org: Ítalo Franco Ribeiro.

A tabela 9 expressa a intensa e contínua diminuição dos postos de trabalho vinculados diretamente aos setores que compõem a indústria de transformação no país ao longo dos anos 1990. Percebe-se, excetuando-se o subsetor de alimentos e bebidas, que na maioria dos subsetores listados o percentual de empregos formais obteve queda ao longo daquela década.

Esse novo contexto da indústria nacional demonstrou a ausência de uma efetiva política industrial de Estado que objetivasse a manutenção não somente dos empregos formais, mas a permanência e ampliação da cadeia produtiva nacional frente à onda de produtos importados que invadiram o país e que desestruturaram diferentes setores da indústria brasileira, pois esta contava com ramos caracterizados por padrões produtivos ainda em vias de consolidação dos incrementos tecnológicos e das novas formas de organização administrativa e da produção – característicos das grandes corporações transnacionais – que permitissem atingir patamares de produtividade semelhantes aos seus concorrentes internacionais.

Ainda, outra variável analítica merece ser ressaltada dentro desse contexto, a implantação do Plano Real. O Plano Real acelerou o enfraquecimento da indústria brasileira, pois o mecanismo de “âncora cambial”⁵² resultou na intensa valorização do câmbio, situação que acarretou em uma ampla entrada de produtos importados, rebatendo diretamente no saldo negativo da balança comercial brasileira, com recuperação após 1999, por meio das medidas de desvalorização cambial. Por outro lado, Bielschowsky (1999) destaca que a vigência do Plano Real possibilitou o restabelecimento do fluxo de capitais internacionais e de novos investimentos em função da estabilização do processo inflacionário.

Complementando os dados da tabela, é possível observar que no período em destaque houve grande queda dos empregos nos segmentos industriais mais complexos, com geração de valor agregado, como são os casos dos ramos de material elétrico e comunicações, mecânico e material de transporte, paralelamente à diminuição mais contida dos segmentos de minerais não metálicos, madeira, mobiliário, metalurgia, papel e gráfica e calçadista.

Tal postura dos ramos indicados na tabela pode ser mais bem avaliada a partir das considerações de Carneiro (2002, p. 25-27), ao afirmar que ao longo da década de 1990 a indústria brasileira tendeu à especializar-se em ramos de atividade e cadeias produtivas com

⁵² Com a extinção o término das medidas de controles de preços para conter o processo inflacionário, a taxa de câmbio passou a ser flutuante, determinada, em larga medida, pelo mercado ou por meio de intervenções do Banco Central, que limitava um teto para a taxa de câmbio. A valorização das taxas de câmbio se manteve até meados do ano de 1999, ano que essa situação foi revertida, com o processo de desvalorização da moeda (SILVA, 2002).

grande intensidade em recursos naturais frente à queda de participação nos setores mais dinâmicos, como os intensivos em capital, que envolvem distintas atividades setoriais, situação somada a queda de participação dos ramos intensivos em trabalho, sobretudo têxtil e calçados. Essas afirmações foram endossadas por Lussieu da Silva (2003), ao demonstrar uma divisão do trabalho da indústria no país entre as empresas nacionais e estrangeiras, estas últimas ficaram centradas na produção de produtos com maior valor agregado, pois providas de maior tecnologia nos processos produtivos, enquanto àquelas focaram nas atividades intensivas em recursos naturais, mercado no qual obtinham maior competitividade, porém, com produtos de menor valor agregado.

Ainda em relação a uma parte dos ramos produtivos da indústria nacional, Bielschowsky (1999, p. [s/n]) ressalta que “os setores de bens de consumo não-duráveis foram, de um modo geral, beneficiados pela expansão da capacidade aquisitiva da população decorrente do Plano Real, que repercutiu favoravelmente sobre os investimentos”.

Outra característica do setor na década de 1990 foi a forte elevação na produtividade por trabalhador simultaneamente à grande redução no emprego, resultado direto da reestruturação dos processos produtivos e da maior racionalização das atividades administrativas das empresas do setor industrial (BIELSCHOWSKY, 1999).

De maneira resumida, Bielschowsky (1999) demonstra que o desempenho da indústria na década de 1990 revela quatro características da sua evolução no período: a) aumento da produtividade associado à reestruturação com redução de emprego, b) baixo dinamismo; c) explosão nas importações, não acompanhada por elevações significativas nas exportações; d) rentabilidade negativa evoluindo para escassamente positiva, contrastando com as elevadas taxas de juros.

Segundo os dados do Ministério do Trabalho e Emprego, foram fechados entre os anos de 1990 a 1999, 1.547.772 postos de trabalho formal na indústria de transformação instalada no país, esse número corresponde a uma eliminação de 25% dos empregos assinalados no ano de 1989.

Ainda de maneira arbitrária, somente com o fito de expor a diminuição dos empregos na indústria brasileira, mudamos a escala de apresentação dos dados para a escala do estado de São Paulo, área mais dinâmica da indústria brasileira, no entanto, comparando os dados do setor entre a RMSP, o Interior e o Litoral. Ressaltamos que a mudança da escala implica em considerar os diferentes processos na trajetória de reorganização do espaço industrial paulista, como já ressaltados no capítulo anterior. Contudo, a exposição tem por objetivo colaborar

com o desencadeamento dos argumentos acerca das mudanças da indústria por meio dos empregos do setor.

Tabela 10. Evolução do emprego formal na indústria de transformação, segundo subsetores de atividade. Região Metropolitana de São Paulo e Interior e Litoral Paulista 1989 – 1999. Ano de 1989 valor absoluto = 100; Demais anos, percentual.

| Região Metropolitana de São Paulo | | | | | Interior e Litoral | | | |
|-------------------------------------|------------------|-----------|-----------|-----------|--------------------|-----------|-----------|-----------|
| Subsetores (IBGE) | 1.989 | 1990 | 1994 | 1999 | 1.989 | 1990 | 1994 | 1999 |
| Minerais não metálicos | 58.686 | 83 | 61 | 47 | 68.321 | 85 | 78 | 83 |
| Metalúrgica | 239.690 | 79 | 70 | 47 | 106.186 | 85 | 89 | 85 |
| Mecânica | 161.756 | 83 | 65 | 44 | 108.436 | 84 | 71 | 63 |
| Material elétrico e comunicações | 186.386 | 82 | 50 | 31 | 57.344 | 91 | 79 | 72 |
| Material de transporte | 219.827 | 90 | 71 | 47 | 100.313 | 87 | 76 | 73 |
| Madeira e do mobiliário | 50.479 | 85 | 69 | 50 | 48.999 | 93 | 85 | 94 |
| Papel, papelão, editorial e gráfica | 119.360 | 94 | 87 | 77 | 45.532 | 95 | 94 | 102 |
| Borracha, fumo, couros | 137.959 | 90 | 61 | 38 | 66.319 | 91 | 66 | 57 |
| Química | 224.800 | 89 | 87 | 70 | 90.817 | 90 | 93 | 97 |
| Têxtil | 251.325 | 89 | 74 | 44 | 162.916 | 91 | 81 | 63 |
| Calçados | 11.831 | 83 | 65 | 36 | 60.783 | 86 | 92 | 61 |
| Alimentos e bebidas | 89.641 | 93 | 119 | 99 | 184.302 | 97 | 111 | 90 |
| Total | 1.751.740 | 87 | 73 | 52 | 1.100.268 | 90 | 87 | 78 |

Fonte: MTE-RAIS/CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Org: Ítalo Franco Ribeiro.

Na escala de análise apresentada na tabela 10, o quadro do setor industrial de São Paulo demarca a grande retração dos empregos formais na indústria. Percebe-se que o montante dos empregos formais da indústria localizada na Região Metropolitana de São Paulo teve uma queda mais aprofundada do que o total das demais áreas do estado, ao considerá-las conjuntamente. Embora esse quadro seja referente às dinâmicas e fatores mais específicos e aos diferentes processos que engendraram uma reorganização espacial da indústria paulista, o que importa é demonstrar a profunda queda dos empregos industriais no país como um todo, o que sugere ampla mudança no setor industrial brasileiro, apontando que as principais redefinições da organização produtiva passaram, necessariamente, pela estrutura do emprego.

Ao contrapormos os dados das duas tabelas anteriores – tabelas 9 e 10 –, constatamos o forte impacto sofrido pela RMSP em todo o período exposto. Contrariamente ao cenário nacional à época, nenhum dos subsetores de atividade da indústria de transformação logrou, ao menos, a manutenção do número de empregos referentes ao ano de 1989.

Ainda em comparação, os dados da RMSP apontam as maiores perdas do período em relação ao país e ao interior do estado de São Paulo. Nos anos de 1990, 1994 e 1999, o montante dos empregos formais foram, em escala nacional, de 89%, 82% e 75% em comparação ao total registrado em 1989. Já os números da RMSP foram ainda mais acentuados negativamente. Em 1990, na RMSP, os empregos da indústria tiveram uma redução semelhante ao revelado para a escala nacional, embora com maior queda, 87%. Entretanto, são as séries subsequentes que revelam de fato a rigorosa queda do emprego industrial da região. Para os anos de 1994 e 1999, foram contabilizados, respectivamente, 73% e 52%, ou seja, a RMSP perde quase metade dos postos de empregos industriais em um intervalo de 10 anos, aproximadamente 850 mil empregos.

As tabelas demonstram bem as imposições do novo regime de acumulação à esfera do trabalho nacional, impactado severamente pelas políticas macroeconômicas nacionais de inserção subalterna no jogo das relações mercantis internacionais e pelos movimentos dos capitais em escala global.

Pochmann (2012, p. 39), ao fazer uma análise comparativa entre os empregos na indústria de transformação brasileira em diferentes décadas do século XX, ressalta que em 1980:

o peso do emprego na indústria de transformação era de quase 20%, representando 4,1% do volume mundial dos postos de trabalho. Mas desde 1980 o indicador do emprego industrial vem regredindo. Em 1999, o Brasil possuía 3,1% da quantidade de empregos industriais do mundo, o que equivale a menos de 12% do total da ocupação nacional. Uma situação próxima a de 1940, logo no início o processo de industrialização nacional.

No âmbito do estado de São Paulo vemos claramente uma equiparação da RMSP e o interior do estado no total de empregos industriais ao fim da década de 1990. Esse movimento demonstra que as áreas interioranas obtiveram um corte menor dos empregos em relação à RMSP e receberam contornos equivalentes à realidade nacional, ampliando, portanto, a participação do interior paulista no conjunto das atividades da indústria nacional.

Diante do exposto, acreditamos ter realizado um exercício metodológico a partir de uma correlação de diversos fatores que, em nosso caso, foi elaborado a partir de amplas escalas até o nacional. Ao darmos sequência na análise, teremos como base o aprofundamento das questões empíricas acerca do emprego industrial em Taubaté, no entanto, efetivaremos comparações com a RASJC e com a RMSP para vislumbrarmos não somente os movimentos mais comuns entre essas áreas, mas também as especificidades do setor naquela cidade.

3.3 Características do emprego formal na indústria de transformação: evolução, perfil, diferenças salariais e contrastes regionais

Os dados sobre as atividades industriais no município de Taubaté, em comparação à RMSP e à RASJC, revelam que a indústria obteve grandes variações e atravessou por momentos distintos entre os anos de 1985 e 2012.

Aparentemente, o aumento do número de estabelecimentos industriais em determinada localidade sugere, automaticamente, efeitos positivos para a geração de postos de trabalho formais diretamente ligados às atividades dessas novas unidades. Dessa maneira, todo e qualquer tipo de investimento anunciado pela indústria, seja para instalar uma nova planta fabril ou mesmo ampliação e/ou reconfiguração dos processos produtivos, soam como benéficos para as sociedades locais a que se destinam esses investimentos.

Essa assertiva, inclusive, que faz parte dos discursos políticos e dos agentes interessados na constituição dos novos empreendimentos, na verdade, guarda distorções entre o que é anunciado, via de regra, uma retórica de ampliação da geração de emprego e renda, e a realidade dos desdobramentos dessas atividades nos locais em que elas se efetivam.

No entanto, as dinâmicas atreladas ao setor industrial demonstram que, dependendo dos ramos de atividade da indústria, os resultados podem ser inversamente ao que se alcança como aquele efeito em cadeia, ou seja, mais unidades produtivas e ampliação dos empregos formais. O que se observará na tabela seguinte é justamente a dissociação entre o aumento do número de novos estabelecimentos e aumento dos vínculos empregatícios formais. O que realmente observamos foi a diminuição de empregos formais da indústria de transformação associado, mesmo que em dado intervalo de tempo, ao aumento significativo do número de estabelecimentos industriais.

Várias hipóteses podem ser lançadas para a compreensão desse processo: a crescente inserção de novos componentes tecnológicos no processo de produção acompanhada da reorganização das normativas e dos procedimentos de trabalho internos à empresa; mais automação conjugada ao discurso empresarial de empresas horizontais; a diminuição das dimensões dos novos estabelecimentos industriais; novas formas de inserção nas atividades industriais possibilitadas pelas reformas das leis trabalhistas que flexibilizaram a contratação e a transferência dos empregos antes diretamente ligados ao setor industrial para o segmento do setor de serviços.

Ao que indica a literatura e as informações extraídas da leitura dos dados, essas hipóteses parecem se consubstanciar no novo cenário de atuação das atividades industriais. A busca de maior produtividade como prerrogativa ao alcance de competitividade empresarial repercutiu seriamente nos níveis de emprego da indústria e sua real capacidade de absorção de mão de obra. As altas taxas de desemprego na década de 1990 demonstram o caráter das mudanças estruturais da indústria e, conseqüentemente, do mercado de trabalho como um todo.

Tabela 11. Evolução dos estabelecimentos e dos vínculos da indústria de transformação na RMSP, RA de São José dos Campos e Taubaté, em valores absolutos e relativos, 1985 – 2012. 1985 = 100; Demais anos, percentual acumulado em relação ao ano de 1985.

| ESTABELECEMENTOS | | | | | | |
|--------------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2012 |
| RMSP | 30.864 | 29.326 | 38.172 | 35.558 | 37.641 | 43.655 |
| RASJC | 1.107 | 1.751 | 1.857 | 1.942 | 2.313 | 2.932 |
| TAUBATÉ | 134 | 209 | 226 | 236 | 305 | 384 |
| ESTABELECEMENTOS (1985 = 100) | | | | | | |
| RMSP | 100 | -5 | 24 | 15 | 22 | 41 |
| RASJC | 100 | 58 | 68 | 75 | 109 | 165 |
| TAUBATÉ | 100 | 56 | 69 | 76 | 128 | 187 |
| VÍNCULOS | | | | | | |
| RMSP | 1.554.263 | 1.516.849 | 1.184.987 | 935.733 | 1.021.271 | 1.199.920 |
| RASJC | 111.154 | 105.546 | 89.600 | 93.686 | 105.689 | 134.245 |
| TAUBATÉ | 16.281 | 13.899 | 13.157 | 15.162 | 16.287 | 26.740 |
| VÍNCULOS (1985 = 100) | | | | | | |
| RMSP | 100 | -2 | -24 | -40 | -34 | -23 |
| RASJC | 100 | -5 | -19 | -16 | -5 | 21 |
| TAUBATÉ | 100 | -15 | -19 | -7 | 0 | 64 |

Fonte: MTE-RAIS (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais).
Org: Ítalo Franco Ribeiro.

Nos dados da tabela é possível afirmar que o aumento no número de estabelecimentos industriais em um local específico não necessariamente eleva as possibilidades de demanda por empregos formais ou ampliação dos já existentes. Tal postura do setor exige a compreensão das transformações dos padrões produtivos da indústria que incidiram diretamente no montante de força de trabalho necessário para a transformação industrial, segundo as características de cada ramo de atividade da indústria de transformação.

Os dados exibidos na Tabela 11 mostram o aumento do número dos estabelecimentos industriais na RASJC em toda a série analisada. Em um intervalo de 5 anos, de 1985 a 1990, houve um significativo aumento dos estabelecimentos industriais na RASJC e em Taubaté, de 58% e 56% respectivamente, o inverso constatado para a RMSP, que nesse ínterim, teve 5%

de diminuição dos estabelecimentos. Entretanto, nesse mesmo intervalo temporal, nota-se a queda dos empregos diretos da indústria de transformação mesmo diante do aumento do número de estabelecimentos na RASJC e em Taubaté. A queda foi de 15% dos vínculos em Taubaté e de 5% no total dos municípios da RASJC. A realidade da RMSP foi diferente da ocorrida nessa área do interior analisada, apesar da diminuição dos estabelecimentos, o percentual dos empregos eliminados foi 2%, menor do que aquela região.

Esse primeiro intervalo demonstra que o processo de desconcentração espacial é evidente na segunda metade da década de 1980. Demonstra também que as unidades produtivas que se instalaram na RASJC e no município de Taubaté demandaram menos força de trabalho do que as já instaladas em período anterior. Torna-se visível, portanto, o movimento de reorganização da estrutura produtiva industrial concentrada no estado de São Paulo, especificamente, das unidades industriais localizadas na RMSP. A região passou por um processo de retração das atividades de transformação do setor industrial enquanto que seletivas áreas do interior paulista receberam novos investimentos industriais, segundo um conjunto de decisões de diferentes segmentos da indústria, pautados em estratégias específicas que orientam as ações de cada segmento frente às possibilidades de amalgamar vantagens desses espaços para maior rentabilidade dos seus capitais.

Quando atentamos aos dados dispostos para o ano de 1995, fica mais evidente a mudança no padrão locacional da indústria na escala do estado de São Paulo e torna-se notório o processo de realocização das atividades industriais. No município de Taubaté e na RASJC há um aumento aproximado de 70% no total de estabelecimentos localizados em relação ao ano de 1985, frente aos 24% dos estabelecimentos da RMSP, os quais se somaram ao montante existente daquele mesmo ano e da recuperação em relação às perdas verificadas no início da década de 1990.

No entanto, esse mesmo período guarda uma peculiaridade que aos olhares menos atentos desconsiderariam o aumento significativo da indústria na RMSP entre os anos de 1990-95. Na RASJC e em Taubaté houve um aumento de 7% no total dos estabelecimentos, enquanto que na RMSP esse aumento foi aproximadamente 30% em um intervalo de 5 anos.

Os empregos nesse período despencaram em 19% na RASJC e em Taubaté e, em maior intensidade, na RMSP, que chegou a fechar quase $\frac{1}{4}$ dos empregos formais contabilizados no início da série. Esse montante, de acordo com os dados coletados junto ao MTE, em números absolutos, atinge, aproximadamente, a casa dos 370 mil postos de trabalho na indústria.

Ao fechar a década de 1990, a RASJC e Taubaté permanecem com o aumento nas unidades da indústria de transformação e a RMSP experimenta uma nova contração nestas. Invariavelmente, os empregos na RMSP continuam a ser fortemente eliminados, chegando a alcançar mais de 618 mil postos de trabalho fechados, a maior perda da série histórica. No entanto, no município de Taubaté há uma significativa recuperação nos postos de trabalho, enquanto a região apresenta um leve avanço em relação às perdas iniciais.

A dinâmica industrial no estado de São Paulo na década de 1990 teve como características marcantes o aumento das instalações de novos estabelecimentos, como já afirmado, em seletivos espaços do interior paulista, não obstante, acompanhado de um pequeno crescimento destes na RMSP, região que concentrou grande parte das atividades industriais brasileiras ao longo da segunda metade do século XX e que verificou nos anos 1990 um crescimento menor do que o registrado para o interior do estado. Ao passo que ocorreu essa mudança no padrão locacional dos estabelecimentos, a indústria empregou menos, havendo uma vigorosa diminuição dos postos de trabalho, tanto na RMSP, quanto nas novas localidades selecionadas pelo capital industrial para realizar a produção.

Esse, que pode ser considerado como o primeiro movimento da indústria na nova fase política e econômica brasileira, guarda diferenças significativas com o que ocorreu na segunda metade da série analisada, que compreende os 12 primeiros anos do século XXI.

Entre os anos de 2000 e 2012, observamos a ampla expansão das atividades industriais no interior conjugada, inclusive, com um aumento de 26% no número de novos estabelecimentos na RMSP em relação ao fim da década de 1990. Esta região demonstrou haver, até aquele período, 15% a mais do que o registrado para o ano de 1985.

Outra importante variável a ser considerada nesse segundo período é a constatação de que o setor industrial emprega cada vez menos. A reorganização do parque fabril instalado no estado de São Paulo demonstra como o setor buscou readequar sua produção a partir da ampliação territorial de seu circuito de produção conjugado a unidades produtivas menores e com severa retração dos empregos formais no segmento industrial. A tabela a seguir tem por objetivo traçar uma comparação entre a proporção de empregos e a quantidade de estabelecimentos industriais ao longo da série histórica analisada.

Tabela 12. Número de empregos em relação à quantidade de estabelecimentos da indústria de transformação

| | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2012 |
|---------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| RMSP | 50,36 | 51,72 | 31,04 | 26,32 | 27,13 | 27,49 |
| RASJC | 100,41 | 60,28 | 48,25 | 48,24 | 45,69 | 45,79 |
| TAUBATÉ | 121,50 | 66,50 | 58,22 | 64,25 | 53,40 | 69,64 |

Fonte: MTE-RAIS (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais). Org: Ítalo Franco Ribeiro.

A tabela 12 demonstra como a proporção dos empregos diminuiu em relação aos estabelecimentos da indústria de transformação. Levando em consideração as diferenças entre essas áreas, observamos a forte tendência de queda em todas elas, contudo, há um movimento mais atual que aponta uma tímida recuperação desses empregos por estabelecimentos na RMSP e no conjunto da RSJC.

Em Taubaté, no período final da tabela, a recuperação da relação empregos/estabelecimentos é significativamente maior do que as demais. Esses dados podem apontar para uma significativa mudança nos padrões das dimensões dos estabelecimentos e do incremento de novas tecnologias de produção, pois o avanço do número de estabelecimentos entre os anos de 1985 e 2012 superou o aumento do número de empregos.

Taubaté expressa uma dimensão desse movimento mais geral, qual seja, a queda da relação dos empregos por estabelecimentos. No entanto, em relação à região, podemos inferir que os dados do setor estejam correlacionados às características dos ramos de atividade instalados na cidade, que por um lado, pressupõem a utilização intensiva em mão de obra, principalmente qualificada, como, por exemplo, nos segmentos metal-mecânico⁵³, ou nas atividades do setor automobilístico, que mesmo diante das inovações nos processos liberando empregos, mantêm unidades produtivas de grande porte; por outro lado, em relação à RMSP, podemos afirmar com base nos dados do emprego de Taubaté que esses estão estruturados em torno, principalmente, de estabelecimentos de grandes dimensões, o que pode ter influenciado diretamente nos resultados da tabela anterior.

Dessa forma, podemos atribuir a essas características uma maior relação emprego/estabelecimento em Taubaté do que nas demais áreas comparadas, pelo perfil das atividades dos principais ramos de atividade industrial instalados na cidade. A distribuição dos empregos, segundo tamanho dos estabelecimentos, será apresentada logo em seguida.

⁵³ Em entrevista realizada com um trabalhador do ramo metal-mecânico de Taubaté, o ingresso em uma empresa desse ramo pressupõe “no mínimo um curso de mecânica básica do SENAI; quando entrega o currículo na agência pra fazer a seleção, eles já falam se a gente tem curso de mecânica, aí você pode ter feito ferramentaria, tornearia computadorizada, que é pra trabalhar no CNC, caldeiraria, tem uns que pedem metalurgia, não tem jeito, tem que ter um desses cursos pra poder trabalhar nessa área”. Entrevista realizada no dia 17/10/2013.

Tabela 13. Evolução percentual dos estabelecimentos da indústria de transformação na RMSP, RA de São José dos Campos e Taubaté, segundo tamanho do estabelecimento entre 1985 – 2012. Ano de 1985 = 100%.

| Tamanho estabelecimento | RMSP | | | | | |
|-------------------------|------------------------|------|------|------|------|------|
| | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2012 |
| Micro | 20.784 | 35 | 41 | 34 | 39 | 61 |
| Pequena | 7.154 | 6 | -6 | -14 | -1 | 14 |
| Média | 2.443 | -3 | -23 | -41 | -39 | -29 |
| Grande | 483 | -7 | -35 | -60 | -55 | -43 |
| | RA São José dos Campos | | | | | |
| | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2012 |
| Micro | 823 | 75 | 81 | 84 | 115 | 171 |
| Pequena | 153 | 18 | 55 | 93 | 158 | 224 |
| Média | 80 | 10 | 28 | 28 | 49 | 108 |
| Grande | 51 | -12 | -37 | -39 | -47 | -25 |
| | Taubaté | | | | | |
| | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2012 |
| Micro | 98 | 74 | 87 | 74 | 124 | 173 |
| Pequena | 21 | 10 | 29 | 114 | 181 | 252 |
| Média | 8 | 25 | 63 | 100 | 175 | 325 |
| Grande | 7 | -29 | -57 | -43 | -43 | 14 |

Fonte: MTE-RAIS (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais).

Org: Ítalo Franco Ribeiro. SEBRAE⁵⁴: Classificação do porte das empresas: Micro – até 19 empregados; Pequena – de 20 até 99 empregados; Média – de 100 até 499 empregados; Grande – mais de 500 empregados.

Em destaque na tabela, podemos observar que os estabelecimentos classificados como micro, que empregam de 1 a 19 pessoas, tiveram substancial aumento no período em todas as escalas exibidas na tabela anterior, mas são na RASJC e em Taubaté que foram registrados os maiores percentuais para o período.

Os estabelecimentos de porte pequeno, que contam com no mínimo 20 e máximo 99 empregos formais, incidiram predominantemente no interior. Na RMSP houve um ligeiro acréscimo no total desse tipo de estabelecimentos, 14%, ao passo que na RASJC e em Taubaté o incremento foi de 224% e 252%, respectivamente. Já os estabelecimentos médios, de 100 a 499 empregos formalizados, tiveram um saldo significativo no município de Taubaté e na RASJC. Na RMSP esse tipo de estabelecimento teve grande queda no total da indústria.

Em Taubaté houve grande aumento desses estabelecimentos, os quais, inclusive, foram de maior monta do que os de micro, pequeno e grande porte. Ao contrário das demais regiões aqui em relevo, os estabelecimentos de médio porte tiveram preponderância em termos percentuais em relação aos demais. Em números absolutos passaram de 8, em 1985,

⁵⁴ Classificação do porte das empresas segundo o total de empregados realizado pelo SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas.

para 34 no ano de 2012, os quais empregaram 7.751 pessoas, 29% dos empregos da indústria desse município

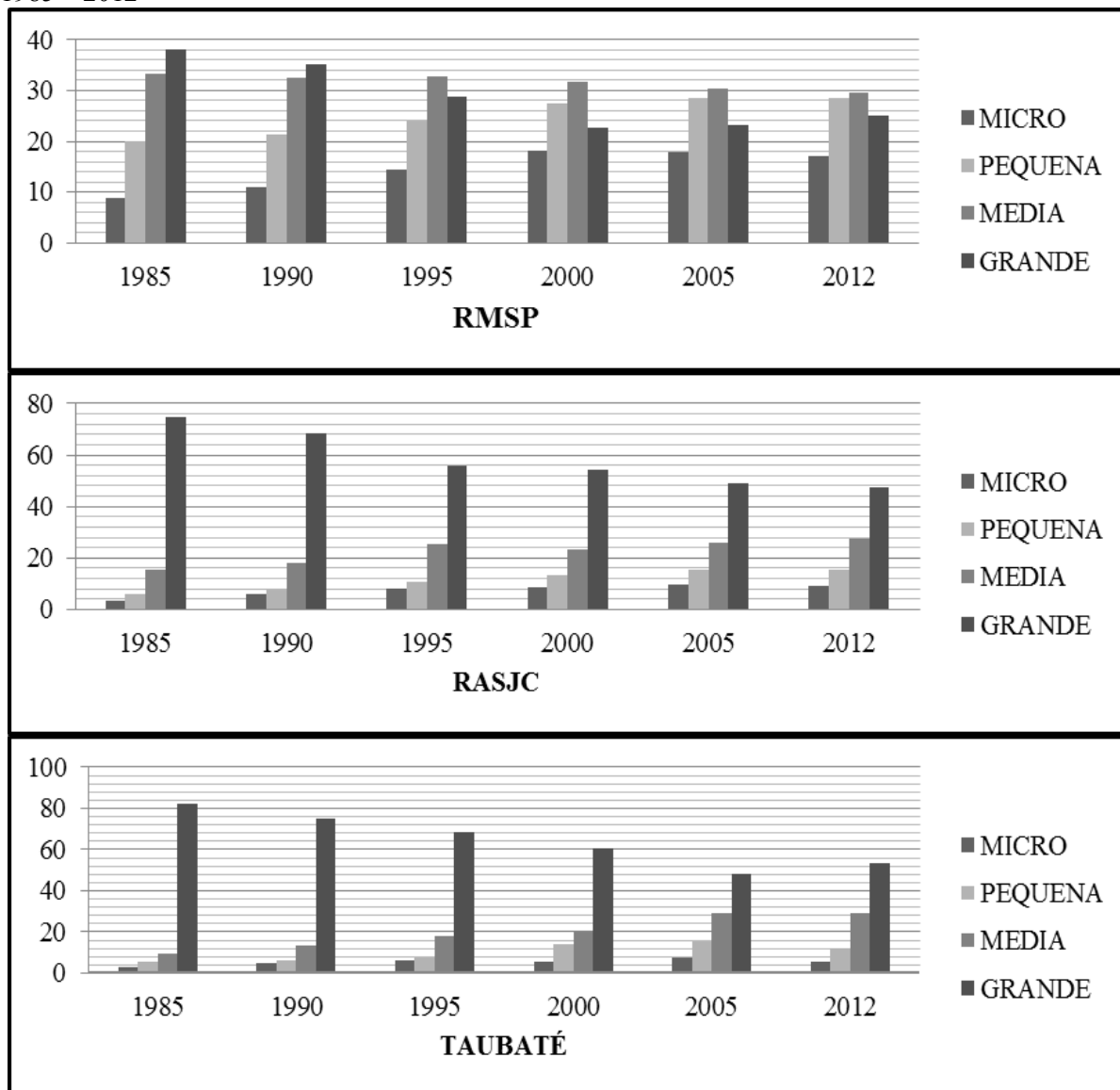
Os estabelecimentos de grande porte, que empregam acima de 500 pessoas, obtiveram queda gradual ao longo dos anos 1990, havendo recuperação na década seguinte, entretanto, em número menor em relação ao ano de 1985. Taubaté registrou aumento de 1 estabelecimento em comparação ao início da série, porém, o ano de 1995 registrou o menor número desses, 3 estabelecimentos; em 2012 esse total foi acrescido em mais 5 estabelecimentos, com um total de 8.

Ao retomarmos os dados sobre os tamanhos dos estabelecimentos foi possível perceber que a indústria localizada na RMSP modificou o padrão das dimensões das unidades produtivas. Vemos claramente a diminuição da participação dos empregos nos estabelecimentos com estrutura para empregar acima de 500 pessoas. No entanto, são justamente os estabelecimentos com essas dimensões que obtêm maior participação do pessoal ocupado na indústria na RASJC e em Taubaté.

Os estabelecimentos desse porte diminuíram sua participação no total de empregos na RMSP na primeira metade dos anos 1990, período no qual se sobressai o total de empregos dos estabelecimentos de médio porte na região; no ano 2000 cresce a participação dos estabelecimentos de pequeno porte, de 20 a 99 empregos formais, os quais têm maior participação no total de vínculos do que os grandes estabelecimentos.

Essa dinâmica verificada na RMSP é semelhante ao da RASJC e Taubaté, contudo, os estabelecimentos de pequeno porte no interior não ultrapassam os classificados como grandes em número de vínculos, caso específico da RMSP. Os investimentos em plantas de grande porte, apesar de terem menos participação em relação às de porte médio no ano de 2000, são reforçados ao longo dos anos 2000 e retornam a ter a maior quantidade de empregos da indústria nos anos que se seguem. Esses dados revelam algumas características do emprego na cidade de Taubaté em relação à RSJC e RMSP, pois houve um aprofundamento dos empregos nos estabelecimentos de maiores dimensões na cidade, os de médio e grande portes, diferenciando a estrutura do seu setor industrial em relação a sua região mais imediata e a RMSP.

Gráfico 2. Distribuição dos empregos formais na indústria de transformação, segundo tamanho dos estabelecimentos, em termos percentuais, na Região Metropolitana de São Paulo e RASJC e Taubaté, 1985 – 2012



Fonte: MTE-RAIS/CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Org: Ítalo Franco Ribeiro.

Nos gráficos anteriores observamos a importância dos grandes estabelecimentos para o emprego fabril nessa área do interior paulista. Ao passo que os estabelecimentos dessa natureza se reafirmam como principal estrutura de absorção dos empregos industriais na RASJC e, principalmente, em Taubaté, na RMSP esse tipo de estabelecimento vem perdendo participação no conjunto da indústria, o que nos leva a cogitar a hipótese dos custos que eles demandam por sua localização nesses espaços. Portanto, nessa perspectiva, ficam nítidas as características produtivas entre os espaços metropolitanos de São Paulo e frações do interior. Na RMSP crescem em importância os estabelecimentos de menores dimensões, pois são esses

que mais empregam e refazem os novos postos de trabalho, o que permite aludir a processos industriais mais fragmentados, enquanto na RASJC e Taubaté as atividades sugerem uma integração maior da produção internamente às plantas industriais dessas áreas e mesmo à configuração de estruturas industriais responsáveis pela montagem final dos produtos e mercadorias.

Ao tratarmos especificamente do caso de Taubaté, a participação dos empregos formais que são atrelados aos estabelecimentos de grande porte é de 53%, ou seja, em 8 grandes unidades. Em 2012, esses concentravam 14.246 empregos de um total de 26.740. Ao unirmos o total de empregos junto aos grandes estabelecimentos e nos de médio porte, que empregam entre 100 a 499 pessoas, esse total sobe para 82% do pessoal ocupado em apenas 42 unidades fabris da indústria de transformação no município de Taubaté. Na outra extremidade encontra-se um percentual de 18% dos postos formais, com 4.725 distribuídos entre 342 estabelecimentos de micro e pequeno porte.

Na tabela a seguir, poderemos observar que os dois subsetores de atividade industrial que mais empregam no município abrangem um total de 17.408 empregos, são eles: Indústria de material de transporte, com 11.687 e Indústria mecânica, com 5.721. Esses subsetores, conjuntamente, aglutinam 65% do total de empregos da indústria de transformação instalada na cidade.

Tabela 14. Distribuição dos empregos da indústria de transformação no município de Taubaté, segundo tamanho dos estabelecimentos e subsetores - IBGE, 2012

| Subsetores | Micro | Pequena | Médio | Grande | Total |
|-------------------------------------|--------------|----------------|--------------|---------------|---------------|
| Minerais não metálicos | 131 | 245 | 451 | 0 | 827 |
| Metalúrgica | 328 | 631 | 621 | 0 | 1.580 |
| Mecânica | 166 | 281 | 464 | 4.810 | 5.721 |
| Material elétrico e comunicações | 36 | 150 | 495 | 0 | 681 |
| Material de transporte | 29 | 328 | 2.456 | 8.874 | 11.687 |
| Madeira e do mobiliário | 73 | 297 | 101 | 0 | 471 |
| Papel, papelão, editorial e gráfica | 160 | 59 | 172 | 580 | 971 |
| Borracha, fumo, couros | 71 | 346 | 519 | 0 | 936 |
| Química | 114 | 425 | 703 | 0 | 1.242 |
| Têxtil | 93 | 90 | 727 | 0 | 910 |
| Alimentos e bebidas | 305 | 367 | 1.042 | 0 | 1.714 |
| Total | 1.506 | 3.219 | 7.751 | 14.264 | 26.740 |
| VARIAÇÃO (%) | 6 | 12 | 29 | 53 | 100 |

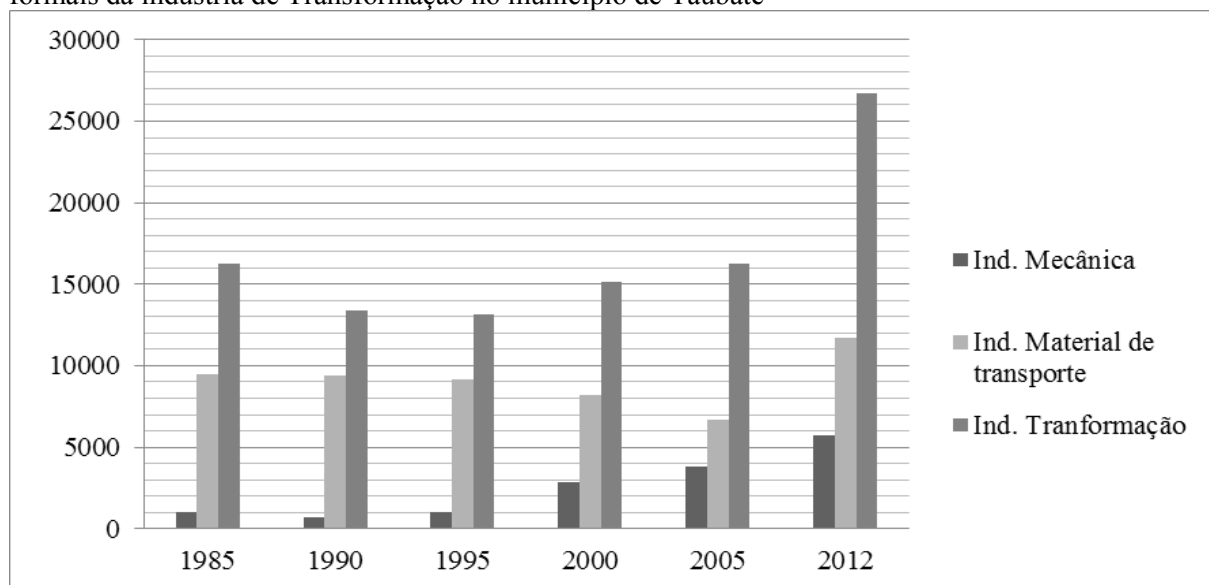
Fonte: MTE-RAIS/CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Org: Ítalo Franco Ribeiro.

As atividades industriais em torno da cadeia automotiva, que compõe o subsetor de atividade da industrial de material de transporte, englobam o maior percentual de empregos formais da indústria local, com 44%. Como foi verificada no primeiro capítulo do trabalho, Taubaté tem grande concentração e especialização nesse ramo de atividade. Esse segmento mantém instalado no município 14 estabelecimentos, sendo que desses, 10 são estabelecimentos de médio porte e 4 de grande porte, incluindo as plantas industriais de grandes proporções das duas principais empresas do setor no município, a montadora alemã Volkswagen e as fábricas de motores e transmissões da estadunidense Ford.

Nesse sentido, diante das informações extraídas dos dados da RAIS, podemos afirmar que as oscilações do nível do emprego fabril no município são muito dependentes dos cenários econômicos, favoráveis ou não, da indústria automotiva e, conseqüentemente, do setor de autopeças presentes no município.

No gráfico a seguir veremos a evolução dos empregos na indústria de material de transporte e mecânica, ramo este que a partir da segunda metade da década de 1990 passou a ter importância na geração de empregos no município.

Gráfico 3. Participação do subsetor de material de transportes e mecânica no conjunto dos empregos formais da indústria de Transformação no município de Taubaté



Fonte: MTE-RAIS/CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Org: Ítalo Franco Ribeiro.

No gráfico é visível a preponderância do setor de material de transporte no total de empregos e a paulatina evolução da indústria mecânica. Até o ano de 1995, a indústria de material de transporte concentrava cerca de 70% dos empregos, após essa data, nota-se a

queda da participação desse setor com o paralelo aumento dos demais setores, principalmente da indústria mecânica, que passa a participar com cerca de 24% do total de empregos, são os dois principais ramos industriais em termos de empregos formais no município de Taubaté, no ano de 2012.

No processo de redistribuição espacial da produção, além de contar com as novas tecnologias de comunicação e melhoria significativa das infraestruturas de transporte, foi imprescindível a efetivação de um amplo processo de racionalização do trabalho devido aos novos avanços técnicos nas operações de produção. Com a inserção de novas tecnologias de automação e de uma nova gestão organizacional que tornou imprescindível a utilização da informática para execução das tarefas internas à empresa, novas exigências recaíram sobre o trabalho de modo a expandir as qualificações necessárias para as atividades fabris.

A mudança dos processos de produção aludiu, como prerrogativa, a um perfil do trabalho cada vez mais flexível, com capacidade de respostas a novas demandas e atividades que pressupõem diversidade operativa. Nesse sentido, para acompanhar e realizar as mediações necessárias junto aos novos padrões tecnológicos dos processos e operações industriais foi imprescindível, ao trabalho, operar segundo um extenso repertório de habilidades e competências para suprir as necessidades técnicas dessa nova racionalidade de produção.

Desse modo, realizamos uma análise conjunta dos dados referentes ao grau de instrução do trabalho e o que pudemos observar foi a elevação do grau de instrução em todos as áreas comparadas, principalmente os níveis médios completos/superior incompleto e superior completo, em contrapartida, os trabalhadores com nível de instrução entre ensino fundamental incompleto e fundamental completo foram os que mais perderam espaço no setor.

Na tabela 15 organizamos os dados referentes ao grau de instrução do trabalho.

Tabela 15. Grau de Instrução dos trabalhadores e trabalhadoras da indústria de transformação na Região Metropolitana de São Paulo e no município de Taubaté⁵⁵.

| Grau de instrução | RMSP | | | | | |
|---------------------------------------|------------------|------------------|------------------|----------------|------------------|------------------|
| | 1985 | 1990 | 1996 | 2000 | 2005 | 2012 |
| Analfabeto | 28.782 | 32.287 | 20.094 | 9.226 | 3.327 | 1.670 |
| Fundamental incompleto | 975.748 | 873.523 | 542.502 | 313.550 | 201.711 | 120.160 |
| Fundamental completo/médio incompleto | 273.132 | 312.253 | 293.887 | 297.570 | 297.279 | 232.973 |
| Médio completo/Superior incompleto | 167.515 | 182.034 | 170.438 | 232.781 | 462.776 | 648.021 |
| Superior completo | 77.936 | 86.868 | 72.689 | 78.533 | 121.570 | 172.503 |
| Pós-Graduação (M/D) | 0 | 0 | 0 | 0 | 1.146 | 2.837 |
| Total | 1.523.113 | 1.486.965 | 1.099.610 | 931.660 | 1.087.809 | 1.178.164 |
| Grau de instrução | RASJC | | | | | |
| | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2012 |
| Analfabeto | 1.367 | 856 | 531 | 1.977 | 104 | 77 |
| Fundamental incompleto | 64.790 | 54.113 | 33.510 | 16.776 | 11.988 | 7.426 |
| Fundamental completo/médio incompleto | 22.407 | 27.456 | 27.300 | 26.110 | 22.632 | 17.400 |
| Médio completo/Superior incompleto | 14.734 | 15.650 | 21.603 | 39.488 | 61.251 | 84.331 |
| Superior completo | 7.045 | 7.125 | 6.451 | 9.335 | 15.701 | 24.641 |
| Pós-Graduação (M/D) | 0 | 0 | 0 | 0 | 69 | 370 |
| Total | 110.343 | 105.200 | 89.395 | 93.686 | 111.745 | 134.245 |
| Grau de instrução | Taubaté | | | | | |
| | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2012 |
| Analfabeto | 76 | 104 | 131 | 22 | 7 | 9 |
| Fundamental incompleto | 10.279 | 7.798 | 5.637 | 2.017 | 1.230 | 1.297 |
| Fundamental completo/médio incompleto | 2.942 | 3.648 | 4.241 | 4.974 | 3.694 | 3.679 |
| Médio completo/Superior incompleto | 1.957 | 1.701 | 2.353 | 6.873 | 10.441 | 17.864 |
| Superior completo | 965 | 637 | 666 | 1.276 | 1.939 | 3.825 |
| Pós-Graduação (M/D) | 0 | 0 | 0 | 0 | 30 | 66 |
| Total | 16.219 | 13.888 | 13.028 | 15.162 | 17.341 | 26.740 |

Fonte: MTE-RAIS/CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Org: Ítalo Franco Ribeiro.

A elevação do grau de instrução nos vínculos formais da indústria é uma clara evidência diante da disposição dos dados na tabela 15. Na RMSP há um aumento no perfil dos vínculos para as pessoas que têm, no mínimo, o ensino médio completo. A expansão do emprego nos níveis com ensino médio e superior completos é preponderante no total de

⁵⁵ *Os dados referentes a esses anos foram incluídos devido a incoerência dos dados obtidos para os anos de 1995 e 2005 no Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho MTE. Portanto, para não perder a noção de movimento das informações, foram incluídos os dados referentes aos anos subsequentes aos que não foi possível realizar a coleta e sistematização.

empregos registrados no ano de 2012, evidenciando, assim, a elevação da formação do trabalho. Ao comparar com o início da série, observa-se que os empregos que tinham como instrução mínima o ensino fundamental incompleto correspondiam a 64% do total dos vínculos, que eram pouco mais de 1,5 milhões em 1985. Os vínculos com esse grau de instrução foram diminuídos em 88% no ano de 2012, aos quais se seguiram também os empregos que exigiam qualificação pouco maior, aglutinados entre o ensino fundamental completo e médio incompleto, com redução de 15%.

Apreende-se, portanto, importante elevação no grau de instrução para os empregos gerados na indústria da RMSP ao longo dos anos analisados. Esse contexto aponta para a hipótese de maior complexidade das operações fabris nessa região devido à elevação da formação necessária exigida para ocupar os postos de trabalho. Esse apontamento refere-se, sobretudo, ao aumento do número de postos de trabalho que exigem ensino médio completo, superior incompleto e superior completo, os quais respondem, respectivamente, por 55% e 15% do total de empregos na indústria.

No entanto, outra possibilidade interpretativa é possível. Se somados as três faixas com menor grau de instrução, o total de empregos que necessitam de formação escolar básica incompleta chega a atingir os 30%, ou seja, aproximadamente 355 mil empregos. Esse montante revela que a indústria da RMSP, pelo universo dessa atividade concentrada na região, pode-se aventar à indústria brasileira, ainda mantém em seus quadros uma mescla de atividades que conjugam, por um lado, expressivo padrão de tecnologias modernas com técnicas não tão complexas e, por outro lado, o que demonstra a interação de dois padrões produtivos que se fundem na lógica da flexibilidade do trabalho, claramente um apontamento que sustenta a precarização do trabalho nas atividades fabris.

Na RASJC, o quadro é semelhante ao do aglomerado metropolitano, no entanto, os dados demonstram que o grau de instrução na RASJC é ainda mais elevado. Enquanto na RMSP os três últimos níveis (médio completo/superior incompleto; superior completo; pós-graduação) somam 71% do total dos empregos da indústria dessa região, na RASJC esses somam 82%, inclusive quando comparados esses níveis separadamente.

Em Taubaté o perfil do emprego se enquadra nos moldes delineados para a RMSP e para a RASJC. A indústria ao se localizar no município vai criando paulatinamente a exigência de maiores habilidades e competências para a inserção em suas atividades.

Como apresentado para as duas regiões, a elevação do grau de instrução do trabalho é uma regra. Em Taubaté, os empregos que demandam por maior qualificação foram os que

registraram maiores aumentos no período analisado, exceto aqueles que pressupõem formação em nível de pós-graduação.

Os empregos que implicam na conclusão do ensino médio e superior, somados, alcançam um total de 81% dos vínculos da indústria do município. A formação exigida para desempenhar as atividades industriais nessa localidade é mais elevada do que a demandada na RMSP. Com esse padrão de comparação, mesmo que ainda 18% dos vínculos não exijam maior qualificação para o desempenho de atividades, os empregos nas indústrias localizadas no município de Taubaté estabelecem, no mínimo, a formação completa do ensino médio, correspondente a 67% dos empregos da indústria local.

Ao se comparar com o início da série, 1985, tem-se para Taubaté o predomínio dos vínculos para uma formação incompleta do ensino fundamental, com 63%. Assim, é perceptível que ao passo que a indústria amplia o circuito espacial de produção, aumentam gradativamente as exigências quanto ao domínio de habilidades e competências por parte do trabalho fabril. Esse contexto nos permite afirmar que os estabelecimentos localizados nos novos espaços da produção carregam maior complexidade nas tarefas e maior racionalização na gestão dessas empresas.

Em comparação com a RASJC, o quadro é bastante semelhante. Ao considerar os três níveis mais elevados de instrução, Taubaté tem mais empregos apenas na faixa de ensino superior incompleto (66% frente aos 62% na RASJC). Na RA o número de empregos com ensino superior completo são um pouco maiores (18% na RASJC e 14% em Taubaté).

A análise empreendida demonstrou a mudança significativa no perfil do trabalho fabril nessas áreas comparadas. Assim, de posse dessas informações, cabe verificar se a remuneração pelo trabalho mais complexo e com exigência de maiores qualificações acompanham essas transformações no espaço e no tempo.

Nesse sentido a tabela seguinte expõe a evolução da remuneração média dos empregos fabris na RMSP, RASJC e Taubaté. Embora haja particularidades na evolução dos empregos entre a RMSP e as demais, o que verificamos em conformidade para essas três áreas é o aumento dos empregos nas menores faixas salariais.

Tabela 16. Evolução da remuneração média dos vínculos empregatícios da indústria de transformação na Região Metropolitana de São Paulo, Região Administrativa de São José dos Campos e Taubaté

| Faixas Salariais | RMSP | | | | | |
|------------------|------------------------|------------------|------------------|----------------|------------------|------------------|
| | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2012 |
| de 0,1 a 2 | 381.160 | 132.770 | 24.502 | 32.781 | 185.034 | 430.092 |
| de 2,01 a 5 | 635.295 | 644.087 | 515.425 | 488.893 | 504.048 | 482.376 |
| de 5,01 a 10 | 330.957 | 410.690 | 312.196 | 217.979 | 184.185 | 161.398 |
| de 10,01 a 20 | 133.296 | 214.230 | 211.186 | 129.796 | 96.000 | 78.082 |
| mais de 20 | 42.405 | 85.188 | 107.380 | 62.211 | 42.399 | 26.216 |
| Total | 1.523.113 | 1.486.965 | 1.170.689 | 931.660 | 1.011.666 | 1.178.164 |
| Faixas Salariais | RA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS | | | | | |
| | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2012 |
| de 0,1 a 2 | 13.579 | 8.009 | 3.257 | 3.747 | 13.085 | 28.852 |
| de 2,01 a 5 | 39.552 | 26.555 | 21.939 | 28.040 | 36.225 | 52.485 |
| de 5,01 a 10 | 37.582 | 39.806 | 24.452 | 25.696 | 30.140 | 31.790 |
| de 10,01 a 20 | 15.279 | 21.121 | 28.035 | 23.480 | 18.021 | 15.465 |
| mais de 20 | 4.265 | 8.450 | 0 | 8.745 | 7.611 | 4.208 |
| Total | 110.257 | 103.941 | 77.683 | 89.708 | 105.082 | 132.800 |
| Faixas Salariais | TAUBATÉ | | | | | |
| | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2012 |
| de 0,1 a 2 | 2.355 | 1.286 | 345 | 383 | 1.665 | 5.052 |
| de 2,01 a 5 | 6.276 | 1.835 | 2.047 | 4.029 | 6.443 | 10.936 |
| de 5,01 a 10 | 5.159 | 7.469 | 1.652 | 2.656 | 4.156 | 6.099 |
| de 10,01 a 20 | 1.900 | 2.397 | 7.043 | 6.360 | 3.119 | 3.679 |
| mais de 20 | 476 | 732 | 2.031 | 1.612 | 774 | 799 |
| Total | 16.166 | 13.719 | 13.118 | 15.040 | 16.157 | 26545 |

Fonte: MTE-RAIS/CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Org: Ítalo Franco Ribeiro.

No caso da RMSP, diferente do que ocorreu na RASJC e em Taubaté, a recuperação dos empregos na indústria foi menor do que para essas duas áreas, em termos porcentuais. A relação das faixas salariais que compõem o total de empregos para os diferentes anos da série demonstra que a remuneração média da indústria localizada na RMSP está centrada na faixa de 2,1 a 5 salários mínimos.

Essa faixa salarial abrange 41% de todo emprego gerado na indústria da RMSP. Um dado que merece atenção é o intervalo que compõe a menor faixa de remuneração, de 0,1 a 2 salários mínimos. Essa faixa salarial demonstra grande evolução a partir de 1995, ano no qual chegou a representar 6,4% do total de empregos que esta mesma faixa registrou no ano de 1985, ou seja, nesse ano tal faixa salarial perfazia $\frac{1}{4}$ do total de empregos da região.

O interessante a notar é um primeiro movimento de queda de empregos remunerados com essa faixa até 1995 e depois sua constante retomada. Se considerar apenas o intervalo

entre 1985 e 2012, o crescimento dessa faixa de remuneração no total de empregos é de 13%, já em comparação entre os anos 1995 e 2012, esse aumento ultrapassa os 1000%.

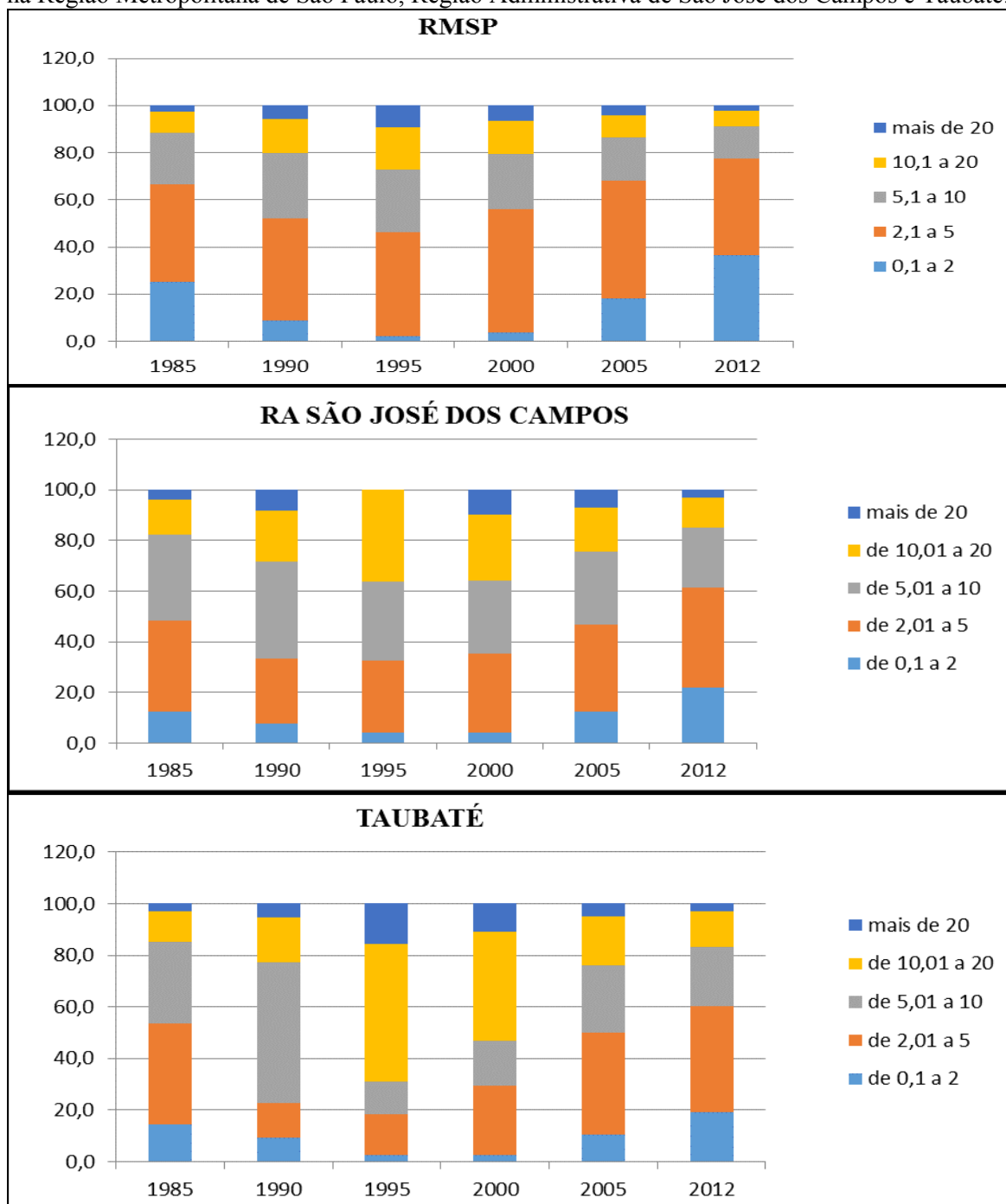
No ano de 2012, aproximadamente 78% dos empregos fabris na RMSP se concentraram entre as menores faixas salariais. O total de empregos na faixa de remuneração média entre 0,1 e 2 salários mínimos perfazem 37% e a faixa entre 2,1 a 5 salários mínimos alcança 41%

Na RASJC o comportamento da indústria se assemelha à RMSP, os postos de trabalho com faixa salarial entre 5 e 10 salários mínimos foi a que mais teve retração durante o período. Nessa RA, apenas duas faixas salariais tiveram diminuição em relação ao início da série histórica, são as faixas de 5 a 10 e mais de 20 salários mínimos. Dentre as faixas com maior crescimento dos postos de trabalho estão aquelas de remuneração mais baixa, de 0,1 a 2 e de 2,1 a 5 salários mínimos. Na RASJC, essas duas faixas concentraram, no ano de 2012, aproximadamente 61% dos postos de trabalho na indústria de transformação.

Em Taubaté o cenário é semelhante, contudo os empregos fabris na cidade apresentam um grau de remuneração mais elevado do que os da RMSP e ligeiramente mais elevado que no âmbito da sua região. As duas menores faixas salariais têm o maior peso no total de empregos no município. Somadas, ambas as faixas compreendem 61% do total da indústria de transformação, sendo que entre 0,1 e 2 salários mínimos são 19%, já 41% refere-se aos empregos quem obtêm entre 2,1 e 5 salários mínimos.

Em comparação, pode-se se dizer que a indústria de transformação instalada no município de Taubaté tem uma remuneração média superior à registrada na RMSP e similar à RASJC. Em parte, essa situação se deve ao subsetor de atividade industrial instalado no município obter, no contexto industrial, remunerações maiores do que os demais subsetores que conformam a indústria de transformação, o setor de material de transporte, com predomínio dos grandes estabelecimentos do setor automotivo. Essa característica do setor industrial do município também é revelada nos empregos que obtêm maiores remunerações, pois devido à estrutura do emprego industrial local estar atrelado aos grandes estabelecimentos, há necessidade de maior quantidade de profissionais que exercem comando e gerenciamento dos processos de produção, enquanto na RMSP, devido à preponderância nos estabelecimentos de menor porte, há menor quantidade de profissionais envolvidos nesses processos. Nos gráficos a seguir podemos visualizar melhor o movimento dos empregos segundo as faixas de remuneração ao longo da série histórica analisada.

Gráfico 4. Evolução da remuneração média dos vínculos empregatícios da indústria de transformação na Região Metropolitana de São Paulo, Região Administrativa de São José dos Campos e Taubaté.



Fonte: MTE-RAIS/CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Relação anual de Informações sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Org: Ítalo Franco Ribeiro.

No caso de Taubaté, essa constatação demonstra que o movimento de realocação da indústria, ao passo que exige maior grau de instrução de trabalhadoras e trabalhadores não se verifica a maior remuneração pelo trabalho, pois o que podemos observar a partir dos dados foi um aumento do número de postos de trabalho nas menores faixas de remuneração. Ao comparar os dados da RMSP e da RASJC com os patamares registrados em Taubaté,

constatamos que a remuneração média do emprego da indústria de transformação localizada nesse município é maior que a observada em ambas as regiões, mesmo que ligeiramente maior do que a própria região.

Guardadas as dimensões dos diferentes universos referentes ao emprego nesses espaços, o que pudemos perceber foi o aumento das faixas salariais de maior remuneração ao longo dos anos da série histórica em Taubaté, aumento superior ao apontado pelos dados referentes à RMSP, mesmo diante do contexto da região em que está inserida. Portanto, o que se observou durante a exposição dos dados do presente capítulo foi a conjunção de alguns fatores que permitem ao emprego industrial, nessa porção do interior de São Paulo, ter vantagens relativas aos da RMSP.

A centralidade das atividades industriais e, conseqüentemente, a especialização produtiva do território no setor de material de transportes apresentam características restritivas e ao mesmo tempo abrangentes para o emprego. São abrangentes em virtude da amplitude dos ramos industriais envolvidos na cadeia de suprimentos, produção e distribuição de seus produtos, na geração de grande número de empregos quando comparado aos demais setores da economia e pelos patamares salariais e benefícios, especificamente no caso das montadoras, que são cedidos aos trabalhadores e trabalhadoras que integram seus quadros.

No município de Taubaté há a presença de estabelecimentos industriais que se integram à cadeia de suprimentos das montadoras de automóveis, o que gera postos de trabalho, maior arrecadação para o município e polarização de atividades nos diferentes setores da economia.

No entanto, esse mesmo setor industrial que é capaz de dinamizar a economia e ditar as linhas de progresso técnico da indústria também é o setor que pode desestruturar o mercado de trabalho como um todo diante das crises econômicas ou flutuações na demanda, pois os mecanismos para manter a produtividade do setor industrial, em larga medida, requerem ajustes, principalmente nos custos com o trabalho. Por absorver grande quantidade de empregos, qualquer efeito oriundo de estratégias produtivas internacionais, desequilíbrios na estrutura econômica e readequações fiscais do país que façam oscilar o consumo ou que minimizem diretamente a rentabilidade do setor, o elo mais fraco dessa teia de relações é severamente afetado.

Dessa forma, como no município de Taubaté, 44% dos empregos fabris estão diretamente atrelados ao setor de material de transporte, qualquer oscilação na demanda por automóveis no mercado nacional impacta diretamente as estratégias do setor e,

consequentemente, no nível de empregos do município. Como observado anteriormente, em uma conta aproximada a partir dos dados da RAIS e da ANFAVEA, cada emprego direto no setor automotivo corresponde à geração de 12 empregos na própria cadeia, esse número revela o impacto potencial das atividades da indústria automotiva para o conjunto da economia.

Por fim, cabe ressaltar que as características do setor industrial de Taubaté nos leva a refletir acerca do peso dessa situação geográfica, que remete a um eixo importante da industrialização brasileira e que vem sendo constituída historicamente por meio de uma série de estratégias econômico produtivas, seja por parte do Estado, seja por parte de capitais privados, combinada com a uma composição da força de trabalho paulatinamente produzida e organizada segundo uma inserção em ramos industriais de grande relevância para a economia industrial do país. A imbricação de tais fatores nos permite afirmar que essa seja a principal razão na qual os empregos em Taubaté tenham uma média salarial superior à Região Metropolitana de São Paulo e, em relação a sua região imediata, reflète parte significativa das características do eixo em que esta inserida.

Considerações finais

Ao completarmos esse percurso de pesquisa conseguimos aglutinar algumas questões que, mais do que conclusivas, são pontos de partida para futuras reflexões em torno dos processos que continuamente reconfiguram os lugares. Os principais resultados alçados na presente dissertação pressupõem a compreensão do que ocorre em âmbito mais geral e o que há de particularidades nessas dinâmicas, sobretudo, a partir das dimensões econômicas engendradas pelas atividades da indústria em diferentes espaços.

Com isso em mente, um primeiro ponto a ser destacado decorre da constatação de que uma análise em qualquer escala particular põe em relevo uma gama de resultantes e condicionantes que produzem diferenças espaciais, cujas diferenças, na contemporaneidade, são mais tributárias dos processos sociais, políticos e econômicos do presente do que legados histórico-geográficos (HARVEY, 2004).

No que tange às relações econômicas, Santos (1988) chama atenção para os desdobramentos espaciais do atual estágio de desenvolvimento capitalista ao demonstrar que não é possível mais considerar a condição de autossuficiência de determinadas porções espaciais em relação à produção, pois essa se tornou síntese de uma simultaneidade de relações que envolvem lugares particulares para a realização das suas etapas.

Diante disso, conclui o autor que esses mesmos lugares estão submetidos aos comandos diversos de diferentes capitais que estão dispersos em amplas escalas, embora conectados a esses mesmos lugares que efetivamente promovem as atividades de produção. Com isso ressalta-se a potencialidade desses diferentes capitais, no âmbito dos seus circuitos produtivos, produzirem contínuas (des)valorizações entre os lugares mobilizados para a produção, diferenciando-os à medida que se especializam e concentram os fatores necessários para a reprodução desses capitais.

Imersos nessas prerrogativas, no primeiro capítulo o objetivo foi situar esses processos no âmbito da cidade de Taubaté. Com o esforço de traçar um perfil produtivo da indústria localizada na cidade, conseguimos identificar os principais ramos de atividade industrial, a origem dos capitais das principais empresas, inferir, por meio dos dados do setor industrial, os níveis de especialização e concentração da produção e demonstrar quais são os principais produtos da pauta de importação/exportação realizadas por essas empresas e quais lugares, no contexto internacional, realizam interações espaciais para a realização da produção industrial.

Assim, a partir da apreensão dessas dinâmicas, conseguimos alcançar os seguintes resultados:

a) Ao analisarmos o atual contexto do setor industrial da cidade de Taubaté constatamos uma dinâmica econômica produtiva fortemente atrelada a ramos industriais com significativa importância para economia nacional, relevante produção de bens duráveis, principalmente veículos automotores e aparelhos eletrônicos; bens intermediários, com uma gama de produtos oriundos das empresas ligadas ao setor metalúrgico e mecânico, como, por exemplo, a produção de peças para o setor energético, hidroelétricas, extração de petróleo e; bens de capital, com a produção de máquinas e equipamentos, como pôde ser observado a partir do quadro de produtos exportados e importados pelas empresas da cidade;

b) O predomínio de capitais internacionais e extrarregionais entre as principais empresas que movimentam um volume de produtos no comércio internacional acima de US\$ 1 milhão. Essas empresas correspondem, em larga medida, aos segmentos de material de transporte, metalúrgico, mecânico e material elétrico de comunicações, portanto, tratam-se de produtos com alto valor agregado sob a produção de empresas que atuam em diferentes países;

c) Segundo os dados da RAIS e das informações obtidas junto à JUCESP referentes ao ano de instalação dessas empresas, a partir da década de 1990 houve um intenso crescimento do número de novas unidades industriais no município de Taubaté até o ano de 2012, sendo os principais:

- Indústria de Alimentos e bebidas, com 88 unidades e com 6% dos vínculos empregatícios da indústria local, os quais correspondem a 2,1% da massa salarial da indústria de transformação. Os produtos desse ramo não constam nos quadros que apresentam a pauta de importações/exportações na faixa que delimitamos na presente pesquisa, mas há dentre as empresas importadoras a francesa Malteria do Vale LTDA, responsável por fabricação de malte para cervejarias do país, com importações no ano de 2012 que superaram os US\$ 50 milhões;

- Indústria metalúrgica, com 72 unidades, 6% dos vínculos empregatícios, correspondendo a 3,5% da massa salarial. Esse ramo conta com empresas com intensa atividade no comércio internacional, como exemplo, a empresa estadunidense Cooper Cameron, especializada na fabricação de máquinas e equipamentos para a prospecção e extração de petróleo, com exportações superiores a US\$50 milhões e importações entre US\$10 milhões e US\$50 milhões.

- Indústria mecânica, com 44 estabelecimentos, 21% dos vínculos empregatícios, que perfazem 22,6% da massa salarial, com importante participação

na pauta de importação/exportação local, uma das principais empresas desse segmento é a Francesa Alstom, com exportações na faixa entre US\$10 milhões e US\$50 milhões e as importações acima dos US\$50 milhões;

Esses exemplos demonstram uma parte significativa da indústria local que, no entanto, não demonstra o principal setor de atividade industrial da cidade, a indústria de material de transporte. Esse segmento tem o mesmo número de estabelecimentos na cidade, contudo, é mais expressivo em termos de vínculos empregatícios, massa salarial e volume de exportações, além de contar com grandes corporações transnacionais, como são os casos da Volkswagen e da Ford. Ainda conta com uma grande empresa do setor aeronáutico, a Embraer.

Em 2012 havia 25 estabelecimentos da indústria de material de transporte em Taubaté, cujas unidades abrigavam 44% dos vínculos empregatícios, os quais correspondem a 60% da massa salarial da indústria de transformação local. Os volumes de importação/exportação dessas empresas citadas superam a faixa dos US\$50 milhões.

d) com esses dados acerca dos vínculos empregatícios, a indústria de material de transportes tem o maior nível de intensidade nos índices de especialização, concentração e localização em Taubaté. É válido ressaltar que na escala da região, mais de uma cidade apresenta especialização nesse segmento industrial, com são os casos de São José dos Campos e Cruzeiro, e concentração em São José dos Campos, com a maior intensidade da região.

e) Por fim, no primeiro capítulo vimos alguns países mobilizados no conjunto das interações espaciais realizadas por essas grandes empresas. Em relação às importações, os maiores montantes são oriundos da Ásia, Europa e América do Norte. Os principais países de origem das importações são: Estados Unidos, Coréia do Sul, Espanha, China e Alemanha. As exportações têm como principal mercado o próprio continente Americano, com importante volume para os países do Mercosul e México, principalmente de veículos automotores.

Resumidamente, podemos depreender que Taubaté se caracteriza por uma cidade com um setor industrial centrado na produção de bens com significativo valor agregado, com imbricações amplas na escala internacional, onde predominam as interações espaciais efetivadas por grandes empresas multinacionais. Os capitais locais e regionais têm pouca participação nessa faixa de valor no comércio internacional, o que nos leva a inferir que esses capitais estão inseridos em mercados mais próximos, articulando essa cidade aos mercados em escala regional.

Essa primeira aproximação acerca do perfil econômico produtivo revela um importante espaço industrial em que concentra parcela significativa da divisão do trabalho industrial brasileiro. Contudo, esse espaço é resultado de um paulatino acúmulo de estruturas e condições materiais que foram se constituindo em função de diferentes dinâmicas de caráter macroeconômicas, de planejamento estatal em escala regional, estadual e nacional.

As atividades industriais em Taubaté foram originadas a partir de um amplo contexto de produção agrícola regional, com o surgimento das primeiras fábricas têxteis no VPP, ainda no século XIX. Na cidade de Taubaté se concentrou a maior parte das atividades industriais da região, permitindo um adensamento e maior diversificação das atividades urbanas (MÜLLER, 1969).

Contudo, com o processo de reorganização social do trabalho no país, com a expansão da área produtora de café para o Oeste paulista, em decorrência de maior produtividade e inserção do país em um novo contexto de acumulação capitalista, houve um crescente processo de desvalorização do espaço regional, que somente seria incluído novamente no contexto de desenvolvimento capitalista no país já em sua fase urbano industrial, a partir da década de 1940.

Assim sendo, no decorrer do segundo capítulo procuramos demonstrar os diferentes períodos de inserção do espaço regional, no contexto de produção econômica do país. Verificamos um adensamento das atividades industriais a partir de década de 1950, diante dos grandes projetos de desenvolvimento apresentando setores industriais ligados ao núcleo central da industrialização do país, os setores metal-mecânico e automotivo, situação que modificou a estrutura econômica regional marcada pelas atividades tradicionais da indústria, têxtil e alimentícia.

Um marco na história da industrialização do VPP refere-se ao processo de desconcentração espacial da indústria, até então concentrada no aglomerado metropolitano de São Paulo. Esse processo teve como resultado uma reconcentração das atividades nas regiões do entorno da metrópole de São Paulo, privilegiando áreas com densa infraestrutura de transportes e centros urbanos com significativa densidade de relações econômicas (SPOSITO, 2007).

Esse itinerário percorrido no segundo capítulo, mais do que fazer uma revisão da bibliografia, buscou situar Taubaté no âmbito da divisão territorial do trabalho em diferentes períodos econômicos do país. Assim, ressaltamos que seu papel atual na divisão do trabalho não pode ser revelado somente pela escala da cidade, mas situá-la em conformidade à sua

situação geográfica, que possibilita um amplo contexto de vantagens para importantes parcelas do capital industrial. Assim, o atual perfil econômico produtivo dessa cidade é, em larga medida, tributário da situação geográfica do eixo em que está inserida.

De posse dessas informações, no terceiro capítulo nossas atenções se voltaram novamente para o plano da cidade, no entanto, com o objetivo de analisar as mudanças no setor industrial pela dinâmica do emprego/desemprego industrial. Esse procedimento foi realizado a partir da compreensão de um quadro geral de importantes transformações na dinâmica de acumulação capitalista que levaram as empresas a responder de maneira diferenciada às novas exigências do mercado por meio de adaptações nos processos de produção, nos procedimentos gerenciais e, principalmente, nas relações de trabalho. Esse contexto revelou uma fase complexa do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas em que houve um descompasso entre o aumento dos níveis de produção e do emprego.

Diante desses processos, o emprego assumiu um papel central para demonstrar parcela importante das mudanças que vêm ocorrendo na indústria como um todo. Para tanto, a comparação dos dados do emprego fabril da cidade de Taubaté, com os dados da RASJC e RMSP, nos permitiram apontar um conjunto de resultados que definem o conjunto de nossas análises.

a) Em primeiro lugar, houve um aumento percentual do número de estabelecimentos da indústria de transformação em Taubaté acima dos percentuais obtidos pela RMSP e RASJC. Paralelamente, o número de vínculos empregatícios não obteve o mesmo comportamento, marcado pela forte retração nos anos 1990, com recuperação a partir do ano de 2005. No âmbito da região, o crescimento dos empregos em Taubaté foi significativamente maior do que o registrado para o conjunto da RASJC. Em relação à RMSP, essa região demonstra leve recuperação dos empregos eliminados na década de 1990, porém, ainda se mantém abaixo do total registrado no ano de 1985.

b) Um segundo conjunto de indicadores revela que a proporção de empregos por estabelecimentos da indústria de transformação caiu em todas as áreas comparadas, demonstrando um movimento mais geral de eliminação de postos de trabalho na indústria.

c) Em Taubaté há uma tendência da ampliação dos empregos nos estabelecimentos de maiores dimensões, entre os de médio e grande porte, o que diferencia a estrutura do setor industrial local em relação às demais áreas. Nesses estabelecimentos estão concentrados aproximadamente 43% dos vínculos da indústria de transformação local. Por outro lado, na RMSP e RASJC, cresceu o número de empregos ligados a estabelecimentos de

menor porte, embora na RASJC ainda haja grande número de vínculos nos estabelecimentos de maiores dimensões. A RMSP apresenta forte queda nos empregos ligados aos estabelecimentos de maiores dimensões ao longo de toda a série.

d) Verificamos o aumento no grau de instrução do trabalho para todas as áreas, no entanto, na RMSP, a elevação no grau de instrução foi abaixo dos percentuais encontrados na RASJC e Taubaté. Embora existam diferenças quanto aos níveis de instrução entre Taubaté e sua região, não são tão extensas quanto em relação às exigências de maior formação entre essas e a RMSP.

e) Quanto à remuneração média pelo trabalho houve retração em todas as faixas, sobretudo, nos postos de trabalho com as maiores faixas salariais, no entanto, na RMSP esse cenário foi mais aprofundado do que em relação à RASJC e Taubaté. Em comparação entre a RASJC e Taubaté, os empregos desta última se concentram em faixas salariais um pouco acima da região.

Diante do cruzamento dos principais resultados alçados na presente pesquisa, pudemos caracterizar mudanças estruturais no setor industrial ao mesmo tempo em que foi possível vislumbrar diferenças expressas nesse conjunto de mudanças. Depreendemos disso que, mesmo diante de um quadro de precarização dos postos de trabalho, de reformatação dos capitais industriais, de novas estratégias locacionais das indústrias e das suas unidades produtivas, há um movimento mais específico em que situa os ramos industriais localizados em Taubaté, nos quais constatamos elevação do número de empregos, do grau de instrução do trabalho e, embora tenha havido a retração da remuneração média da indústria em geral, a manutenção dos rendimentos médios acima dos patamares da região em que está inserida é maior em relação a principal área industrial do país.

Diante das mudanças no setor industrial de Taubaté ao longo dos últimos 20 anos, podemos inferir que nas análises apresentadas, a cidade está cada vez mais aprofundando os papéis que desempenha na divisão territorial do trabalho, os quais a transforma em um lugar privilegiado para a atividade de segmentos da indústria de transformação, permitindo vantagens que são compreendidas a partir dos atributos de sua situação geográfica.

Bibliografia

AB'SABER, A. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALVES, G. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2ª edição. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007.

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E., GENTILLI, P. (Orgs). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p.9-23.

ANFAVEA. Associação Nacional dos Fabricantes de veículos Automotores. **Anuário da Indústria Automobilística Brasileira**, 2012.

ANTUNES, R. **ADEUS AO TRABALHO?**. Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **O caracol e sua concha**: Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **Os sentidos do Trabalho**. 10ª ed. São Paulo. Boitempo, 2009.

ARROYO, M. M. Dinâmica Territorial, Circulação e Cidades Médias. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar. **Cidades Médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BELLUZZO, L. G. O declínio de Bretton Woods e a emergência dos mercados “globalizados”. **Economia e sociedade**, Campinas, nº 04, p. 11-20, 1995.

BIELSCHOWSKY, R. Investimentos na indústria brasileira depois da abertura e do Real: mini-ciclo de modernizações 1995-97. **Série reformas econômicas**. Santiago do Chile: CEPAL, n. 44, 1999.

BJORNBERG, A. J. S. Contribuição ao estudo da Bacia de Resende. **Boletim da Sociedade Brasileira de Geologia**. Rio de Janeiro. v. 17, n. 11, p. 65-74. 1968.

BRANDÃO, C. A. A espacialidade da riqueza: notas teóricas sobre as principais determinações da dimensão espacial do desenvolvimento capitalista. **CADERNOS IPPUR**, ano XV, v. 1, jan-jul, 2001.

_____. **Território e Desenvolvimento**: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

BRASIL. **II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979)**. Brasília: Imprensa Oficial, 1974.

BRASIL. Agência Nacional de Transportes Terrestres. **Relatório de Exploração de Infraestrutura Rodoviária 2012 / Agência Nacional de Transportes Terrestres**, ano 11, n.º 01: ANTT, 2012

BRUNET, R; ROBERT, F; THÉRY, H. **Les mots de la géographie: dictionnaire critique**. Couverture. Montpellier: Reclus, 1993.

CAMAGNI, R. **Economía Urbana**. Barcelona: Antonio Bosch, 2005.

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1990.

_____. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil: 1930 - 1970**. São Paulo: UNESP, 2007.

CARNEIRO, Ricardo. Impasses do desenvolvimento brasileiro: a questão produtiva. **Texto para discussão**, IE-UNICAMP, n. 153, nov. 2002.

CASOTTI, B. P. GOLDENSTEIN, Marcelo. **Panorama do setor automotivo**: as mudanças estruturais da indústria e as perspectivas para o Brasil. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n.28, p.147-188, set. 2008.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: _____ (org.). **A finança mundializada**: raízes sociais e políticas, configuração, consequências. São Paulo: Boitempo, 2005.

COGGIOLA, O. Trotsky e a lei do desenvolvimento desigual e combinado. **Novos Rumos**, São Paulo, n. 42, p. 4-23, 2004.

CORRÊA, R. L. Interações Espaciais. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações Geográficas**: percursos no fim de século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 279 – 318.

_____. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COSTA, S. L. **Taubaté**: O local o global na construção do desenvolvimento. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2005.

DEAN, W. **A industrialização de São Paulo (1880-1945)**. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra; MONTEIRO, Sergio Marley Modesto. O Estado e suas Razões: o II PND. **Revista de Economia Política**, vol. 28, nº 1 (109), p. 28-46, jan/mar, 2007.

FUNDAÇÃO SEADE. Atlas Seade da Economia Paulista. (2006) Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/atlas>>.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. 33ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Regional Global**: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAESBAERT, R; PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: UNESP, 2006.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **Espaços da Esperança**. São Paulo, Loyola, 2004a.

_____. **O Novo imperialismo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2004b.

_____. **Produção capitalista do espaço**. 2ª. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

LENCIONI, S. Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. **Espaço & Debates**. São Paulo: NERU, n.38, 1994, p.54-61.

_____. Mudanças na Metrópole de São Paulo (Brasil) e as transformações industriais. **RDG - Revista do Departamento de Geografia - USP**, n 12, 1998, p. 27- 42.

_____. Mudanças na Metrópole de São Paulo e Transformações Industriais. In: SPOSITO, Eliseu Savério. (org) **Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades**. Presidente Prudente: UNESP/FCT: GAsPERR,1999.

_____. Cisão territorial da indústria e integração regional no Estado de São Paulo. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos Filgueira (Org.). **Regiões e cidades, cidades nas regiões**. O desafio urbano- regional. São Paulo: Unesp/ Anpur, 2003. pp.465- 475.

_____. Reestruturação Urbano-Industrial no Estado de São Paulo: a região na metrópole desconcentrada. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 2006. Quinta Edição.

_____. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. **Revista de Geografia Norte Grande**, 39: 7-20, 2008.

LESSA, S. N. A construção do Pólo Regional do Vale do Paraíba: Planejamento Regional e Ordenamento Territorial de São José dos Campos. In: ZANETTI, Valéria (org). **Os Campos da Cidade: São José Revisitada**. Vol.1. São Paulo: Intergraf, 2008.

LORENZO, A. L. de. **Italianos em Taubaté**: o núcleo colonial do Quiririm, 1890/1920. (Mestrado em História Econômica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

LÖWY, M. **A teoria do desenvolvimento desigual e combinado**. Actuel Marx, [s/l], n. 18, p. 73-80, 1995. Disponível em: <http://npdr.files.wordpress.com/2007/10/lowy-michael.pdf>.

LUSSIEU DA SILVA, M. A inserção internacional das grandes empresas nacionais. In: LAPLANE, Mariano, COUTINHO, Luciano e HIRATUKA, Célio. **Internacionalização e desenvolvimento da indústria no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP; Campinas, SP: Instituto de Economia da UNICAMP, 2003.

MAMIGONIAN, A. Notas sobre o processo de industrialização no Brasil. *Boletim do Departamento de Geografia, Presidente Prudente*, n. 2, p. 55-63, 1969.

_____. O processo de industrialização em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo. AGB, 50, 1976.

_____. Teorias sobre a Industrialização Brasileira. **Cadernos Geográficos**. Florianópolis: UFSC-CFH-GCN, n° 2, maio/2000.

MANTEGA, G. O GOVERNO GEISEL, O II PND E OS ECONOMISTAS. **EAESP-FGV**. Relatório de Pesquisa n° 3, 1997.

MARTINS, J. S. **O poder do atraso**: ensaios de sociologia. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **O cativo da Terra**. 9ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MATTOS, F. **Transformações nos mercados de trabalho dos países capitalistas desenvolvidos a partir da retomada da hegemonia americana**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. Campinas, SP: [s.n.], 2001.

MATTOSO, J. **A desordem do trabalho**. São Paulo: Scritta, 1995.

_____. **O Brasil Desempregado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

MEIHY, J. C. S. B. **Vale de Lágrimas**: História da Pobreza em Taubaté. Tese de livre Docência, São Paulo – SP, FFLCH, Universidade de São Paulo, 1982.

MELLO, J M. C. de. **O Capitalismo Tardio**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MÜLLER, Nice Lecqoc. Estudo de Geografia Urbana. **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 27, n° 1, 1965, p. 71 – 110.

_____. **O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba – São Paulo**. Biblioteca Geográfica Brasileira, Série A, Publicação 23. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1969.

NEGRI, B; PACHECO, C. A. Mudança tecnológica e desenvolvimento regional nos anos 90: a nova dimensão espacial da indústria paulista. **Espaço & Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos**. Ano XIV, n° 38, 1994, p. 62-82.

NEGRI, B. **Concentração e Desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)**. Campinas; São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

OLIVEIRA, F. de. **Elegia para uma Re(li)gião**: SUDENE, Nordeste, planejamento e conflito de classe. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PINTO, G. A. **A organização do trabalho no século 20**: taylorismo, fordismo e toyotismo. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

POCHMANN, M. **O trabalho sobre fogo cruzado**. São Paulo: Contexto, 1999.

POCHMANN, M.; PRONI, Marcelo W. Globalização, neoliberalismo e reestruturação produtiva. In: DEDECCA, C. S. & PRONI, M. W. (orgs.) **Economia e proteção social: textos para estudo** dirigido. Campinas/SP: Unicamp.IE; Brasília/DF: MTE; Unitrabalho, 2006.

POCHMANN, M. **O emprego no desenvolvimento da nação**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2012

PRADO JR, C. **História Econômica do Brasil**. 43ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS - RAIS. Bases da RAIS. Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <www.mte.gov.br>.

RICCI, F. O desenvolvimento regional e a dinâmica do movimento do capital. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 1, n. 2, p. 3-15, mai/ago 2005.

_____. **Indústrias Têxteis na Periferia. Origens e o Desenvolvimento: O caso do Vale do Paraíba**. Taubaté: Cabral, 2006.

_____. Um século de Benefícios Fiscais: Políticas Públicas de atração de investimentos e desenvolvimento dependente no Vale do Paraíba Paulista. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 3, n. 4, p. 140-149, nov 2007.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. Ed. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos Teórico e metodológico em Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

_____. O retorno do território. In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura. (org's). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 1996, 3ª ed., p.15-20.

_____. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território**, ano IV, n. 6, jan/jun, 1999.

_____. **A natureza do espaço. técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6ª. Ed. São Paulo, EDUSP, 2008.

_____. **Espaço e Método**. 5ª. Ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, M.; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEADE. **Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados**. Publicação integrante do Diagnóstico para Ações Regionais da Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo. n° 14, 2007. São Paulo: Seade online, 2007.

SILVA, Vinícius Nunes da. **Guerra fiscal**: as políticas públicas de incentivo ao crescimento econômico de Taubaté Pós 1990. 63f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2013.

SILVEIRA, M. L. **Uma situação geográfica**: do método à metodologia. Revista TERRITÓRIO, ano IV, n° 6, jan./jun. 1999.

SINGER, P. **Globalização e desemprego**: diagnósticos e alternativas. São Paulo: Contexto, 2001.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

SOCOTHERM BRASIL. Disponível em: <http://www.socothermbrasil.com.br/empresa_perfil.php>. Acesso em: 30 mar. 2011.

SOTO, M. C. M. Indústria e Transformações Urbanas: Taubaté 1891/1942. **Revista de História**, São Paulo, FFLCH-USP, n° 135, 2° semestre, 1996.

_____. **Pobreza e Conflito em Taubaté**: 1860-1935. São Paulo: Annablume, 2000.

SPOSITO, E. S. **Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades**. Presidente Prudente: GAsPERR/FCT-UNESP, 1999.

_____. Reestruturação produtiva e reestruturação urbana no Estado de São Paulo. In: **IX Colóquio Internacional de Geocrítica** - Los problemas del mundo actual. Soluciones y alternativas desde la geografía y las ciencias sociales. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 28 de maio a 1 de junho de 2007.

_____. Desenvolvimento regional: questões e questionamentos sobre o conceito de desenvolvimento. **Seminário Internacional sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Geóide: Presidente Prudente, 2010.

SPOSITO, E. S.; MATUSHIMA, Marcos Kazuo. **A dinâmica econômica no Estado de São Paulo**: do paradigma de área ao paradigma do eixo de desenvolvimento. In: SILVA, João Márcio Palheta da & SILVEIRA, Márcio Rogério (Orgs.). Geografia Econômica do Brasil – temas regionais. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2002.

SPOSITO, M. E. B.; SPOSITO, E.; SOBARZO, O. (Orgs.). Cidades médias: produção do espaço urbano e regional. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SPOSITO, M. E. B. (Org) As cidades médias e os contornos econômicos contemporâneos. Urbanização e Cidade. **Perspectivas Geográficas**. Presidente Prudente: UNESP, 2001.

_____. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. Tese (Livre docência). Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2004.

_____. Novas formas de produção do espaço urbano no Estado de São Paulo. In: REIS, Nestor Goulart; TANAKA, Marta Soban. Brasil: Estudos sobre dispersão urbana. São Paulo: FAU – USP, 2007, p. 07-27.

_____. **A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais.** In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. (orgs.). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011, p. 123-145.

SUZIGAN, W. **Indústria brasileira: origem e desenvolvimento.** São Paulo: Hucitec, Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

TAUBATÉ. **Decreto nº 6.834 de 9 de abril de 1992.** Dispõe sobre a regulamentação da Lei Complementar nº 18, de 17 de Fevereiro de 1992. "A VOZ DO VALE DO PARAÍBA" dia 25 de abril de 1992. Disponível em: <<http://www.taubate.sp.gov.br/>>. Acesso em jul. 2013.

TAUBATÉ. **Lei Complementar Nº 18, De 17 De Fevereiro De 1992.** Dispõe Sobre Política De Incentivo Ao Desenvolvimento Econômico. "A VOZ DO VALE DO PARAÍBA" dia 21 de fevereiro de 1992. Disponível em: <<http://www.camarataubate.sp.gov.br/>>. Acesso em: jul. 2013.

TAUBATÉ. **Lei Complementar Nº 184, de 05 de março de 2008.** Dispõe sobre a consolidação das normas relativas aos incentivos fiscais, com a criação do Programa Ostensivo de Incentivo ao Desenvolvimento Econômico do Município de Taubaté – PROINDE e dá outras providências. "DIÁRIO DE TAUBATÉ" do dia 8 de março de 2008. Disponível em: <<http://www.camarataubate.sp.gov.br/>>. Acesso em jul. 2013.

THÉRY, H. Chaves para a leitura do território paulista. In: **Atlas Seade da economia paulista**, Fundação SEADE, 2006.

TRAJANO, E. **Industrialização e políticas de desenvolvimento regional: O Vale do Paraíba Paulista na segunda metade do séc. XX.** Tese de Doutorado em História Econômica, São Paulo – SP, FFLCH-USP, 2009.

Referências Fílmicas

TENDLER, S. Encontro com Milton Santos: O Mundo Global visto do lado de cá [filme-vídeo]. Produção de Silvio Tandler e Ana Rosa Tandler por Caliban Produções Cinematográficas, direção de Sílvio Tandler. São Paulo, Caliban Produções, 2006. DVD, 89 min. Documentário. Disponível em: <http://memoriainvencao.wordpress.com/2012/09/08/para-descolonizar/>>. Acesso em: dez 2013.